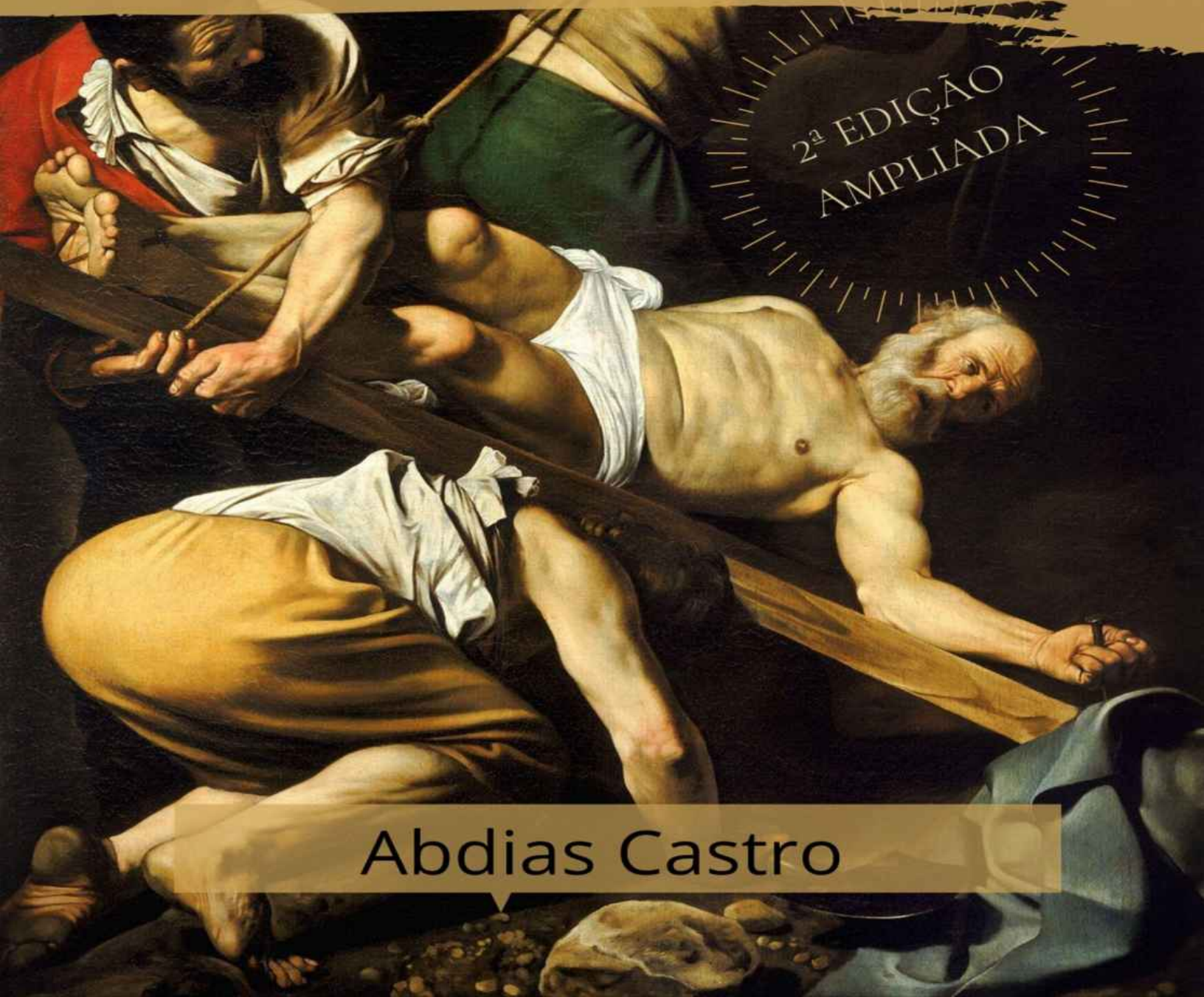
EDIÇÕES CASTRO

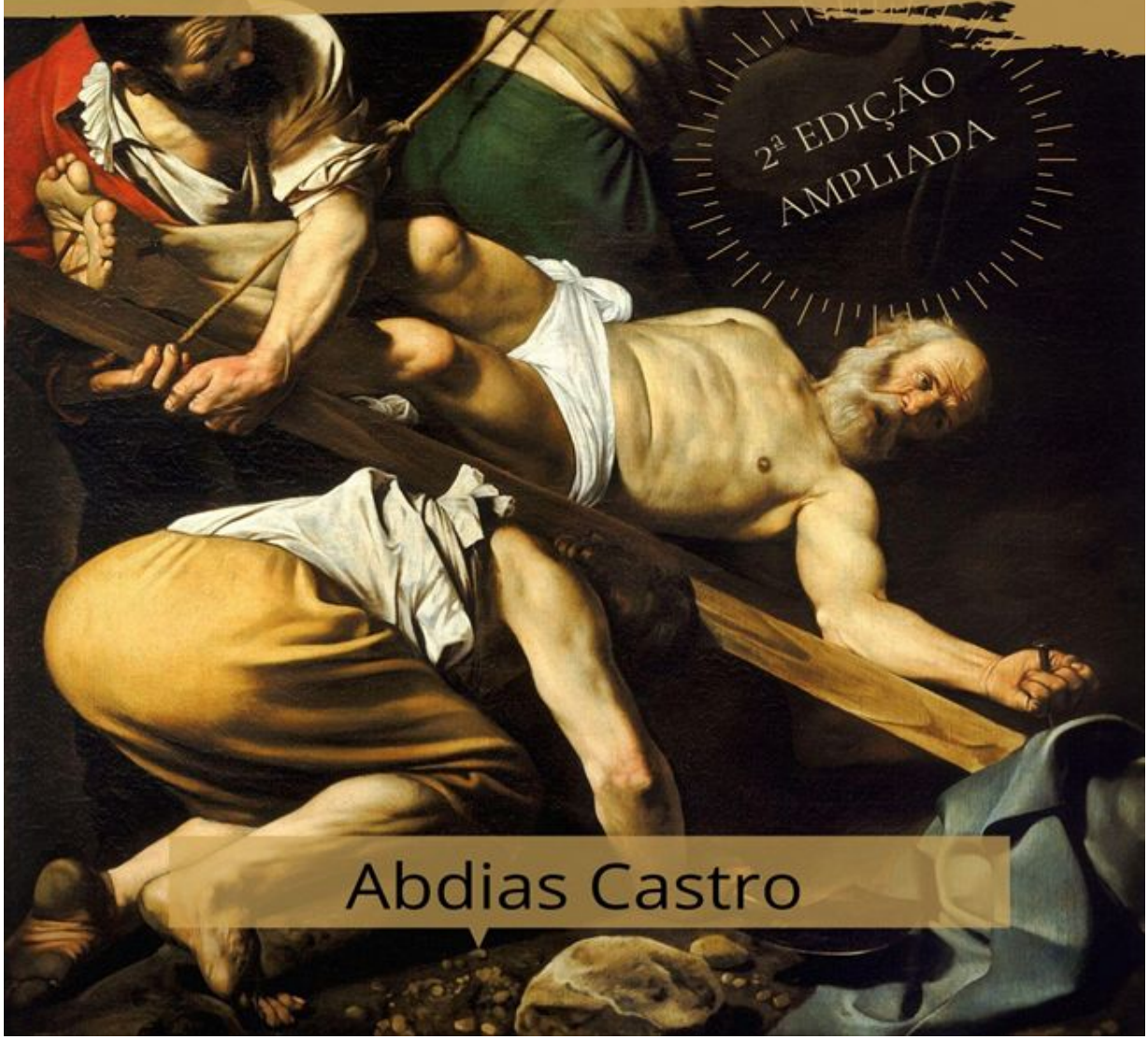
VIDA E MORTE DOS APÓSTOLOS



2ª EDIÇÃO AMPLIADA

Abdias Castro

VIDA E MORTE DOS APÓSTOLOS



2ª EDIÇÃO AMPLIADA

Abdias Castro

VIDA E MORTE

DOS

APÓSTOLOS

EDIÇÃO AMPLIADA

VIDA E MORTE

DOS

APÓSTOLOS

EDIÇÃO AMPLIADA

ABDIAS CASTRO

BRASIL – 2019

Todos os direitos reservados Copyright©2019, de Abdias Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Castro,Abdias Vida e morte dos apóstolos /Abdias Castro. – 2. Ed. – Joinville – SC: 2019

ISBN

1. História da Igreja – 2. Igreja Primitiva – 3. Liderança – I Título
C355a CDD 270

DEDICATÓRIA

Para os meus pais Abdias e Rosalina Castro.

Aos meus pastores, Kenneth Lee Davis, Expedito Dias Reis e Arlindo Melo; verdadeiros “enviados” do Senhor

PREFÁCIO

Acreditamos que um estudo sobre a história da vida e morte dos Apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo nos levará a ter um compromisso mas a sério e observar que a postura dos Apóstolos de Cristo deve ser um modelo que fará com que todos os cristãos em todas as épocas levem mais a sério a sua fé. Entendemos que o martírio a que foram submetidos em si não legitima a fé, nem justifica doutrinas por si só. Não é o ato de sacrificar-se em nome de uma convicção que transforma esta convicção em verdade. Porém, quando compartilhamos desta convicção, o que observamos nos Apóstolos de nosso Senhor nos leva naturalmente a uma reflexão a respeito da natureza da nossa própria fé.

A história exige necessariamente certa atenção a nomes, eventos externos e sequencias de acontecimentos, mas o leitor deve olhar para além dessas coisas; deve olhar para a vida religiosa dos envolvidos, a fim de compreender a perspectiva que esse livro conta historias de pessoas reais. E nesse caso, as pessoas eram muito humanas, a despeito da afirmação teológica de que faziam parte de um povo especial e redimido pelo sangue do nosso Senhor Jesus.

O autor, pastor Abdias Alves de Castro Filho escreve a partir da perspectiva de que a vida e a morte dos Apóstolos é uma historia da maior relevância a comunidade cristã de nosso tempo, pois trata-se da vida e morte de homens dos quais o mundo não era nem é digno deles.

Passagem Franca, julho de 2019

Antonio **Arlindo** dos Santos **Melo** Arlindo Melo é Bacharel em Teologia com especialização em Ciência das Religiões, Docência do Ensino Superior e licenciatura em filosofia. Atualmente é pastor presidente do campo de Passagem Franca – Piauí.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA **5**
PREFÁCIO **7**
INTRODUÇÃO À EDIÇÃO AMPLIADA 15

PEDRO **25**
Origens 26
Negócios 27
Chamado 27
Formação 29
Primeiro papa? 30
O líder 31
Caná e Cafarnaum 32
Jerusalém 33
Um discípulo controverso 36
Um misto de coragem e covardia 41
O Mestre voltou 46
Pedro e Paulo 49
Seus escritos 51
Teologia de Pedro 52
O martírio 55
Apócrifos 57

ANDRÉ **59**
O chamado 60

Ministério 64
O martírio de André 66
Os restos mortais 69

TIAGO **71**
Ministério pós-Pentecostes 74
Sua morte 76
Os restos mortais 79

JOÃO **83**
O discípulo amado 84
Seu chamado 85
João e o ministério com Jesus 86
Ele vive 88
Que te importa se quero que este fique? 89
Seu ministério em Éfeso 90
Seus escritos 92
O fim de João 94

FILIPE **97**
Chamado apostólico 97
Ministério pós-bíblico 101
Os restos mortais 104

BARTOLOMEU **105**
Origem do apóstolo 106
O chamado 107
O perfil 108
Incursões evangelísticas e martírio 109

Presença na Índia 113
Restos mortais 114

MATEUS **115**
Vem e segue-me 116
Meus amigos para Jesus 120
Seu ministério 124
Seu martírio 125

TOMÉ **127**
Sinônimo de incredulidade 127
Senhor meu, e Deus meu! 133
Tradições generosas 134
A morte de Tomé 136

TIAGO MENOR **139**
Biografia confusa 139
Pequeno ou mais novo? 143
Um zelote? 144
Seu martírio 145
Os restos mortais 146

SIMÃO **149**
Perfil obscuro de um zelote 149
Quem foram os zelotes? 150
Depondo as armas 153
Atividade ministerial 154

Sua morte 156

TADEU **159**
Um homem honrado 159
Quem era seu pai? 161
Tadeu na Armênia 163
Seu matírio 164

JUDAS ISCARIOTES **167**
O polêmico sobrenome 169
O tesoureiro 172
O beijo maldito 174
O suicídio 178
O substituto 180

BIBLIOGRAFIA 183

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO AMPLIADA

Uma das informações mais seguras acerca de Jesus de Nazaré é que ele formou um grupo de seguidores mais próximos a quem treinou e constituiu autoridade, lhes designando como apóstolos, que significa enviados. Foram escolhidos pessoalmente por Jesus, que durante mais de dois anos andou, comeu, e realizou muitas coisas ao lado deles, ensinando-lhes, sobre a Lei e os Profetas, sobre a vida presente e finita e sobre o porvir eterno. Realizou milagres diante de seus olhos e lhes conferiu autoridade sobre as enfermidades e os espíritos imundos. O evangelista Marcos escreveu que Jesus, “subiu a um monte, e chamou a si aqueles que ele quis os quais vieram para junto dele. Escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele os enviasse a pregar” (Marcos 3.13). Conforme eles foram seguindo a Jesus foram aprendendo à medida que participavam do seu ministério e missão a qual Jesus bem declarou em João 4.34; “a minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra”. É muito significativo que eles tenham sido escolhidos ao número de doze, pois remete às doze tribos de Israel. Tão significativo que quando Judas se desviou, o Espírito Santo induziu os discípulos a eleger Matias para seu lugar restaurando a ordem dos Doze.

Nós cristãos que vivemos num contexto de fé e milagres e costumamos permitir que tais sinais e maravilhas se tornem comum aos nossos sentidos. Somos exigentes ao extremo na hora de atestar se determinado evento é ou não milagre, mesmo que seja um evento que reúna detalhes extraordinários não o consideramos milagre sem que haja nele as nuances do sobrenatural, do espetacular, do extraordinário. Mas se considerarmos que um Rabi da Galileia tenha reunido um séquito de doze homens com os quais conviveu e aos quais ensinou e cobrou a prática das mais exigentes mudanças de caráter e aos quais negou por completo a esperança

de realizações pessoais e ambições e que só um tenha se desviado do propósito final, ainda assim para cumprir as profecias, veremos um grande *milagre.* Milagre maior é a sua disposição de mesmo ante a ameaça de morte e a brutal perseguição, permanecerem dispostos a manter a confissão pública de fé. Ao fim, todos os apóstolos, com exceção de João e Judas Iscariotes tiveram mortes horríveis como mártires por pregarem o Evangelho. Tudo o que lhes era exigido para que escapassem da morte era renunciar a Jesus. Mas cada um deles, em épocas e lugares diferentes permaneceram firmes em suas convicções e preferiram a morte brutal a ter que negar ou blasfemar a Jesus. Este é um dos grandes dilemas dos ateus; Se eles negam a existência e o poder do Filho de Deus, por quê todos esses homens estariam dispostos a morrer por uma mentira? Mas o fato é que eles resistiram porque eram testemunhas oculares da ressurreição de Jesus e de suas várias aparições antes de sua ascenção, além de terem sido capacitados pelo Espírito Santo no dia de Pentecostes. Muncaster (2007), diz; “Os apóstolos foram martirizados durante um longo período de tempo e em vários locais. Não houve uma execução em massa. Isto indica a convicção contínua que eles tinham. Não era uma crença de curto prazo e de pouca consequência; era uma crença de mudança de vida, e de suma importância.” Eles se submeteram a um processo de ruptura com a singular xenofobia judaica, imersa no extremado sentimento de unicidade com relação a *Yaveh*, o Deus de Abraão. A missão que receberam de seu Mestre, de evangelizarem o mundo, era por demais desafiadora e perigosa. O mundo do século 1, embora vivesse no aparente ambiente de *pax romana,* exalava o cheiro constante de sangue derramado por conta de conflitos socio-religiosos e culturais. A perseguição à nova fé não veio do estranhamento com povos estrangeiros, mas com o berço judeu e as instituições nativas como o templo, as sinagogas e o Sinédrio. O estrondoso crescimento da *seita do Caminho* suscitou, primeiramente a ira e o ciúme dos saduceus, membros da corrupta elite religiosa que compunha o Sinédrio e dos quais saiam as indicações para o cargo de sacerdotes. A segunda, porém, mais aguerrida oposição, se deu com os fariseus, os quais, unidos com os escribas seguiam de perto os passos de Jesus e seu séquito. A

repulsa dos saduceus à nova fé se deu primeiramente por causa da doutrina da ressurreição dos mortos, rejeitada por eles por questões que envolviam perigo à nobreza romana dominante com a qual mantinham intensos e promísquos laços de amizade e privilégios. A segunda questão envolvida foi a presença ousada dos apóstolos na área do Templo anunciando as Boas Novas do reino, pois isso criava um clima de *é chegada a hora, o Messias está aqui,* capaz de assanhar os ânimos das autoridades romanas e provocar um indesejável estremecimento nas relações políticas e sociais. Afinal, como escreveu o dr. William Steuart McBirnie em sua reputada obra *The Search for The Twelve Apostles* [*Em busca dos doze apóstolos*]: *Ainda surgiam de tempos em tempos sinais de algumas rebeliões localizadas, contudo, não pairava qualquer dúvida sobre o fato de que Roma era a sela sobre a qual se assentavam as regiões da Europa, do Norte da África e da Ásia Menor. Augusto e seu sucessor, Tibério, cavalgavam firmemente e por longo tempo sobre essa sela. Qualquer soberano que questionasse essa posição ou qualquer província que ousasse desafiar César rapidamente se convencia – não sem sanguinolência – de quem realmente regia o mundo.*

Essas incursões dos discípulos de Jesus na área externa do Templo, eram acompanhadas de pregação e de sinais e maravilhas, o que atraia a atenção das massas. Isto, por sua vez atraiu a inveja dos fariseus, considerados os guardiões da Lei Mosaica, os quais perderam parte considerável de sua audiência como intérpretes da lei e advogados da plebe.

Escrever sobre a vida, o ministério e a morte destes doze homens é uma atividade árdua e complicada, visto que, eles sendo tão importantes para a história da Igreja cristã e sua implantação no mundo de seu tempo, não deixaram muito registro de sua passagem por aqui. Nem eles, nem a Igreja, nem historiadores da época atentaram para tão importante ofício para as gerações futuras. Sobre alguns deles obteremos mais informações, como Pedro, João e Mateus, principalmente porque eles mesmos escreveram. Além disto, tiveram um envolvimento mais próximo do Senhor, e envolveram-se em episódios importantes da Bíblia, facilitando a

garimpagem do escritor em tela. Já outros, nem escreveram, nem se envolveram diretamente nos episódios, e nem alguém escreveu sobre eles. Para complicar, sobre eles existem apenas tradição e lendas. E isso abre um leque de oportunidade para especulações que apenas dificultam ao pesquisador encontrar a verdade.

O Deus que se fez homem e habitou entre nós desencadeou seu curto ministério provavelmente no ano 30 do nosso calendário, quando tinha por volta de 30 anos de idade. Ele não se dirigiu às entidades judaicas como o Templo e o Sinédrio. Também não buscou a nobreza ou os doutores da Lei. Muito ao contrário; chamou homens incultos, (embora não iletrados), lavradores, pescadores, revolucionários e publicanos de vida duvidosa. O insigne escritor Aramis De Barros em sua cebradíssima obra *Doze homens, uma missão* escreveu: *Portanto, [...] no princípio do cristianismo a maioria dos que compunham as fileiras eclesiais, atendendo ao chamado do Mestre, era formada por indivíduos oriundos das classes mais baixas e empobrecidas do mundo romano, como oportunamente Paulo registra em 1 Coríntios 1. 26-28.*

Não poderia ser mais improvável tal conjuntura. Afinal, esta era a *equipe especial* de Jesus. As pessoas que iriam levar adiante o ousado projeto de instalar a Igreja cristã e sua nova fé, ao mundo conhecido da época. A estes Jesus chamou de apóstolos, que significa *enviados.* É relevante dizer que não é correta a visão de senso comum que julga os apóstolos, homens sem cultura nem instrução, atribuindo-lhes aspectos sociais de *ralé.* É possível que quase todos tenham alcançado graduação no ensino das sinagogas as quais frequentavam, onde receberam educação profunda das Escrituras e costumes da nação judia e da cultura greco-romana nas quais estavam compulsoriamente inseridos. A maioria deles estudou na sinagoga de Cafarnaum, e não havia em toda a Galileia uma escola judaica melhor que aquela. É fato também que nenhum deles alcançou nível profundo de interpretação das Escrituras ao nível dos rabinos e doutores da Lei, visto não terem frequentado escolas superiores de ensino convencional nem as estereotipadas *escolas de Hilel ou Gamaliel*. Quando digo Hilel ou Gamaliel me refiro ao alhinhamento intelectual. A palavra grega traduzida como “sem

letras”em Atos 4.13 é equivalente a *soldado comum* em relação aos seus comandantes. Lucas não está declarando que Pedro e João fossem analfabetos mas que eram homens do povo em oposição aos rabinos e doutores da Lei, acostumados à exposição de sermões teológicos. Champlin diz: *“A referência especial [...] sem dúvida diz respeito a cultura rabínica, e não a educação elementar dos apóstolos. Pedro não exibia o refinamento de linguagem que um rabino culto geralmente empregava. [...] Não haviam os apóstolos sido criados aos pés dos doutos, em qualquer das escolas e universidades dos judeus”. (Russell N. Champlin, Ph.D – Novo Testamento, Interpretado Versículo por Versículo).*

Para o momento basta dizer que dificilmente se achava um judeu analfabeto visto que a instrução fundamental era uma exigência da sinagoga e da Torá. Além disso sabemos que a maioria das famílias educava seus filhos em casa, quase sempre através da leitura assídua da Torá e outros textos relacionados com a fé judia. Coleman diz: *Os judeus do primeiro século eram um povo inteligente, com forte senso de apreciação da cultura. [...] Na época do Novo Testamento, muitas famílias possuíam exemplares do Torá, e os pais ensinavam regularmente a seus filhos. [...] A maioria do povo sabia ler não apenas em língua nativa, mas também em grego e latim. [...] Nos dias de Cristo, a escola já era coisa comum, e o povo não era apenas alfabetizado, mas realizava estdos avançados em filosofia, línguas, matemática e outras disciplinas.” (Coleman, Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos, Ed. Betânia, 1991.)* Durante quase três anos Jesus treinou estes homens dia e noite. Dormia com eles, comiam juntos, andavam e viajavam em grupo. Hoje o cristianismo é a maior religião do mundo, porém, a história destes homens responsáveis por disseminar esta fé pelo mundo debaixo de perseguição e ameaças, incluindo a morte consumada, permanece um mistério. Suas histórias de labor missionário ficaram esquecidas ao longo de 2000 anos. A Bíblia revela que Jesus, depois de passar a noite inteira orando, escolheu doze homens aos quais chamou de apóstolos. Lucas, relaciona-os assim: Simão, chamado Pedro; André seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu; João, irmão de Tiago; Filipe; Bartolomeu, chamado Natanael; Mateus, o publicano também chamado de Levi; Tomé, o Dídimo; Tiago Menor,

Simão, o Zelote, Judas Tadeu, também chamado de Lebeu e Judas Iscariotes, o que traiu Jesus.

É nesta ordem que vamos analisar a vida, o ministério, a personalidade, a teologia e a morte de cada um deles, conforme a tradição e a história nos permita alcançar.

O chamado dos apóstolos é um episódio chave dos Evangelhos e está registrado em Mateus 4.18-22, Marcos 1.16-20 e Lucas 5.1-11. João descreve o chamado de forma um pouco diferente, relatando primeiramente o encontro em separado com dois dos discípulos, sendo um deles André, quando estes ainda eram seguidores de João Batista.

Há uma grande diferença entre um discípulo comum e um apóstolo. Discípulo vem da palavra grega *mathetes* e significa seguidor e aprendiz. Já a palavra apóstolo, do grego *apostellein,* significa enviado; literalmente, aquele que foi enviado com uma missão. “Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados e eu darei descanso a vocês”. É um chamado universal e gentio, associado ao conforto espiritual e a segurança. Já o chamado apostólico, muito associado ao chamado pastoral está registrado em Mateus 4.19: *Sigam-me e eu vos farei pescadores de homens.*

É um chamado restrito e desafiador. Envolve mais que renúncia, envolve sacrifício da própria vida. Podemos observar que durante o ministério de Jesus os 12 eram quase sempre chamados de discípulos. Porém, algumas vezes, quando eram *enviados* em alguma missão eram chamados de apóstolos.

PEDRO

Pelo que se depreende da leitura dos Evangelhos Sinóticos, do livro de Atos dos Apóstolos e da carta paulina aos Gálatas, Simão Pedro era um homem austero, sanguíneo e fiel. Ele entrou para a História como o discípulo que negou Jesus três vezes. No entanto, irei demonstrar mui claramente a sua fidelidade ao Mestre através de uma análise mais detida dos fatos. Pedro, é sem sombra de dúvidas a mais célebre testemunha do Senhor e o mais destacado dos doze apóstolos. Seu destaque é notório desde a relação dos nomes dos discípulos, onde figura sempre em primeiro lugar, assim como Judas figura em último, numa clara alusão à posição hierárquica. Assim como o último lugar na lista é reservado ao abjeto traidor, Judas Iscariotes, indicando demérito e ignomínia, o lugar primeiro, dedicado a Simão Pedro, faz menção à honra e reconhecimento dos escritores sinóticos (Mt 10.2; Mc 3.16; Lc 6.14).

ORIGENS

Simão Pedro, ou Cefas, era natural de Betsaida, uma pequena aldeia de pescadores próximo à cidade costeira de Cafarnaum, em grego transliterado, *Kapharnaoum,* em hebraico *Kephar Nachün,*

aldeia de Naum. Embora fosse natural de Betsaida, tinha ao menos uma casa em Cafarnaum, a cidade sede do ministério popular de Jesus, situada na margem norte do mar da Galiléia, no território de Zebulon e Naftali. Simão, seu nome hebraico significa *ouvinte atencioso*. Ele era filho de um homem chamado Jonas, daí o evangelista João chamá-lo de Simão *Barjonas,* que significa filho de Jonas. É possível que seu pai, a exemplo de Zebedeu, também fosse pescador tendo assim influenciado os filhos Pedro e André. Mui provavelmente, Pedro fosse o mais velho de entre os doze apóstolos. Fazia parte do séquito mais íntimo de Jesus, composto por ele, Tiago e João. Clemente de Alexandria declara que Pedro, sendo casado tinha filhos, e que sua mulher foi crente, e sofreu martírio (Stromata III, VI, ed. Dindorf, II, 276 e VII, ed. Cit, III, 306).

NEGÓCIOS

Com certeza essa velha *raposa do mar* já estivesse planejando há algum tempo pendurar as tralhas e se aposentar do duro ofício da pesca. Sua empresa atuava num negócio lucrativo de captura e venda de peixes em sociedade com seu irmão André e com Tiago e João (Lucas 5.10), os filhos de Zebedeu. Não tinha enriquecido, mas conseguira o suficiente para descansar na velhice, além disso, podia vender ou alugar seus barcos, o que lhe renderia um bom dinheiro.

O CHAMADO

Ele e seu irmão mais novo, o também pescador André, ouviram falar primeiramente de um certo profeta que se levantara no Jordão, clamando ao povo por arrependimento. Seria o Messias? Mas não era; o próprio João Batista atestou que não era o Messias, nem o Profeta, que no caso seria Elias. A *voz que clama no deserto* estava fazendo muitos seguidores e ele e seu irmão estavam entre eles. O primeiro encontro com o Rabi se deu às margens do rio Jordão, quando ele desceu para ser batizado por João. Ele ouviu do profeta; “Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” Dali há

alguns dias, André lhe convidou para ir ouvir a pregação de Jesus. Mas Jesus tinha algo mais para impactar a mente desconfiada daquele velho homem do mar.

Um belo dia eles estavam chegando de uma longa jornada em alto mar, uma pescaria frustrada na qual não pegaram peixe algum. De repente um homem se aproximou acompanhado de uma barulhenta e afobada multidão. Era Jesus! Ele se afastou um pouco da dianteira do povo e se dirigiu até onde Simão estava a observar-lhe. Pôs a mão no seu ombro e perguntou: *Posso usar o seu barco para fazer a obra de meu Pai?*

Simão quase desmaiou, pois, o esgotamento físico e o desânimo causado pela pescaria frustrada faziam todos os músculos e nervos do seu corpo clamar por um longo repouso. Sua casa ficava há alguns quilômetros da praia. Mas concordou com um aceno de cabeça e um aperto na mão que estava sobre seus ombros. Jesus pregou um sermão maravilhoso de dentro do seu barco. Quando a multidão foi embora o mestre se dirigiu novamente a ele.

O que queres que eu faça por ti Simão?

Ele abaixou a cabeça meio enfadado e falou para si mesmo; *Que a pescaria seja melhor da próxima...*

Faze-te ao mar alto Simão! – disse Jesus! – *Lançai as vossas redes para pescar* – disse acenando para os companheiros de Pedro.

Todos os seus colegas se entreolharam, mas não ousaram falar ante a presença do velho comandante. Eles tinham pescado a noite toda, nos lugares mais conhecidos como bons de peixe e mesmo com toda uma noite de tentativas não pegaram nada. De nada lhes valeu a melhor hora, o melhor lugar, as melhores redes e estratégias, os melhores e mais experimentados pescadores da região. Agora, a experiência dizia que o sol já estava alto e que a hora de pescar tinha passado havia muito tempo. Agora era hora de voltar para casa e planejar durante semanas outra empreitada. Mas era o Rabi da Galiléia que estava mandando. Pedro concordou entre um suspiro e outro. E para sua surpresa e admiração a pesca foi

literalmente milagrosa. Naquele dia eram tantos peixes que as redes estavam se rompendo e foi preciso pedir ajuda a outra equipe que estava por ali. Que coisa maravilhosa era aquela? Quem era aquele jovem galileu, afinal, que parecia impor sua vontade contra as forças da natureza? Era como se tivesse dado uma ordem aos cardumes do mar para que se dirigissem sem demora àquelas redes. Ao testemunhar esta cena, Pedro prostrou-se diante de Jesus numa demonstração inusitada de rendição ao senhorio daquele que se dizia a rendenção de Israel, o Messias prometido: *Senhor, ausenta-te de mim, que sou homem pecador.*

Jesus o abraçou naquele dia, pois ele não veio para afastar as pessoas de si, mas para atraí-las para o seu regaço de amor. Jesus apertando a sua mão, disse: *Vinde após mim e eu os farei pescadores de homens!*

Aramis DeBarros escreveu (*op. cit.,* p. 399): *A farta pescaria que precedeu sua vocação discipular na Galiléia tornou-se como que uma profecia do futuro ministério desse que seria um dos mais célebres pescadores de almas de todos os tempos [...] poucos anos depois, no Pentecostes, ante um público cosmopolita que se apertava pelas ruas de Jerusalém, Pedro pôde experimentar o cumprimento dessa profecia...*

De fato, naquela ocasião, após uma fervorosa pregação do apóstolo, aproximadamente três mil almas se renderam ao Senhor.

FORMAÇÃO

Pedro era um homem sem estudos. Obviamente sabia ler e escrever, porém, somente até onde a Torá obrigava o judeu a estudar. Sua profissão foi herdada do pai. A Bíblia diz que sua esposa estava muito doente quando Jesus esteve em sua casa. O Mestre orou e a mulher foi curada.

Falava o aramaico, carregado de sotaque galileu, assim como os demais apóstolos, mas supõe-se que eles também *arranhassem* o grego, o idioma oficial do Império Romano. Seu nome original é Simeão, que aparece nos manuscritos mais antigos em Atos 15. 14; 2 Pedro 1.1. “Simão” é a versão grega do seu nome.

PRIMEIRO PAPA?

Quando Jesus o chamou, se dirigiu a ele como *Cefas,* do aramaico *Kefa* que significa fragmento de pedra. A tradição católica *interpreta* como rocha. Além disso considera-o o primeiro pontífice alegando ser ele o primeiro bispo de Roma. Entretanto os argumentos para tal são falhos e fracos. Primeiramente *Kefa* não significa rocha, mas fragmento de pedra, e por outro lado, Pedro nunca foi bispo da igreja de Roma, sendo, segundo a história, Lino o primeiro líder daquela comunidade, conforme Eusébio de Cesaréia; *"Após o martírio de Paulo e Pedro, Lino, foi o primeiro a receber o episcopado de Roma",* História Eclesiástica, Livro III, capítulo II, pág. 79, CPAD, 2007. Mesmo diante de palavras tão claras de Eusébio, a Igreja Católica ainda argumenta que ele *quis dizer* segundo, e não primeiro. Paulo, que escreveu várias cartas a partir de Roma, nunca citou Pedro, embora tenha feito isso com dezenas de outros nomes. Na carta aos Romanos por exemplo, ele chega a citar 28 nomes (Rm 16.1-23), mas não cita o apóstolo. Porque Paulo ignoraria tão valioso homem de Deus nas cartas que escreveu de Roma e citaria desconhecidos como Eustáquio, Apeles, Aristóbulo, Trifena, Trifosa entre outros? Entretanto, ele cita a Lino que de fato foi o primeiro bispo de Roma, embora nunca tenha sido papa. Se Pedro residisse em Roma não apenas seria citado, mas seria o primeiro a figurar na lista. Outro fato que depõe contra a tradição católica é que Lucas, o médico historiador jamais mencionou o ministério de Pedro em Roma, mas o fez em outros lugares como Samaria, Jope, Jerusalém e Cesaréia. Como Lucas poderia ignorar a permanência de Pedro por mais de 25 anos em Roma como afirma a tradição católica? Eusébio de Cesaréia declara em sua História Eclesiástica, livro III, 36.2, que ele foi bispo em Antioquia.

O LÍDER

Pedro possuía aptidão para a liderança, com endereço em sua longa experiência no mar e a chefia do grupo de pescadores, como também pela sua idade. Nas listas dos nomes dos doze apóstolos, o seu, figura sempre em primeiro lugar. Era um homem de hábitos simples, mas impulsivo, e como se mostrou no episódio do

Getsêmani, em que decepou a orelha do soldado Malco no ato de prisão de Jesus, um homem sanguíneo e temperamental. Pedro foi alcançado pelo evangelho através de seu irmão mais jovem, André, conforme descrito em João 1.41. Ele fazia parte do círculo mais íntimo de Jesus, juntamente com mais dois apóstolos; Tiago e João.

André estava muito impressionado com as pregações de João Batista e andava sempre com o outro João, irmão de Tiago (João 1.37). Um belo dia Jesus desceu às águas para ser batizado por João Batista. Não que ele tivesse pecado e necessitasse de arrependimento, mas, submetia-se para cumprir vários propósitos, incluindo o de assumir publicamente a condição de homem. Mas, tão logo João batizou-o, algo maravilhoso aconteceu: O Espírito Santo desceu sobre ele, enquanto uma voz no céu dizia; “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado” (Mateus 3.17). Eles não pensaram duas vezes e seguiram a Jesus. Depois o André veio todo cheio de alegria chamá-lo para conhecer o Messias. Meio desconfiado ele seguiu o irmão mais novo. Quando seus olhos cruzaram com os do Rabi, suas objeções caíram por terra. Jesus olhou para ele e foi logo dizendo como a um velho amigo: *Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (a versão aramaica do nome Pedro).*

CANÁ E CAFARNAUM

Três dias depois Jesus os convidou para ir a uma festa de casamento em Caná e ali realizou um grande milagre transformando água em vinho. Um dos motivos do vinho ter acabado na festa de casamento foi justamente porque Jesus veio acompanhado de um grupo extra de convivas. Logo depois do casamento, Jesus, juntamente com eles e a família desceram para Cafarnaum, onde permaneceu por vários dias e no sábado anunciava a palavra na sinagoga. Com eles agora estava Simão, o *cananita,* que decidiu seguí-lo, após presenciar o milagre em Caná. Ali, na sinagoga tinha um homem possesso de demônios que clamou em alta voz: *Que queres conosco Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?*

Lucas, sendo experiente em descrever os fatos, pois era escritor profissional, além de médico, escreveu em seu evangelho: *Ah, que queres conosco Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!*

Jesus levantou-se, e com ousadia ordenou que os demônios saíssem daquele corpo e o homem ficou liberto. Pedro ficou impressionado com aquilo; até os demônios declaravam que ele era o Messias! Saíram dali direto para a sua casa e ao chegarem encontraram a sua sogra queimando de febre. Muitos estudos da época encontram relatos de que a doença que causava febre paralisante nas pessoas era a malária. É bem possível que este fosse o mau da sogra de Pedro. Mas o fato é que Jesus orou e a saúde dela foi imediatamente reestabelecida a ponto de ela passar a servir todas aquelas pessoas que estavam com Jesus, incluindo sua família, pois estavam retornando do casamento em Caná.

JERUSALÉM

Dali, partiram para Jerusalém. Era a festa da Páscoa. Pedro ficou assombrado com a ousadia de Jesus em expulsar os camelôs de diante do templo. Que autoridade era aquela? Ao mesmo tempo que Jesus ousava em Jerusalém, João clamava no rio Jordão. Algo muito incrível estava acontecendo., e ele estava bem no meio do furacão. Jesus era diferente, polêmico. Conversava com mulheres samaritanas e era acusado de negligenciar a Lei Mosaica, quando na verdade menosprezava a lei oral, um acréscimo sem qualidade à Lei, fruto de emendas farisaicas, principalmente acerca do sábado. Confrontava o legalismo dos fariseus, o secularismo dos saduceus e a subserviência dos herodianos.

Pedro havia presenciado a multiplicação dos pães e dos peixes que alimentaram cinco mil pessoas. Ele coordenou o serviço de distribuição, recebendo orientação do próprio Mestre. Ajudou a juntar os pães que sobraram. O velho e desconfiado pescador estava impressionado com Jesus.

Mas, algo maior ainda estava por vir. Enquanto Jesus despedia a multidão para as suas casas, mandou os discípulos irem para a

outra margem pois ele iria depois deles. A travessia era longa e demorada, pois o lugar mais estreito do lago media quinze quilômetros de largura. Na alta madrugada uma tempestade tomou o barco e o sacudiu com violência. No meio do alvoroço que tomou conta dos tripulantes, eis que avistaram Jesus vindo na direção do barco, andando sobre as águas. Alguém gritou apavorado: *É um fantasma!*

Ser atracado por um fantasma em alto mar era uma superstição das mais temidas pelos pescadores. Diante daquela visão os discípulos creram estar vivendo tal pesadelo. Mas Jesus gritou para que não temessem. Neste momento entrou em cena o apóstolo Pedro dizendo: *Se és tu, manda-me ir ter contigo por sobre as águas.*

Ora, quem mais, além de Pedro, o tempestuoso, poderia cogitar tal pedido em meio a uma situação tão caótica e desesperadora? Jesus, honrando sua fé, concordou e convidou Pedro a entrar na água. Ele não titubeou e, obedecendo, andou por sobre as águas por alguns metros, mas depois, reparando na bravura das águas que calcava com os pés, tendo medo começou a afundar. Eis o contexto ideal para demonstrar a inconstância da fé deste homem. Intantes depois de demonstrar grande ousadia, tanto no pedido que faz como na ação seguinte, andando sobre as águas, eis que o homem começa a afundar diante do medo e das circunstâncias em redor.

Mateus também declara que Jesus, chegando em Cesaréia, reunindo os discípulos, perguntou-lhes sobre quem o povo dizia ser ele. A esta pergunta Mateus diz que *eles disseram*; “Uns João, o Batista; outros Elias; e outros Jeremias, ou um dos profetas.” Então, Jesus virando-se para o grupo, perguntou: *E vocês, quem dizeis que eu sou?*

A esta pergunta, *dirigida a todos*, é Pedro que responde; *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.*

É aqui que Jesus declara a famosa e polêmica frase: *E eu digo que você é Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la (Mateus 16.18).*

Como já foi explicado anteriormente, Pedro não foi o primeiro papa, nem dirigiu a igreja de Roma, ele apenas esteve lá no final da vida, por breve tempo e logo foi martirizado pelo terrível imperador Nero como veremos mais adiante.

UM DISCÍPULO CONTROVERSO

Logo após ser elogiado por seu Mestre por declarar que Ele era o Filho do Deus vivo, Pedro cometeu uma falha gravíssima às custas da sua incúria, e por falar sem medir as palavras. Ele chamou Jesus à parte e começou a "reprová-lo", tentando dissuadi-lo de seguir o caminho redentor da crucificação. Diante desta atitude, o Mestre o repreendeu duramente dizendo-lhe; "Arreda de mim, Satanás!" Ora, Jesus identificou o Maligno influenciando o discípulo ainda em formação. A intenção de Pedro pode ser uma daquelas boas intenções que o inferno está cheio. Após este fato, em que o mais velho dos apóstolos tenta "salvar" a vida de Jesus, o Mestre se dirigiu a todo o grupo para lhes ensinar que; "qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará." Jesus antevia nestas palavras o martírio de cada um daqueles homens.

Pedro era uma mistura de homem meigo e turrão. Ele não se resignava diante da reprovação e aos poucos ia sendo moldado. Porque há sementes que demoram mais a germinar que outras, e Jesus mesmo disse que: "se o grão de trigo que cai na terra não morrer, continuará só um grão de trigo, mas se morrer produzirá muitos frutos"(Jo 12.24). Recentemente uma equipe de cientistas israelenses tiveram êxito em que uma semente de Tâmara de dois mil anos, encontrada na fortaleza de Herodes, germinasse e se tornasse em uma linda planta. Pedro era uma dessas sementes tardias, difícil de germinar. Entretanto, após o longo período de recesso tal semente brota vigorosa e duradoura.

Em Mateus 17.24 vemos um grupo de cobradores da taxa de manutenção do culto no Templo, os chamados *cobradores de didracmas,* se dirigirem a Pedro para cobrar-lhe o imposto religioso. Ora, estes homens eram observadores do alto sacerdócio judeu e com certeza, sendo encarregados da coleta, sabiam que o

tesoureiro do grupo era Judas. Mas, porque então se dirigiram a Pedro e não ao tesoureiro? Isto demonstra que eles consideraram Pedro, um líder inato, com base em sua figura imponente.

Em Mateus 19.27 encontramos Pedro interessado em saber o que receberiam como recompensa por terem abandonado tudo para seguir a Jesus. Isto inclui o apóstolo, ao menos por um momento, no rol daqueles que buscam a recompensa tangível e temporal em detrimento da celestial e eterna. Diante disto, Jesus lhes prometeu governarem com Ele sentados em tronos para julgarem as doze tribos de Israel. É fato que as perguntas embaraçosas de Pedro, suscitavam ensinos e revelações maravilhosas da parte de Jesus.

O evangelista Marcos, no capítulo 9, vai nos mostrar o apóstolo se adiantando mais uma vez. Jesus havia levado o séquito mais íntimo ao topo do Monte Tabor e ali, diante deles se transfigurou. Na visão que se seguiu, podiam ser vistos juntos a Jesus, os profetas Moisés e Elias. Pedro então adiantou-se dos demais e sugeriu que se erguessem três tendas; uma para Jesus, uma para Moisés e outra para Elias. Esta era a singela oferta do velho pescador; três cabanas feitas de galhos de árvores com cobertura de arbustos ou capim seco. Mas o evangelista encerra escrevendo que ele estava confuso por causa do impacto da visão de Jesus transfigurado, visto que nem Elias, nem Moisés precisavam de tal cuidado.

Na noite da Última Ceia a Bíblia registra um diálogo entre Pedro e Jesus em que mais uma vez a personalidade truncada do apóstolo é manifesta: Primeiro, ele se recusa a ter os pés lavados por Jesus, pois aquele ato soava como um escândalo aos seus olhos. Como podia aquele em cujas mãos o Pai colocou o poder e a glória querer lavar os pés de um bando de pecadores? Pedro não compreendeu, ao menos num primeiro momento que um Rabi, o seu Mestre, o que se autodeclarava Deus, e Filho de Deus, lavar os seus pés. Chocado com aquela absurda inversão de papeis ele reagiu de forma categórica e intempestiva. Mas quando Jesus lhe disse que quem não aceitasse ter os pés lavados não teria parte com Ele, Pedro quis não somente os pés lavados, mas todo o corpo. Ao que Jesus respondeu que bastavam os pés serem lavados. Ou seja; Pedro era homem de extremos. Com ele era oito ou oitenta. Ele

ainda não estava dotado da capacidade espiritual de discernir entre o temporal e o eterno. Esta faculdade só lhe seria dada tempos depois na efusão do Espírito Santo. Neste episódio podemos contemplar novamente a capacidade virtuosa de voltar atrás sem resistência e reconhecer seu erro, abrindo-se completamente para o aprendizado e o acolhimento de coisas novas.

Quando Jesus subiu ao Monte das Oliveiras para orar, pediu que ele, João e Tiago ficassem a meio caminho e orassem com Ele. Mas embora ele tenha prometido lealdade para com o Senhor, sua hora escura estava se aproximando e ele, cansado e confuso, foi dormir ao invés de orar. Jesus demonstrou seu descontentamento chamando-o de *Simão,* seu velho nome hebreu. Este episódio é relatado no Evangelho de Marcos que o escreveu com base no relato do próprio Pedro, sinal de que aquela foi uma dura lição que o velho pescador não esqueceu. Afinal pouco antes de ser dominado pela fadiga e o cansaço acumulado de vários dias de pressão emocional e contrangimentos ministeriais provocados pela perseguição acirrada dos fariseus e sacerdotes ele havia prometido lealdade extrema a Jesus, seguido por todos os outros: *Ainda que todos se escandalizem em ti, eu jamais me escandalizarei.*

Em outras palavras, o velho pescador ainda fedia a peixe e falava da boca para fora. Suas palavras não tinham profundidade. Tinham base na emoção do momento. Ele não media as consequências de suas palavras. Aqui, diante dos demais, ele se sobrepõe dizendo que mesmo que todos os outros abandonassem ao Mestre, ele jamais o faria. Jesus, sabendo disso disse-lhe: *Simão, Simão, Satanás pediu para vocês para peneirar como trigo. Mas eu orei por você, para que a tua fé não desfaleça.*

É interessante notar que o Diabo pediu para “tentar” a todos, mas Jesus preocupou-se com Pedro, com a fé dele. E em seguida revela que ele ainda não era um homem convertido; ...”e quando você se converter, fortaleça os teus irmãos”.

Diante da insistência de Pedro, Jesus concluiu: *Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes.*

Mesmo ouvindo claramente que estava errado, Pedro não recuou: Ao contrário; foi mais além, prometendo que, se preciso fosse, morreria com Jesus, ao que foi imitado por todos os outros (Mateus 26.33). Mas o fato é que algumas horas depois não havia mais nenhum vestígio do valente Pedro, pois o homem que jurou lutar contra um exército, mostrou-se covarde diante de uma criada (Marcos 14.66-72). Quando os soldados chegaram para prender o Mestre, Pedro, levado pelo calor do momento sacou de uma espada e atacou um soldado, cortando-lhe a orelha, mesmo o grupo de apóstolos sendo bem inferior aos soldados. Jesus não aprovou aquele ato violento e recolhendo a orelha decepada a colocou de volta no corpo do soldado Malco (João 18.10). Há que se analisar este homem sob dois aspectos: A fé e a coragem! Ele era destemido e mostrou isto falando a Jesus e atacando um dos soldado do Templo, cortando-lhe a orelha, quando estava em grande desvantagem. Entretanto, o ataque ao soldado Malco foi um ato de extrema bravura e disposição em defender com o risco da própria vida o seu Mestre. Ele só deteve o seu intento de selar a aliança que fizera com sua própria vida por dois motivos: O primeiro é que “todos” os apóstolos fugiram em desabalada carreira, e o segundo foi a reprovação do seu Mestre. Jesus reparou o erro de Pedro devolvendo milagrosamente a orelha ao seu devido lugar. Everett Harrisson, em *Comentário Bíblico Moody, p. 67*, dizendo que a intervenção de Jesus foi tão eficaz que o ocorrido jamais foi citado no julgamento que se seguiu.

UM MISTO DE CORAGEM E COVARDIA Mas agora, chegamos ao ponto em que é fácil defender sua honra, pois daqui em diante somente João, o discípulo mais jovem e ele o discípulo mais velho acompanham corajosamente os fatos. Para onde levassem Jesus, lá estavam: As mulheres e esses dois valentes. O motivo de ele ter negado Jesus se deu em face de ele estar se arriscando entre os inimigos, ao contrário dos demais que de acordo com o silêncio das Escrituras, sumiram. Eventualmente, podem ter se aproximado depois, mas nocalor da ocorrência fugiram. O texto de Marcos diz: *E Pedro o seguiu de longe, até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava sentado com os guardas, aquentando-se ao fogo (14.54).*

Ora, é muita coragem para um homem só. Entrar no pátio da casa do sumo sacerdote, onde Jesus estava sendo interrogado com violência e as pessoas todas acusavam seus seguidores de blasfemos e dignos de morte, era um ato digno dos mais destemidos. Para aumentar o risco, impelido pelo frio da primavera, o homem se sentou ao lado de soldados à beira de uma fogueira acesa no pátio da casa do magistrado. Com o clarão da fogueira alumiando seu rosto, uma serviçal o reconheceu e apontando-lhe o dedo em riste bradou: *Este também estava com Jesus, o nazareno (Mt 26.70-72).*

Algum tempo depois, os evangelistas declaram que ele foi novamente reconhecido, e novamente negou ter andado com Jesus. Neste ponto há bastante divergência quanto a quem de fato o reconheceu pela segunda vez: se pela mesma criada (Mc 14.69), se por outra criada (Mt 26.71), ou se por um dos funcionários do magistrado (Lc 22.58). Esta aparente contradição se deve ao fato de Pedro àquela altura ter alcançado bastante reconhecimento e fama entre os circunstantes, e dado a este fato tenha sido reconhecido por diversas pessoas em um curto espaço de tempo, e que cada um dos evangelistas registrou o que achou mais conveniente.

Fato é que, algum tempo depois Pedro foi novamente reconhecido, desta vez por alguém que o identificou como *galileu.* O sotaque carregado típico dos moradores da Galiléia o denuciara, quando este perguntava sobre a situação do Mestre, ou quando se defendia da acusação da criada. Pela terceira vez o velho pescador negou seu Mestre, inclusive dizendo em tom de praguejo, nem conhecê-lo: *Não conheço esse homem de quem falais (Mc 14.17).*

Penso que quando o galo cantou cumprindo o veredito de Jesus, Pedro foi tomado por um arrependimento tão profundo, que seu caráter foi imediatamente forjado no fogo do Espírito Santo. O texto de Marcos conclui; *E Pedro, caindo em si, chorou copiosamente.*

Eis um novo homem! Eis *Cefas* surgindo ante a morte de Simão. Jesus havia dito; “Tu és Cefas!”

Jesus foi interrogado, acusado, torturado e depois crucificado. Todos estavam agora muito apavorados sem saber que rumo tomar. Alguns concordavam em esperar para saber o que aconteceria ao terceiro dia. Afinal ele havia dito que ressuscitaria dos mortos. Alguns discípulos estavam escondidos em casa de parentes, outros ninguém tinha ideia de para onde tivessem corrido. Pedro e João estavam juntos na casa da mãe de Marcos acompanhado dos demais apóstolos. Já era domingo e antes que o sol despontasse, Maria Madalena, Maria mãe de Jesus e sua irmã Maria esposa de Cleofas, foram ao túmulo para passarem perfumes no corpo de Jesus. Pois não puderam fazer isto na tarde de sexta pois o sábado começaria às dezoito horas, na contagem das horas do sistema judeu. Pedro e João as orientaram para que fossem bem cedo e não chamassem a atenção de ninguém. Algum tempo depois Maria Madalena retornou com os olhos estupefatos dizendo entre um fôlego e outro: *Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram.*

Imediatamente ele e João correram para o sepulcro. O jovem João tomou a dianteira no auge de seu vigor, enquanto Pedro, mais velho e cansado ficou para trás. Ao entrar, viu os lençóis no chão, mas o lenço que tinha sido colocado em seu rosto estava colocado à parte, bem dobrado. Eles voltaram entristecidos para casa. O que estaria acontecendo em Jerusalém? Quem ousaria profanar o túmulo de um Rabi? Estariam os fariseus ou saduceus envolvidos numa trama tão nefasta como esta de sumir com o corpo de um querido Rabi? Mas enquanto cogitavam sobre estas coisas Maria Madalena que tinha ficado no sepulcro retornou dizendo, ainda mais espavorida: *Nós vimos o Senhor! Ele está vivo! E ele disse que ainda não tinha subido para o Pai, e pediu para mim lhes dizer isto!*

Em outros tempos o velho Simão jamais daria ouvidos ao testemunho de uma mulher; que dirá alguém como Madalena. Mas agora, ele pensava diferente. O Mestre ensinou-lhe muito sobre as mulheres. Como elas são valiosas e sinceras companheiras e discípulas. E Maria Madalena era uma das mais importantes pessoas entre os discípulos que neste tempo eram em torno de

quinhentos. Ele creu em seu coração, embora outros tenham atribuído a visão ao estado psicológico das Marias.

Entretanto, ao cair da tarde de domingo, estando todos, com exceção de Tomé, reunidos às portas aferrolhadas e falando baixinho com medo dos judeus e das autoridades romanas, eis que o Mestre surgiu no meio deles, anunciando-lhes: *Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, eu vos envio a vós (João 20.21).*

O Mestre estava ali. Em pessoa! Naquele dia a alegria voltou a esquentar os ânimos. Todos ficaram maravilhados com a explendorosa visão da glória do Senhor. Alguns dias depois, Jesus tornou a aparecer-lhes, desta vez com a presença de Tomé.

Mas, logo estavam confusos e entediados novamente, e com o passar dos dias Pedro sentiu-se confuso ante o silêncio do Mestre acerca da sua negação. Decidiu então matar a saudades do mar e de sua antiga profissão. Parece ter esquecido que Jesus o chamou para ser pescador de homens. Não tinha se acostumado ainda à nova realidade na qual Jesus não estava mais ao lado para dizer o que era certo e errado.

O MESTRE VOLTOU!

No grupo dos doze existiam subgrupos relacionados à profissão ou partido político-religioso a qual faziam parte; Judas Iscariotes e Simão Zelotes eram do grupo dos revolucionários nacionalistas associados ao mesmo bando de Barrabás e dos dois malfeitores crucificados com Jesus. Bartolomeu, Mateus e Filipe parecem fazer parte de uma elite a qual João começava a trilhar também. Existia ainda o grupo dos pescadores. Pedro, reuniu-se com este grupo e foi pescar, conforme descrito no capítulo 21 de João. Com ele foram Tiago Maior e João que já tinham sido seus sócios no negócio da pesca. Tomé também foi com Natanael e mais dois que não são mencionados pelo nome. Eu penso serem Tiago Menor e Tadeu, mas é apenas uma impressão pessoal. Naquele contexto suas palavras soam como; “Está tudo acabado, vou voltar à minha vida

anterior de pescador, quem vem comigo?” Eles pescaram a noite inteira e nada apanharam. Quando estavam voltando, já bem perto da praia, com o dia clareando, eis que alguém grita da praia: *Filhos, vocês têm alguma coisa que comer?*

Um deles respondeu que não. Então o homem continuou: *Lancem as redes do lado direito do barco*.

Pedro ficou de orelha em pé! Seu coração ardeu ante aquela orientação. Parecia estar revivendo um episódio passado de sua vida. Será?!-Pensou ele. Os colegas obedeceram a solicitação do estranho da praia e lançaram as redes que voltaram cheias de grandes peixes. Pedro ainda estava mergulhado em pensamentos e dúvidas quando ouviu a voz de João bem ao seu lado: *É Jesus, Pedro!*

A emoção foi tanta que Simão não se conteve e pulou na água só com a roupa de baixo, nadou para os braços do seu grande mestre e Deus em busca do tão desejado perdão. As braçadas eram vigorosas e venciam as ondas. Seus olhos não desgrudavam do vulto na praia. Chegou à praia primeiro que os companheiros do barco. Ali, comeram pão e peixe com Jesus. Após saciar a fome, já descansados, Jesus o chamou para perto de si e abraçando-o, e beijando-o perguntou-lhe: “Simão, tu me amas?” Repetiu a pergunta por três vezes. A cada resposta afirmativa, Jesus concluía com; “apascenta o meu rebanho!” Vê-se aqui que Jesus estava reestabelecendo o seu ministério apostólico diante de todos os outros apóstolos. Em seguida, com a face de Pedro entre as mãos disse; “Pedro, quando eras mais moço, cingias-te a ti mesmo e andavas para onde querias, mas quando chegares à velhice, estenderás as mãos e outra pessoa te vestirá e te conduzirá para onde tu não queres ir.” Com estas palavras proféticas Jesus estava alertando ao velho Cefas de que em breve ele seria conduzido preso e escoltado por lugares que ele não iria por vontade própria.

Aquele Simão Pedro protagonista dos acontecimentos estava com os dias contados. Entraria em cena um Cefas disposto a sacrificar a vida por amor do evangelho. Ficou tão claro para ele, que no

instante seguinte se dirigiu ao amigo João perguntando: “E a este Mestre, que sucederá?” Jesus respondeu dizendo: “Que tem este? Que te importa se eu queira que ele viva?” De fato João foi o único dos doze que não foi martirizado. Ele morreu de morte natural em avançada idade.

Sendo homem de pouca instrução, Simão padeceu em vários momentos e situações as quais lhe trouxeram constrangimento diante dos demais. Como quando ele perguntou a Jesus, “Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim e eu lhe perdoarei? Até sete?” Estas palavras expõem um homem dado ao ritualismo legalista farisaico.

Pedro, sendo um homem afoito e sanguíneo, costumava tomar a dianteira do grupo, tornando-se assim, entre os doze, uma liderança natural. Após a morte e ressurreição de Jesus essa liderança foi acentuada, como se pode ver nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos em que ele aparece presidindo a assembleia que elegeu Matias como o substituto de Judas. Depois reaparece defendendo seus pares no Pentecostes, onde cerca de três mil pessoas se converteram mediante sua pregação apologética. Mas vale ressaltar que não se trata de uma liderança com outorga, antes, algo que ocorreu naturalmente em virtude da presença marcante de Pedro, ou devido à sua idade. Sem dúvidas, que se deve também à liderança anteriormente exercida no grupo de pescadores, cujos integrantes vieram a se tornar discípulos e apóstolos. Algo extraordinário aconteceu com Pedro em Pentecostes: O Simão inconstante, inseguro, teologicamente confuso, deu lugar a um homem audaz, sóbrio e teologicamente embasado, assumindo inconfundívelmete a dianteira do grupo mais destacado de discípulos. Um cristão autêntico e uma testemunha disposta a sofrer as mais extremas consequências em nome de Jesus. Lucas destaca assim sua nova portura: *Naqueles dias,* ***levantou-se*** *Pedro no meio dos irmãos (Atos 1.15).*

Jesus não autorizou nenhum dos doze como líder do grupo. Não resta dúvidas que se Pedro fosse nomeado líder por Jesus, isto teria sido mencionado em algum dos quatro evangelhos ou no livro de

Atos dos Apóstolos. Entretanto, não é isto que se observa com relação ao destaque do apóstolo.

Depois destas duas demonstrações claras de liderança, partiu para um trabalho missionário em que Lucas o apresenta em Samaria, Jope, Cesareia e finalmente em Antioquia onde foi líder por muitos anos segundo consta a tradição.

PEDRO E PAULO

No início da Igreja houve um pouco de tensão nas relações entre os discípulos, visto que uns eram oriundos da Galiléia, sendo pescadores ou camponeses enquanto outros eram cosmopolitas como o apóstolo Mateus e Bartolomeu por exemplo. Além disto, tem as diferenças religiosas, pois, uns eram judeus radicais enquanto outros eram mais liberais. Pedro tinha uma percepção religiosa bem radical, visto que fora seguidor de João Batista e criado na Galiléia na colônia de pescadores Betsaida. Já o apóstolo Paulo nasceu fora da Cidade Santa e foi criado em outra cultura, tendo estudado aos pés de Gamaliel. Isto contribuiu para um estranhamento entre os dois, relatado pelo próprio Paulo na Epístola aos Gálatas (Gl 2.11-14). Os historiadores padronizaram chamar este ocorrido de *Incidente em Antioquia*. Paulo, após ser aceito na comunidade dos apóstolos começou a desenvolver seu trabalho missionário junto aos gentios. Na ocasião em que Paulo apresentou o evangelho aos de raça não judia iniciou-se uma disputa sobre se era ou não necessário exigir que estes fossem circuncidados, como condição ao ingresso no cristianismo. Ao que Paulo conseguiu convencer Pedro de que não havia essa necessidade. Mas, quando o caso chegou aos ouvidos dos de Jerusalém e estes enviaram uma comitiva, Pedro se pôs de escanteio, deixando Paulo sozinho. Diante deste acovardamento Paulo o argiu duramente face a face. Entretanto, mais uma vez, o velho Pedro demonstrou ser um homem disposto a tolerar a correção e exortação. Quando Paulo desceu a Jerusalém para defender esta causa, o Livro de Atos descreve a disputa sendo encerrada com as seguintes palavras de Pedro: *Irmãos, vós sabeis que há muito tempo Deus escolheu-me dentre vós, para que da minha boca ouvissem os gentios a palavra*

do Evangelho e cressem. Deus, que conhece os corações, apresentou testemunho em favor deles, dando-lhes o Espírito Santo, como também a nós, e não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando os seus corações pela fé. Agora pois, porque provais a Deus, pondo um jugo sobre a cerviz dos discípulos o qual nem nossos pais, nem nós podemos suportar? Mas cremos que pela graça do Senhor Jesus seremos salvos assim como eles (Atos 15.7-11).

Vale ressaltar que não ficou nenhuma rusga entre os dois por causa deste desentendimento e a prova é o modo respeitoso com que Pedro cita as escritas de Paulo, chamando-as de *Escrituras* (2 Pedro 3.14-16).

SEUS ESCRITOS

Simão Pedro escreveu duas epístolas que levam seu nome; 1ª e 2ª Pedro. O autor das duas cartas se apresenta como Pedro logo no primeiro versículo de cada epístola. Na primeira, ele se apresenta como Pedro, apóstolo de Jesus, enquanto que na segunda ele acrescentou seu velho nome hebreu, *Simão* Pedro, *servo* e apóstolo, de Jesus Cristo.

1 PEDRO

Provavelmete foi escrita em 64 ou 65 d.C. O tema central é a vitória sobre o sofrimento. Ele tinha sido preso, espancado e perseguido por causa do evangelho. Sabia o que era sofrimento cristão desde os primeiros dias de sua conversão. Ele sabia o que era “perseverar” sem amarguras nem ressentimentos. Sua grande preocupação é preparar os leitores para a provação, um sofrimento presente e por breve tempo. Chamou a atenção também para os falsos mestres que em sua época já rondavam a Igreja. Por isso ele exorta ao crescimento na graça e no conhecimento. Nesta carta, o velho apóstolo chama a atenção da Igreja para o sofrimento cristão em meio a um mundo perverso. Ele estabeleceu um alicerce vital para aqueles que sofrem perseguição: Um claro conhecimento da sua identidade em Cristo. Ensinou que nosso sofrimento deve ser

vivenciado em vista do que somos, e somos “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido”(1 Pedro 2.9).

2 PEDRO

O tema central da segunda carta é a santidade e uma advertência acerca dos falsos mestre e dos escarnecedores. Ele prevê tempos difíceis e perigosos para a Igreja com ênfase nos ensinos falsos, na corrupção geral da sociedade e na apostasia. Esses tempos tenebrosos estão acontecendo agora mesmo. Pedro prescreve a Palavra de Deus e a confiança no cumprimento das promessas que surgiriam no seio da Igreja. Foi escrita entre 64 e 67 d.C.

TEOLOGIA DE PEDRO

A visão pessoal de cada autor bíblico e seu pensamento teológico está intimamente ligado ao propósito de seus escritos. E este propósito estará sempre relacionado a um determinado contexto ou época. Com base nisto é que podemos nos debruçar sobre as cartas do apóstolo mais velho dos doze. Pedro escreveu 1 Pedro e a endereçou a uma igreja perseguida, sofredora e instalada em terreno hostil: O Império Romano. Ele chama Roma de Babilônia, e exorta os crentes dispersos a se manterem firmes. O cristianismo enfrentava discriminação, difamações e calúnia, confisco de propriedade, ameaças de morte e martírio. Ele queria transmitir uma mensagem de encorajamento e firmeza diante das ameaças e agressões. Daí se encontrar uma lista extensa de imperativos:

Sede santos (1.15); andai em amor (1.17), amai-vos uns aos outros (1.23); desejai afetuosamente (2.2); honrai a todos; amai a fraternidade; temei a Deus; honrai o rei (2.17); servos, sujeitai-vos (2.18); mulheres, sejam sujeitas (3.1); maridos, coabitai com elas (3.7); sede todos (3.8); não temais; nem vos turbeis (3.14); santificai (3.15); amai-vos (4.1); sede sóbrios (4.7 – 5.8); vigiai (4.7 – 5.8); não estranheis (4.12); alegrai-vos (4.13); nenhum de vós padeça (4.15), não vos envergonheis (4.16), glorifique a Deus (4.16); encomendem-lhe as suas almas (4.19); apascentai (5.2); sede sujeitos, revesti-vos (5.5);humilhai-vos (5.6); resiti ao Diabo (5.9).

Sua teologia aborda temas recorrentes na igreja primitiva como;

DEUS PAI

Que é vivo, transcendente, misericordioso e santo (1.14); é Pai (1.17); é longânimo (3.20).

JESUS

Cristo é ressurreto (1.3); é Senhor, (título utizado todas as vezes que menciona o Salvador. É a fonte de todo o conhecimento; Lembra da transfiguração a qual presenciou e anuncia a sua vinda (2 Pe 1.2-3; 3.18).

O ESPÍRITO SANTO

Ele ensina que o Espírito Santo nos santifica, que somos habitação do Espírito, que o Espírito que repousa sobre cada crente é o mesmo que inspirou os profetas do Antigo Testamento (1 Pe 1.2; 2.5; 1.11; 4.14).

MORAL

Ao exortar os crentes a purificarem as suas mentes, a não retribuir o mau, de confiarem nas bênçãos advindas dos atos de justiça e o procedimento correto em sociedade e família Pedro expõem sua preocupação com temas morais e éticos (1 Pe 1.7,13; 2.12; 3.9,14; 4.5).

A ESPERANÇA ETERNA Pedro aborda com muita ênfase este tema em vistas a uma igreja sofredora e perseguida para encorajar a perseverança. Cristo é a grande motivação da cristandade, pois está ressurreto, sentado à direita do Pai, sua volta está próxima, quando virá em glória e trazendo a recompensa eterna, os *galardões* (1 Pe 1.3,7; 4.13; 5.10).

O MARTÍRIO

Sobre a morte de Pedro, nada encontramos na Bíblia, assim como não há registro da morte dos demais apóstolos, com exceção de Tiago que tem seu martírio registrado em Atos dos Apóstolos 12.2. Isto se dá pelo fato de que eles foram mortos algum tempo depois que todos os livros bíblicos já tinham sido escritos. Entretanto, a tradição da Igreja nos dá este relato com considerável fidelidade.

A tradição da Igreja cristã, antiga e confiável, declara repetidas vezes que Pedro morreu em Roma durante a perseguição desencadeada por Nero César, provavelmente entre 65 e 67d.C. Antes de Nero, outros imperadores cruéis já tinham se levantado contra os crentes a exemplo de Tibério, Calígula e Cláudio. Nero assumira o Império após a morte de seu tio Cláudio César, muito provavelmente envenenado por Agripina, mãe de Nero. Simão Pedro fora preso e aguadava julgamento sob o governo de Nero, conforme este autor em A História da Igreja, Uma Abordagem ao Alcance dos Leigos, pág.39,40, Clube de Autores, 2018: “Trinta e cinco anos já haviam se passado desde a ressureição do Senhor e

a perseguição não dava tréguas. Alguns imperadores haviam passado pelo trono em Roma, e todos levaram adiante o terror sobre os cristãos. Tibério, Calígula, Cláudio e agora Nero, um verdadeiro monstro, assumira o poder imperial. Este se proclamou inimigo de Deus, sendo o algoz de Pedro e do apostolo Paulo entre milhares de outros cristãos. Embora Pedro tenha iniciado seu ministério em Jerusalém, logo depois foi enviado a Samaria e outras regiões, tendo alcançado segundo o historiador Eusébio, a Síria, onde estabeleceu a igreja de Antioquia. A tradição da Igreja defende que ele continuou até 40 d.C. como líder desta igreja, tendo depois ido para a Grã-Bretanha, Gália (França) e finalmente levado cativo a Roma onde foi executado por ordem do medonho Nero. Ao chegar a Roma, Pedro foi trancafiado em uma masmorra lavrada em rocha sólida. Era uma cela sob outra, onde a luz entrava unicamente por uma fenda no teto da cela superior. A câmara inferior era sem ventilação, escura e fedorenta. Era chamada de a “cela da morte” e nunca era limpa. Um mau cheiro insuportável enchia aquela prisão. Fezes dos presos, dos ratos, e a infestação de baratas envenenavam de maneira fatal muitos presos. Pedro foi lançado ali por longos nove meses, período em que não recebeu sequer uma visita, muito menos tomou banho de sol, pois era preso incomunicável. A monotonia só era quebrada por longos períodos de tortura, onde a liberdade era-lhe oferecida mediante uma simples renúncia a Cristo. Gerônimo atesta que ele foi crucificado de cabeça para baixo, por se julgar indigno de morrer como seu Senhor.”

Hegespino conta que o povo, ao perceber que Nero procurava fatos contra Pedro para matá-lo, rogou insistentemente ao apóstolo para que ele fugisse da cidade. Pedro no fim, foi persuadido pelos importunos pedidos e preparou-se para a fuga. Porém, ao chegar ao portão da cidade,viu o Senhor Jesus vindo ao seu encontro, a quem Pedro, adorando disse: - Senhor, para onde vais tu? – Ao que ele respondeu dizendo: - Estou voltando para ser crucificado. – Assim Pedro, percebendo que com essas palavras o Senhor se referia ao martírio do qual ele estava fugindo, voltou para a cidade. Jerônimo diz que ele foi crucificado com a cabeça para baixo e os pés para o alto a pedido dele mesmo porque era – disse ele – indigno de ser crucificado do mesmo modo e jeito como o fora o Senhor”. (John

Fox, O Livro dos Mártires, pag. 04). Outras fontes como Eusébio de Cesaréia, Gerônimo, Tertuliano e Orígenes corroboram com esta informação sobre o apóstolo.

Assim encerra a história de fé, perseverança e amor do grande apóstolo Pedro.

APÓCRIFOS

Existem muitos escritos apócrifos atribuídos a ele como Evangelho de Pedro, Pregação de Pedro, Atos de Pedro e André, Atos de Pedro e dos Doze, Atos de Pedro e Paulo, Carta de Pedro a André e Filipe, Carta de Pedro a Tiago Maior e Apocalipse de Pedro. Nestes escritos encontramos muitas expeculações biográficas sobre o apóstolo que embora possam ser verdadeiras, não foram consideradas por este autor tendo em vista a quantidade de material mais confiável disponível.

ANDRÉ

André era um irmão mais novo de Simão Pedro, e também era pescador. Seu nome é de origem grega, e significa *varonil, hombridade, coragem, virilidade*. Nomes gregos parecem ter se tornado comuns entre os judeus desde o século 2 a.C. Nenhum nome hebraico ou aramaico é registrado para ele na Bíblia, embora alguns estudiosos sugiram que *Andri* seja um nome cristão adotado após a conversão em substituição ao nome judeu que se perdeu ao longo do tempo. Seu pai se chamava Jonas, *“barjonas”* e tinha sido sócio de Zebedeu, o pai de Tiago e João no passado. Era nativo de Betsaida, conforme João 1.44, cidade que teria sido palco, tanto da multiplicação dos pães que alimentaram cinco mil pessoas (Lc 9.10)

como para a cura de um homem cego (Mc 8.22). Mais tarde, teria fixado morada em Cafarnaum, onde desenvolvia a atividade pesqueira junto com seu irmão mais velho, com quem provavelmente morava como solteiro. O relato bíblico e as informações oficiais da história pós-bíblicas demonstram a importância, muitas vezes ímpar, do discípulo André, tanto no contexto ministerial de Jesus como no cenário apostólico da Igreja do primeiro século. Ele é festejado pela tradição grega ortodoxa como *Protocletos*, ou seja, aquele que primeiro foi chamado. É possível que ele tenha sido inclusive o primeiro *seguidor* do Mestre e não somente o primeiro a ser escolhido para apóstolo.

O CHAMADO

André era discípulo de João Batista antes de conhecer Jesus, embora seja tarefa difícil estabelecer um padrão cronológico dos fatos que antecederam o chamado dele.

Como seguidor do Batista ele adquiriu zelo extremo e simpativava com a seita ultrazeloza dos essênios, um grupo apocalíptico messiânico fundado no 2° século antes de Cristo e dizimado em 68 d.C.. Sou apressado em frisar que as características do profeta João Batista é que me remetem à esta possibilidade, visto que ele vivia isolado no deserto, vestia-se com rusticidade extrema e se alimentava de coisas naturais silvestres, como gafanhotos e mel. Os essênios, por sua vez, viviam em lugares afastados da sociedade e se dedicavam à análise exaustiva da Torá, os cinco primeiros livros da nossa Bíblia. Realizavam rituais de purificação, dos quais João imitava no Jordão. Em suas comunidades tudo era compartilhado numa espécie de comunismo primitivo.

É possível que ele tenha se afastado de seus afazeres de pescador e dedicado mais atenção aos passos do Batista que em muito influenciou sua jornada espiritual rumo Àquele que mudaria por completo o rumo de sua existência. Sobre essa influência Batista e a peregrinação espiritual pré apostólica de André, Mc Birnie esclarece (*op. cit., p.* 77): *Aparentemente, André ocupava-se mais dos assuntos da alma do que propriamente de suas pescarias, tanto que abandonou suas redes para seguir os passos de João*

Batista. Para isso, André precisou percorrer um longo caminho através do Vale do Jordão, até atingir o local onde João pregava, isto é, Betânia, uma cidade que se localizava além do Rio Jordão, defronte a Jerico. Ali, o apóstolo finalmente deparou com a voz de autoridade espiritual que ansiosamente procurava. André, descontente com a imoralidade, as intrigas e a desonestidade por ele atestadas nas cidades da Galileia e da Judéia, encontrou em João Batista um homem segundo seu coração: alguém inquieto e sem atrativos, porém fiel devoto das virtudes mais simples; um homem para quem a carne e o clamor do mundo pouco significavam. Este, verdadeiramente, era um homem digno de ser seguido!

Aramis DeBarros em sua valiosa obra, *Doze homens, uma missão,* p. 235, considera: *Deixando a árida paisagem do Deserto da Judéia, André se dispôs a seguir os passos de Jesus nos arrabaldes da Galileia. De tal sorte marcante foi a impressão inicial causada por Jesus, que lá chegando não tardou em buscar por seu irmão e informar-lhe sobre algo que todo ouvido em Israel ansiava escutar: Achamos o Messias! (Jo 1.41), [...] A cronologia da vocação dos discípulos é, de certo modo, confusa, já que os evangelistas não cuidaram de estabelecer divisões de tempo exatas para os fatos que relataram. Assim, ao que parece, André, como discípulo que fora de João Batista, manteve contato com Jesus antes da formalização de seu discipulado.*

Podemos afirmar que André estava atento aos passos do Batista, um homem tão esquentado em suas colocações que parecia um cometa da ordem moral em rota de colisão com a imundície do seu tempo. Suas declarações eram de tal modo arrebatadoras que incentivavam o pensamento comum de que aquele estranho homem que se vestia com peles e se alimentava de gafanhotos, não fosse apenas *mais um* profeta; mas que talvez fosse *o profeta*, ou quem sabe ainda; o Messias! João, era antes de tudo, um protestante! Ele não respeitava limites no tocante à denúncia pública de pecados. Nem mesmo o déspota idumeu, Herodes Antipas escapou de suas ferrenhas acusações. João, com dedo em riste denunciou o adultério praticado pelo monarca com a mulher de seu meio irmão

Filipe. Essa coragem despertou no jovem André o desejo de seguir as orientasções do Batista.

Não obstante André ter sido um personagem ameno nos evangelhos, as tradições descreveram no ministério pós-bíblico, traços de um homem arrojado e destemido em sua decisão em fazer a obra, típicos de um seguidor do Batista.

A Bíblia diz que João Batista estava mais uma vez fazendo preleções no rio Jordão acerca do arrependimento. André estava lá e ouvia atentamente aquele profeta ousado. De repente surgiu uma figura humana no alto da ribanceira. João interrompeu sua pregação e apontando o dedo em riste para o chegante disse: *Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.*

A partir deste momento André seguiu a Jesus acompanhado de outro discípulo. O ministério com João Batista havia encerrado; chegara o momento pelo qual aguardara tão ansiosamente. A luz do mundo estava alí. Ele não esperou convite, tinha alma de discípulo; já o era de João, e agora seria de Jesus. Algumas centenas de metros adiante Jesus virou-se para ele e perguntou olhando no fundo dos seus olhos: *Que procuras?*

Meio desconcertado e sem saber direito o que falar...

Rabi, onde moras?

Era como dizer; me leva contigo à tua casa.

Jesus demonstrou alegria com suas palavras e o convidou para que fosse ele mesmo e visse com os próprios olhos onde ele morava. Seu coração estava saltitante, pois como se supunha, ele estava diante do messias, a esperança milenar de Israel. Que dias empolgantes e misteriosos estavam por vir. A Bíblia diz que ele ficou com Jesus até a hora décima, ou seja; até as quatro da tarde. No dia seguinte ele se aproximou de seu irmão mais velho, um cabeça dura de primeira, chamado Simão Pedro.

Achamos o Messias – disse ele! – E o levou até Jesus.

Foi incrível o que ele presenciou a seguir. Pois quando Jesus pôs os olhos de encontro ao de Simão, o homem rude deu lugar a um

quebrantado coração: Jesus disse: *Tu és Simão, filho de Jonas!...*

Dali em diante Pedro passou a se chamar Cefas e André entrou para a História como o primeiro ganhador de almas.

MINISTÉRIO

André é pouco citado nos eventos e isto é um fato a lamentar, visto que sem muitos registros de sua participação efetiva nos eventos do curto e intenso ministério de Jesus é impossível a este ou qualquer outro autor traçar um perfil da sua personalidade que corresponda com fidelidade à do homem em tela. Entretando, os escritores medievais traçaram um perfil a partir da análise de João 1.40-42. Esta tradição outorga a André o título de pai das missões apostólicas tão somente porque ele conduziu seu irmão Pedro à presença de Jesus e sua consequente conversão. No entanto, tais afirmações constituem apenas o perfil caricaturado do ministério apostólico de André, afinal não se pode atribuir tão grave informação com base em três versículos bíblicos cujo contexto nem é de todo missionário. Além disso, todos os demais homens que tiveram suas vidas impactadas por um encontro com Jesus agiram da mesma forma para com irmãos, pais e amigos, como por exemplo, Mateus e Filipe. Além do mais, as lendas e tradições, de modo geral creditam mais empenho e realizações missionárias a Paulo, Pedro, João, Judas e outros do que a André.

Ele aparece nos capítulos 6 e 12 de João e em Marcos 13.3,4 compondo o círculo mais íntimo e perguntando “qual seria o sinal de que as predições de Jesus estariam prestes a acontecer”. Afora estas poucas e espalhadas passagens a Bíblia não o cita mais. Mas é possível demonstrar pelas tradições a importância de André para a difusão do evangelho pelo mundo e atividades da Igreja Primitiva.

A tradição confiável da Igreja não apresenta muitas variações acerca do ministério do apóstolo em tela. Basicamente afirma que ele deixou a palestina logo após a ascenção de Jesus, seguindo para a região do Mar Cáspio e Mar Negro. Atribui que André teria evangelizado nas regiões de Cíntia e Partia. Outra tradição o relaciona com a região da Ásia Menor, em Éfeso, na companhia do

seu grande amigo João, com quem teria compartilhado grandes experiências com Deus e que teria influenciado em muito os escritos de João, que já dirigia a igreja local com grande número de membros. A tradição ortodoxa russa declara que ele teria ensinado em Bizâncio, na Trácia, em Épiro e no Peloponeso. Diz ainda que em Amisos, após realizar vários milagres e curas, edificou um templo e deixou sob uma liderança local. Depois partiu para evangelizar em Niceia, Nicomédia e a região da Bitínia e Gótia além das regiões adjacentes.

Sobre a Bitínia a tradição supracitada diz; *"Na Bitínia, pregou a palavra, curou os enfermos e expulsou as bestas-feras que os perturbavam. Suas orações destruíram os templos pagãos, e aqueles que se opunham à sua palavra acabavam oprimidos e atormentados em seus corpos até que fossem por ele curados."*

Esta tradição tem confirmação robusta em várias autoridades patrísticas como Gregório de Nazianzo, Teodoreto, Nicéforo e Jerônimo.

O Martírio de André

A mesma lenda diz que ele teria sofrido martírio na região da Acaia, na cidade de Patras, após evangelizar Maximila, esposa do Procônsul local e várias centenas de almas para o Reino dos céus. Segue o relato que um sacerdote do culto pagão o ameaçou de morte caso ele e os demais convertidos ao cristianismo não voltassem a sacrificar aos ídolos locais. O que de pronto foi recusado por todos. Diz a lenda em questão, que André se excedeu em suas alegações, dizendo que os imperadores romanos jamais conheceram a verdade além de acrescentar que os ídolos, além de não serem deuses de fato, ainda eram representações de demônios. Após isto foi aprisionado para aguardar a execução da pena. Uma multidão se reuniu com o intuito de libertá-lo, o que certamente resultaria num grande derramamento de sangue. O apóstolo, sabendo se tratar do Kairós de Deus para o seu martírio, enviou mensagem acalmando os nervos nos seguintes termos: *Não transformeis a paz de nosso Senhor Jesus Cristo em sedição e em levante diabólico. Porquanto, meu Senhor, quando foi traído, tudo*

suportou com paciência. Não murmurou nem alçou sua voz, da mesma sorte, mantende-vos em silêncio e em paz, não impedindo meu martírio.

Sua execução se deu logo pela manhã, por crucificação em um tipo de cruz chamado *crux decussata* (em forma de x) que se popularizou como cruz de Santo André. Antes porém, seu algoz Égates tentou dissuadí-lo de sua confissão de fé, oferecendo-lhe clemência e perdão público. Mas o velho apóstolo era irredutível e respondeu com um sorriso largo no rosto dizendo: *Até agora tenho contigo gentilmente conversado acerca da perfeição da fé, a fim de que tu, após ter sido exposto à verdade, pudesses te tornar perfeito [...]Entretanto, já que permaneces na mesma impundência e pensas que me assustas com tuas ameaças, traga sobre mim, pois, aquilo que julgas ser a maior de todas as torturas.*

Uma multidão de mais de vinte mil pessoas assistia inconformada o corpo ser içado no madeiro. Para prolongar o espetáculo seu corpo foi apenas amarrado à cruz em forma de X. Enquanto era surrado pelos soldados percebia-se um sorriso e um brilho crescente nos olhos. Quatro dias depois, estando o santo ainda agonizando no madeiro, uma massa popular se dirigiu enfurecida ao Procônsul que, temendo uma grande rebelião que lhe custasse a vida, subiu com eles para tirá-lo de lá. Mas quando o magistrado lhe comunicou a decisão de soltá-lo, eis que o agonizante apóstolo recusa seu benefício e entre um gemido e outro entregou o seu espírito aos cuidados do Seu Senhor Jesus de Nazaré, Reis do reis e Senhor dos senhores. O autor medievo Dorman Newman em *The Lives and Deaths of the Holy Apostles,* [A Vida e a Morte dos Santos Apóstolos], 1685, descreve seu martírio da seguinte forma: *Após suportar com valentia a severa punição [...] exortou os cristãos, saudando aquela cruz como uma oportunidade de apresentar ao seu Mestre um honroso testemunho[...] embora alguns importunassem o procônsul a fim de reverter aquele trágico quadro, o apóstolo continuava suplicando ao seu Senhor que lhe permitisse selar o testemunho da Verdade com seu próprio sangue.*

A lenda continua dizendo que após a morte do apóstolo, a esposa convertida do magistrado, desafiando o perigo dirigiu-se ao local do

evento macabro e ajudou a retirar o corpo do mártir, envolvendo-o em valiosos lençóis, untando o corpo com especiarias raríssimas. Em seguida, reservou seu próprio mausoléu para o sepultamento. Diz ainda, que ao saber da decisão de sua esposa de não mais retornar ao palácio, o magistrado começou a ditar aos escribas o libelo acusatório contra ela, o qual seria enviado ao imperador Nero, ou Vespasiano, (pois os historiadores oscilam neste caso). Porém, de repente, possuído por espíritos perturbadores, atirou-se de grande altura, vindo a morrer neste trágico desfecho. Seu corpo, espatifado, ficou exposto em frente ao mercado público por horas.

Hoje em dia, Patras é uma das mais bonitas cidades da Grécia e ainda preserva evidências da passagem do apóstolo por meio da exuberante catedral de Santo André, a mais bela edificação do pais. Ela foi erguida ao lado da mais antiga, construída onde teria ocorrido seu martírio.

Os Restos Mortais

As tradições são bastante claras e enfáticas acerca do repouso de seus restos mortais. O reverendo Hariton Pneumatikakis, declara em "*Em busca dos doze apóstolos": Uma cristã de nome Maximila tirou da cruz o corpo de André e sepultou-o. Quando Constâncio, filho do imperador Constantino, tornou-se o imperador, ordenou que se conduzisse o corpo de André até a igreja dos Santos Apóstolos, em Bizâncio (Istambul), onde repousou sobre um altar. A cabeça de Santo André, no entanto, permaneceu em Patras.*

A obra em questão prossegue dizendo que, em 1460 d.C. o crânio de André foi transportado para a Itália onde foi guardada na Igreja de São Pedro, onde permaneceu até que em 1964, por ordem do papa Paulo VI regressou a Patras.

Aramis C. DeBarros acrescenta, (*op. cit., p. 253*): *Dentre os restos mortais dos diversos apóstolos, os de André podem ser, portanto, reputados como aqueles dos mais genuínos, devido à relativa*

clareza histórica de seu percurso, desde os primórdios da Igreja até o *presente, envolvendo as cidades de Patras, Bizâncio, Roma, Armalfi, Edinburgo e, talvez por certo tempo, St. Andrews.*

TIAGO

O nome Tiago é a tradução de *Iákobos,* formato helenista do nome patriarcal Jacó. Por isso era um nome bastante comum, e por consequência disto, são mencionados ao menos quatro Tiago nos evangelhos; O primeiro é o Tiago em tela, irmão mais velho do também apóstolo, João. O segundo, e também apóstolo é o Tiago menor, filho de Alfeu; O terceiro é o meio irmão de Jesus, líder da Igreja em Jerusalém; e por fim, Tiago, suposto pai do apóstolo Judas Tadeu. É notório que, daqueles discípulos mais íntimos do Senhor, Tiago Maior se destaca como aquele de quem menos sabemos. De fato, a mais relevante informação bíblica sobre ele é a que trata do seu martírio, no livro de Atos dos Apóstolos, como veremos adiante; Isso o coloca como o primeiro mártir entre os apóstolos.

Natural de Betsaida, irmão de João e filho de Zebedeu com Salomé, uma das mais devotadas servas do Senhor. Era pescador por profissão e sócio de Pedro no empreendimento pesqueiro, juntamente com outros pescadores como André, João e o próprio Zebedeu. É chamado de Tiago Maior para diferenciar do outro Tiago, mais novo e menor em estatura que também era apóstolo. Pelo que se pode entender dos evangelhos, seu pai era um homem próspero e influente na sociedade judaica com acesso ao sumo sacerdote. Diferentemente de seu irmão, Tiago não simpatizava com o movimento apocalíptico dos essênios, nem acompanhava as pregações acaloradas de João Batista. Sobre seu irmão João, autor de um dos evangelhos, uma curiosidade insaciável aos pesquisadores bíblicos sempre existirá; o motivo pelo qual João não o cita pelo nome.

Tiago se tornou íntimo do Senhor Jesus participando de perto de episódios reservados da vida de Jesus, como na ressurreição da filha de Jairo e na transfiguração no Monte Tabor, onde ele presenciou o fulgor da glória de Jesus. Ele esteve presente também na agonia do Getsêmani, quando, depois da última ceia subiu ao Monte das Oliveiras e deixando parte dos discípulos a meio caminho, seguiu mais adiante levando consigo a ele, Pedro e João. Ele é citado também entre os que viram a Jesus na terceira aparição após a ressurreição. Sua índole forte lhe rendeu o apelido de *Boanerges*, que significa *filho do trovão*, no episódio em que os samaritanos se recusaram a dar hospitalidade a Jesus e seu grupo (Marcos 3.17). Ele e seu irmão João perguntaram a Jesus se deveriam pedir em oração que descesse fogo do céu para os consumir (Lucas 9.51-56). A esta pergunta Jesus respondeu que não tinha vindo para causar a destruição dos homens, mas para salvá-los.

Tiago era homem sanguíneo, e quando Jesus perguntou se os discípulos poderiam beber “este cálice” ele respondeu rapidamente; “podemos!” Calíce era uma figura de linguagem para “sofrimento”.

No Evangelho de Mateus há uma narrativa em que ele e seu irmão, acompanhados da sua mãe Salomé, pedem a Jesus lugares proeminentes no reino vindouro do Messias. Havia, como se pode perceber, uma expectaviva a respeito da restauração da ordem davídica sobre o trono de Israel de cuja glória o explendor Salomônico era sombra. Pelo menos essa dupla achava que Jesus não demoraria a instaurar tal ordem, e queriam garantir um lugar de destaque ao seu lado. Esse ocorrido foi motivo de dissensão entre os discípulos, visto que era uma clara tentativa de se destacarem dos demais (Mt 20.20,21).

Não podemos identificar no relato bíblico se Tiago *Boanerges* era casado, contudo admitimos a viabilidade de que, segundo Lucas, ele seja o pai de Judas Tadeu, (Lucas 6.16; Atos 1.13). Seu primeiro encontro com Jesus se deu às margens do mar da Galiléia, logo após o chamado de Pedro e André. O texto de Mateus diz: *E adiantando-se dali, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu e João, seu irmão, num barco com seu pai Zebedeu, concertando as*

redes; e chamou-os; eles, deixando imediatamente o barco, seguiram-no.

O evangelista Mateus vai citá-lo novamente no capítulo 17 do seu Evangelho, quando da transfiguração do Senhor no Monte Tabor: *Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João e os conduziu em particular a um alto monte e transfigurou-se diante deles." (Mc 9.2).*

MINISTÉRIO PÓSPENTECOSTES

Sobre o ministério pós-Pentecostes um mistério impera acerca deste homem; Se ele era tão íntimo do Mestre quanto Pedro e João, e se estes figuram entre os mais notáveis partícipes dos primeiros capítulos de Atos, onde foi parar Tiago? Antes que alguém suponha que este silêncio possa significar um recuo, sou grato em afirmar que a maioria dos estudiosos supõe justamente o contrário: que ele adiantara-se em cumprir o Ide, partindo para as missões internacionais. Este posicionamento ganha peso ao se levar em conta que Lucas jamais omitiria a presença dele caso tivesse permanecido em Jerusalém. E se assim for, Tiago entra para o rol daqueles primeiros cristãos judeus a romper com a cultura israelita que fincava pé em Jerusalém e seus termos. Basta citar que o assunto do primeiro Concílio ocorrido em 49-50 d.C. em Jerusalém era sobre se os apóstolos deveriam ou não pregar para os gentios e se estes poderiam receber o batismo sem a circuncisão.

Se Tiago foi mesmo um apóstolo mais adiantado que os demais em cumprir a missão de ir por todas as nações pregando o evangelho, não podemos garantir, mas, lendas que coadunem com tais suposições não faltam. Aramis De Barros relata (*op. cit., p. 370-371*): *Tão fantasioso quanto interessante é o texto lendário atribuído a certo Abdias, que retrata Tiago Maior ministrando a dois magos descritos como Hermógenes e Fileto. Segundo a lenda, Fileto teria se rendido aos ensinos do santo, tencionando com isso abandonar suas práticas execráveis. Entretanto, sabendo-o, resistiu-lhe Hermógenes, lançando sobre seu parceiro tal feitiço, que fê-lo buscar socorro imediato em Tiago. O apóstolo, por sua vez, livrou-o*

miraculosamente da maldição que o assolava, com o simples envio de seu lenço.

Lendas à parte, é notório entretanto, que poucos apóstolos estão tão antigamente vinculado a determinada região quanto Tiago está ligado à Espanha. As tradições aludem obviamente, a um tempo anterior ao seu martírio em 44 d.C. O interesse por essa região do ponto de vista missionário fica expresso no desejo do maior evangelista do cristianismo primitivo, o apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso. Embora não saibamos se ele conseguiu êxito na empreitada de alcançar a Espanha, visto ter sido executado sob Nero alguns anos depois, temos evidências de que as missões cristãs chegaram àquelas terras antes da metade do primeiro século, e com muita possibilidade de ter sido alcançada primeiramente por Tiago Maior.

McBirnie considera da seguinte forma a presença de Tiago na antiga província romana de *Hispânia* (*op. cit.,* p. 104): *Considerando-se a facilidade que os habitantes da bacia do Mediterrâneo podiam transitar de uma à outra extremidade do mar, desde os dias de Hanibal de Cartago, facilidade esta incrementada a partir dos tempos de Júlio César (60 a.C.) – o qual visitou a Espanha pelo menos três vezes – não vemos nenhuma razão relevante que não se aceite a possibilidade de Tiago ter visitado as colônias judaicas na Espanha.*

Há de se dizer, infelizmente que a maioria das tradições e lendas envolvendo o apóstolo com a Espanha é recheado por idolatria católica e adoração a Maria. Uma tradição católica celebradíssima conta que Maria apareceu para Tiago no momento em que ele estava desistindo da missão na Espanha. Entretanto, a data requerida por tal tradição é no mínimo ilógico visto que em 40 a. C. Maria, segundo os historiadores mais renomados ainda estava vivendo emJerusalèm ou Éfeso sob os cuidados do apóstolo João.

A reverência a São Tiago na Espanha é tão grande que ele é o patrono do país. Não obstante ser graúda a menção de Tiago naquela região, havemos de mencionar que muitos historiadores

também discordam dessas alegações declarando que tais tradições são posteriores ao séculos 8.

Naturalmente, as mesmas lendas que levam Tiago à Espanha o trazem de volta à Judéia onde relatram seu martírio com base no texto bíblico relacionado.

SUA MORTE

Tiago é o primeiro dos apóstolos a morrer pelo evangelho, e o único a ter seu martírio registrado na Bíblia. Segundo Atos dos Apóstolos 12.1-2, o rei Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande que tentou matar o menino Jesus, e sobrinho de Herodes Antipas que matou João Batista, mandou matar a Tiago por decapitação para agradar aos judeus. Esse monarca era um bajulador dos césares tal qual seu avô. Ele tinha lambido as botas de Calígula quando da sua ascenção ao trono, e isto lhe valeu como recompensa o título de rei da tetrarquia de Filipe e Lisânias. Continuando sua trajetória de babação, recebeu do imperador mais duas províncias; Galiléia e Peréia. Para completar seu prêmio, passou a bajular Cláudio quando da sua ascenção ao trono, em sucessão a Calígula. Isto lhe rendeu novas conquistas, no caso, Samaria e Judéia. É este déspota idumeu, que para apaziguar a ira dos judeus, prende a Tiago recém chegado das missões e o executa em praça pública.

Segundo a lenda acerca de sua morte seus restos mortais esquartejados foram lançados aos cães. Entretanto alguns seguidores os recolheram e levaram para serem enterrados longe de Jerusalém. Isto ocorreu entre os anos 40-42 d.C., ou seja; apenas sete ou oito anos após a morte e ressurreição de Jesus. Narra também que Herodes, logo depois, morreu consumido de bichos, ou seja; de vermes. A narrativa bíblica diz o seguinte: *E por aquele mesmo tempo o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja para os maltratar.E matou à espada Tiago, irmão de João [...] E num dia designado, vestindo Herodes as vestes reais, estava assentado no tribunal e lhes fez uma prática. E o povo exclamava: Voz de Deus e não de homem. E no mesmo instante feriu-o o anjo*

do Senhor, porque não deu glória a Deus e, comido de bichos expirou (Atos 12. 1.1,2; 21-23).

Muitos ateus e céticos acham este texto forçado demais, entretanto, o historiador e apologista judaico-romano Flávio Josefo do primeiro século, em sua *Antiguidades* descreve: *No segundo dia dos quais espetáculos ele vestiu traje feito totalmente de prata e de uma contextura verdadeiramente maravilhosa, e veio para o teatro pela manhã cedo; ao tempo em que a prata de seu traje sendo iluminada pelo fresco reflexo dos raios do sol sobre ela, brilhou de uma maneira surpreendente e ficou tão resplendente que espalhou horror entre aqueles que olhavam firmemente para ele; e no momento seus bajuladores gritaram, um de um lado e outro de outro lugar, (ainda que não era para o bem dele) que ele era um deus; e acrescentaram: Sê misericordioso conosco, pois ainda que até agora te tenhamos reverenciado somente como um homem, contudo, doravante, te teremos como superior à natureza mortal [...] uma dor severa também apareceu no seu abdome e começou de maneira muito violenta [...] desse modo ele foi carregado para dentro do palácio; e o rumor espalhou-se por toda parte que ele certamente morreria dentro de pouco tempo[...] e quando ele se tinha esgotado muito pela dor no seu abdome, durante cinco dias, ele partiu desta vida (Antiguidades, XIX, 7.2).*

Clemente de Alexandria, por volta de 190 d. C. , com certeza baseado em tradição escrita ou oral, escreveu detalhes da execução de Tiago. Diz ele que ao chegarem ao local designado para a execução da sentença, (morte por decapitação), um dos soldados, perturbado pela serenidade com que se portava o santo apóstolo perante a iminiência da morte, prostou-se diante dele pedindo-lhe perdão. Por isto, o soldado em tela também foi decapitado.

Ele havia dito categoricamente que “podia beber o cálice”, e de fato o fez. Em todas as listas dos apóstolos, Tiago aparece em terceiro lugar confirmando sua grande posição entre os companheiros.

O fato de Herodes ter dado mão em Tiago para o matar, demonstra o grau de importância deste líder naquela época. Muito

possivelmente, informantes de Herodes, que viviam infiltrados na plebe, tenham ouvido de suas atividades na Espanha, lugar para onde Roma tinha enviado dezenas de milhares de escravos judeus e onde Herodes era amaldiçoado. Isto pode ter despertado o interesse do monarca pelo apóstolo em questão.

A festa a que Lucas se refere como "*dia designado*"era um festival em honra ao imperador Cláudio, festejado segundo Josefo, em Cesaréia Marítima, em que Herodes se apresentou num vestido reluzente de prata que chamou muito a atenção do povo, dado o brilho fulgurante do traje.

Os Restos Mortais

Da mesma sorte que são claras e abundantes as tradições que confirmam o ministério do apóstolo em terras espanholas, são as narrativas acerca do translado de seu corpo de Jerusalém para aquele paìs.

Uma dessas tradições diz que logo após o martírio, alguns discípulos recolheram o corpo e temendo a ira dos judeus o levaram a Jope, colocando-o em um navio. Após sete dias de viagem, navegando pelo estreito de Pilares de Hércules alcançaram a Galácia, ao norte da Espanha. O apelo idolátrico comum aos católicos cercou os fatos de fantasias, as mais pitorescas: Numa delas dizem que ao chegarem no porto, colocaram o corpo do apóstolo sobre uma pedra, que imediatamente virou cera e engoliu o corpo, fazendo entender que era alí que seus restos mortais deveriam permanecer.

Há um complicador sobre a presença dos restos mortais em terras espanholas; é que o corpo só foi descoberto no século 8, havendo um desconfortável silêncio sobre seu paradeiro nos sete séculos anteriores. O fato é que em 810 d. C. três corpos atribuídos a Tiago Maior e dois de seus discípulos foram encontrados ao norte da Espanha, pelo bispo Teodomiro, hás vinte quilômetros da casa episcopal.

Notificado da descoberta, Alfonsso II, rei das Astúrias, em cujas terras deu-se a descoberta, informou ao papa Leão III. Pouco tempo

depois o lugar onde as relíquias foram encontradas se transformou na cidade de Santiago, a qual tornou-se alvo de romarias e peregrinações; aliás, a terceira maior peregrinação cristã da Idade Média.

Existem muitas controvérsias em torno da data em que o transporte do corpo aconteceu, e muitos atribuem que as missões de Tiago na Espanha seja fruto das lendas sem fundamento, cujo interesse é autenticar a descoberta dos restos mortais, esta sim, digna de toda aceitação.

,Em Tiago encontramos um exemplo de humildade. Mesmo sendo mais velho que seu irmão João, viveu em segundo plano diante deste em que os holofotes brilhavam mais por ser ele o discípulo que Jesus tanto amava. Não deve ter sido fácil viver à sombra de um irmão mais novo, mas Tiago, como bem o orientara seu mestre, soube ser manso e humilde. Ele, no entanto sobressai-se dos demais apóstolos, assumindo um lugar de destaque ao lado do Senhor. Seu ministério ao lado de Jesus reserva-nos o vislumbre de um dos mais laboriosos ajudantes do Mestre. Sua importância na tradição cristá excede o de muitos apóstolos os quais tiveram muito mais tempo para desenvolver suas histórias e legados.

JOÃO

João, é chamado de o evangelista por ter escrito o Quarto Evangelho. Ele escreveu também as três cartas que levam seu nome e o Livro das Revelações, ou o Apocalipse, o último livro do cânon bíblico. Se as Escrituras silenciam a respeito do ministério da maioria dos apóstolos não se pode dizer o mesmo com relação a João. Sua personalidade é destacada nas páginas dos evangelhos como um dos mais próximos do Senhor. Ademais, a história, a tradição e as lendas sobre seu ministério pós-bíblico é por demais numerosas. Isto é bom e ruím ao mesmo tempo, pois apesar da riqueza de detalhes em sua biografia, há uma enxurrada de lendas fantasiosas sem o menor crédito. Assim, cabe ao escritor a penosa missão de separar o real da fantasia.

João significa *Jeová é gracioso.* Ele era natural de Betsaida, irmão mais moço de Tiago Maior e o mais novo dos doze apóstolos. Era pescador de profissão e filho de Zebedeu, um negociante de peixe bem-sucedido de Cafarnaum, com Salomé, uma dedicada serva de Jesus. Sobre sua mãe paira a suspeita de que seja a irmã anônima de Maria em João 19.25. Sugere-se que o evangelista teria humildemente omitido o nome da própria mãe junto à cruz. Neste caso, Jesus seria primo dos irmãos *Boanerges,* e isto traria luz para a questão da intimidade entre eles e Jesus. Juntamente com Tiago, era sócio de André e de Pedro, com quem João tinha uma relação mais intima. Julga-se que a família de João era abastada e bem relacionada com a alta classe pelo fato de ele ter obtido permissão para entrar no pátio da residência do sumo sacerdote quando Jesus estava sendo interrogado em Jerusalém, e ter em seguida conseguido o acesso de Pedro também. Eles tinham empregados (Mc 1.20), que lhes auxiliavam nas empreitadas.

O DISCÍPULO AMADO

Sua relação com Jesus é uma das mais intimas no círculo dos apóstolos, sendo ele aquele que *repousava a cabeça no ombro do Senhor* nas reuniões sociais. Jesus chamou a ele e a seu irmão, de *Boanerges,* uma expressão semítica que significa filhos do trovão, que provavelmente refletia o temperamento entusiasmado dos dois irmãos. Essa proximidade de Jesus com o discípulo João talvez tivesse o propósito de consolidá-lo junto ao grupo sendo ele bem mais novo que os demais. Essa relação de proximidade com o Mestre lhe concedeu presenciar grandes acontecimentos e demonstrações do poder de Deus fazendo com que ele abusasse do uso de palavras que afirmavam tal testemunho. Textos como *vimos sua glória* e *quem viu isso é que dá testemunho,* ou, *o que vimos com os nossos olhos* e, *as nossas mãos apalparam.*

O próprio João refere-se a si como *o discípulo que Jesus amava.* Isto não reflete que Jesus amasse a ele mais que aos outros; reflete sim como João se sentia amado pelo Senhor. No capítulo treze, verso um do seu Evangelho ele escreve: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo do amor”. É ele que vai falar do grande amor de Deus Pai e seu Filho Jesus de uma forma especial. A linguagem de amor mais profunda em João é a do contato físico, do recostar a cabeça no ombro. Ele disse; “Aquele que nossas mãos apalparam” ... E esse estilo de amor vai virar a sua pregação mais tarde quando ele diz: “Filhinhos, não nos amemos apenas por palavras.”

SEU CHAMADO

Antes de seguir a Jesus, era seguidor zeloso de João Batista (Jo 1.35-40). Concordam os eruditos que a intimidade com o Mestre e a relação discipular com o profeta João Batista tenha gerado o ambiente propício para a capacitação espiritual tão elevada percebida em seus escritos. Certo dia, estando com João Batista às margens do rio Jordão, Jesus passou a certa distância. O rude profeta então exclamou: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.*

Naquela noite não conseguiu dormir. Havia procurado saber mais sobre o Cordeiro que tirava o peso da condenação de sobre os

ombros do pecador. Em João palpitava um típico coração judeu, que pulsava de acordo com as expectativas messiânicas e os dilemas da dominação romana. No dia seguinte já estava seguindo aquele que dali para frente seria a razão da sua vida. Logo ocupou a preeminência sobre os demais juntamente com Pedro, seu grande amigo e Tiago, seu irmão mais velho. Com Pedro, João tinha grande amizade e realizou muitas atividades ministeriais descritos nos evangelhos e no Livro de Atos dos Apóstolos. Paulo diz na carta aos Gálatas que em Jerusalem, quando da sua terceira visita avistou *os colunas* da Igreja e cita Tiago, Cleofas e João. Estes, Paulo diz; "estenderam-nos a destra de comunhão". No capítulo 3 do livro de Atos dos Apóstolos ele e Pedro estão indo ao templo para a oração das três horas da tarde, e na entrada do templo se deparam com um homem paralítico que pedia esmolas desde a sua mocidade naquele mesmo lugar. Pedro olhou para João e logo se dirigiu ao homem com as seguintes palavras: "Não temos ouro nem prata, mas o que temos te damos; em nome de Jesus, anda!" Foi uma grande alegria ver como Deus estava operando, agora pelas suas mãos, como as palavras de Jesus faziam sentido agora: "Quem crer em mim, obras maiores farão".

JOÃO E O MINISTÉRIO COM JESUS

Foi um dos três discípulos que estavam juntos a Jesus na ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5.35-42). Que grande demonstração de poder aquela! Na Última Ceia Pedro pediu-lhe que perguntasse a Jesus quem seria o traidor. Quando Jesus orava no Getsêmani ele estava mais próximo, juntamente com seu irmão e Pedro. Tentou o quanto pode obedecer as orientações de vigilância do Mestre, mas por fim dormiu como os outros dois. Quando Jesus foi preso, fugiu como os outros, porém, retornou quando as emoções assentaram em seu coração. João briosamente seguiu de perto a escolta que conduziu seu Mestre noite a dentro à casa do sumo sacerdote Anás. Acompanhou-o até ao pé da cruz. Pôde acompanhar os acontecimentos a certa distância, inclusive usando da relação que tinha com a família do sumo sacerdote Anás que àquela altura era um coopitado, para poder acessar as dependências do pátio interno. Andou no meio dos inimigos:

Soldados escarnecedores, escribas, fariseus e saduceus. Pôde ouvir as zombarias, as acusações, as agressões físicas e verbais recebidas pelo Mestre. Quando percebeu a figura furtiva de Simão Pedro do lado de fora do pátio da casa, expôs-se mais ainda para coloca-lo para dentro usando sua relação com a família do sumo sacerdote. Acompanhou o trajeto até ao pé da cruz. Essa coragem e prova de amor lhe rendeu um dos mais célebres momentos com Jesus: Quando enfim vai entregar o seu espírito, o Mestre olha para baixo e enxerga apenas João entre as mulheres. Dai Jesus apontar para ele e dizer; “Mulher, eis aí teu filho”, e; “filho, eis aí tua mãe”. Em outras palavras Jesus estava entregando sua mãe aos cuidados de João. Aquelas palavras significavam que o filho primogênito de Maria estava passando em vida e à beira da morte a responsabilidade do cuidado e sustento de Maria para as mãos de João, o discípulo que Ele tanto amou. É de suma importância frisar aqui alguns detalhes sobre esta passagem de responsabilidade a que Jesus sujeita João. O primeiro é que Maria era viúva neste tempo, pois José já tinha falecido. O segundo ponto é que nenhum dos irmãos de Jesus criam nele até então, e por isto talvez demonstrassem repúdio ou preconceito com Maria. A terceira era a condição de desamparo com que a Bíblia apresenta as viúvas daquela época. Elas sofriam todo tipo de abandono, ainda mais se esta fosse envolvida com algum desajuste político/religioso como Maria havia se envolvido. Jesus estaria então garantindo que ela seria amparada por alguém que comungasse da mesma fé. Além disso, existe, como relatado anteriormente a possibilidade de Salomé, mãe de João, ser irmã de Maria.

ELE VIVE!

Não é sem razão que só João relata o golpe de lança que certificou a morte de Jesus. Em meio à confusão gerada pelo terremoto ocorrido alí, só quem estivesse bem próximo podia ter visto tal fato. Foi com aquela cena martelando seu juízo que ele desceu acompanhando a multidão. A noite logo iria cair e era preciso conseguir autorização das autoridades para remover o corpo antes que o sábado começasse (os dias judaicos acabam as seis da tarde).

Quando o domingo amanheceu, João estava trancado com os outros dez às portas fechadas. As ameaças podiam ser ouvidas do lado de fora. Os nervos estavam à flor da pele. As mulheres tinham saído para limpar o corpo e perfumá-lo, pois não tinham podido fazer isto antes por causa do sábado. Era uma preocupação a mais. Elas podiam ser agredidas por judeus odiosos. Podiam ser seguidas até o esconderijo por um agente romano ou do Templo e do Sinédrio. Algum tempo depois elas retornaram trazendo a notícia de que o Mestre tinha falado com elas. Seu corpo não estava no túmulo. Pedro saiu apressadamente para ir até o local. Os riscos agora eram quadruplicados, pois poderiam ser acusados de roubarem o corpo, de violarem um lacre imperial. Mesmo assim chegaram ao local e constataram que a grande pedra tinha sido removida e Jesus não estava lá. Sua promessa se cumprira? Ele ressuscitou? Quem o sabia?

QUE TE IMPORTAS SE QUERO QUE ESTE FIQUE?

Tal qual os outros, João foi perseguido na cidade de Éfeso onde era o cabeça. O imperador Domiciano mandou prendê-lo e escoltá-lo a Roma em 94.d.C. ,(Esta data é confirmada por vários escritores e historiadores antigos como Ireneu, Eusébio e Jerônimo),com o fim de condená-lo à morte. Foi lançado numa caldeira de azeite fervente, mas a providência divina fez com que saísse ileso. Por isto foi condenado a viver até o fim da vida exilado na ilha de Patmos, na verdade, uma elevação rochosa na extremidade leste do mar Egeu, há 55 km da costa sudoeste da atual Turquia, na região conhecida no mundo bíblico neotestamentário com Ásia Menor. Para se ter uma ideia, em 2002 a ilha tinha apenas 2.700 habitantes. Foi ali que recebeu de Deus a Relelação do Fim dos Tempos, o Apocalipse. Depois de escrever a revelação, foi libertado quando o imperador Domiciano, traído por seus súditos foi assassinado e em seu lugar assumiu Nerva que concedeu um indulto aos exilados. Segundo a tradição cristã João morreu de morte natural com mais de cem anos no ano 102 d.C.

SEU MINISTÉRIO EM ÉFESO

Os eruditos afirmam em sua grande maioria que João deixou Jerusalém em companhia de Maria logo depois da ascensão de Jesus, indo para a cidade de Éfeso, na Ásia Menor, uma cidade com uma população de mais de duzentos mil habitantes naquela época. A mãe do Senhor viveu com ele até morrer.

O Concílio de Éfeso, que foi convocado pelo imperador Valentiniano III e Teodósio II, ocorrido em 431 D. c. naquela cidade, afirmou que Maria teria morrido em Éfeso aos 64 anos de idade. O Concílio apontou inclusive os dois endereços em que Maria teria morado. Um deles, chamado ainda hoje de *Casa de Maria,* foi ratificado pela arqueologia moderna como uma legítima construção do século 1.

Há um documento por demais antigo que relaciona o ministério pós-bíblico de João com a cidade de Éfeso. Declara o escrito que João, *aquele que reclinou a cabeça sobre o peito de nosso Senhor,* teria evangelizado em Éfeso, Tessalônica e Corrítios, bem como a região da Acaia. Sobre sua presença alí, o maior testemunho são os diversos discípulos que ele treinou e que se tornaram figuras de renome na tradição cristã.

Há todavia algumas fortes objeções a esta versão. A mais antiga é oriunda do patriarca Nicéforo, do século 9 que declara em sua *História Eclesiástica* João permaneceu em Jerusalém até o falecimento da mãe de Jesus. Já o apócrifo conhecido como *A morte de Maria,* relata que Maria teria morrido em Jerusalém e sido sepultada no vale de Josafá.

Uma carta dirigida a João, escrita por Inácio de Antioquia é o arremate desta versão, pois alí o patriarca se queixa da demora de João ir ter com ele e sua congregação, ao tempo que pergunta se pode fazer-lhe uma visita em Éfeso com o objetivo de vê-lo e também a Maria, mãe do Senhor.

Se me permites, desejo muito subir a Jerusalém, a fim de ver os santos fiéis que aí se encontram, especialmente Maria, a mãe,

aquela que dizem ser objeto de grande admiração e afeição por todos.

Por fim resta a opinião deste autor: Penso em como Maria poderia ter deixado a companhia de seus filhos em Jerusalém justo no momento em que seus filhos estavam se convertedo ao cristianismo. E como ela teria enfrentado as dificuldades e sofrimento de uma viagem até a longínqua Éfeso, em companhia de João ao invés de ficar na companhia do novo convertido Tiago e Judas, seus filhos.

Se os demais apóstolos se alargaram em evangelismo, tendo desbravado várias regiões, João encontrou numa única cidade as mais diversas dificuldades e inimigos. Éfeso, como podemos perceber na leitura do livro de Atos, era uma cidade mergulhada no mais profundo paganismo. Paulo lutou bravamente contra os idólatras efésios por volta de 50 d.C., e deixou ali o casal de missionários Áquila e Priscila (At 18.18-21).

Alguns anos depois João enfrentaria a oposição ferenha dos gnósticos, um grupo esotérico que pregava heresias na igreja de Éfeso e que representou uma grande ameaça à Igreja dos séculos 2 e 3. Aramis DeBarros expressa bem a dificuldade em se definir os heréticos gnósticos (*op. cit.,* p. 327): *Definir os gnósticos é tarefa bastante difícil. Isso porque essa expressão filosófico-religiosa, de cunho sincretista, não se apresentava como uma organização delineada, tampouco com uma liderança definida. Na realidade, contava-se, entre o século 1 e 2 mais de setenta seitas distintas, alinhadas de alguma forma ao pensamento gnóstico.*

Esses inimigos da sã doutrina sozinhos fizeram estragos incríveis ao longo dos séculos na igreja primitiva, e foram eles através de suas atitudes abomináveis, os responsáveis pelo fim das singelas ceias ágapes.

Os gnósticos apregoavam que tanto Jesus quanto o Espírito Santo eram apenas emanações de seres espirituais enviados para nos trazer a *gnosis* ou seja, o conhecimento redentor. Por isto João começa seu Evangelho declararando que “Ele estava no princípio com Deus; e Ele era Deus”.

SEUS ESCRITOS

João escreveu o Evangelho que leva seu nome, três cartas atribuídas a ele e o livro de Apocalipse.

O EVANGELHO

Neste livro João apresenta Jesus como o *logos* ou o verbo, a mensagem viva de Boas Novas. Os estudiosos creem que ele escreveu este livro entre 60 e 100 d.C. Os escritores do século 2 dizem que ele o escreveu em Éfeso, Ásia Menor, atual Turquia. O próprio João declara que o propósito da obra é persuadir as pessoas a crer que Jesus é o Filho de Deus. Mais de 90% do conteúdo de João é inédito. João escreveu por último o seu Evangelho e já sabia o que existia nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Assim, dos sete milagres relatados em João apenas dois se encontram nos Sinóticos. É apresentado como o Messias. Os episódios foram criteriosamente organizados visando a este propósito. Logo no primeiro versículo Jesus é declarado ser eterno, pois estava no princípio com Deus. E era Deus. Durante todo o enredo João traça o perfil da divindade de Jesus. Deixa claro que Jesus é o Filho de Deus e atesta isto com milagres e curas. Tanto quanto enfatizou a santidade e divindade de Jesus, enfatizou a disfarçatez dos líderes judeus e as duras repreensões que levaram do mestre. João é um evangelho único por retratar o ministério de Jesus na Judéia, quando os outros três relatam o ministério da Judéia.

AS CARTAS

Todas as cartas tem datação em 90d.C.

1ª João é uma carta dirijida a membresia de uma igreja onde ele pede que os irmãos se amem, uns aos outros. Ele é o único apóstolo ainda vivo e tem a preocupação de exortar aos irmãos acerca dos falsos ensinos e falsos profetas. Ele atribui tais infâmias adentrando nas igrejas como coisa do Anticristo.

2ª João é dirigida a uma igreja aqui chamada de “senhora”. A maioria das ideias abordadas nesta carta é resumo do ensino da primeira.

3ª João é uma carta pessoal de João a um discípulo chamado Gaio, onde João condena a arrogância de um líder chamado Diótrefes, pois este não o recebe nem permite ele entre os irmãos ao mesmo tempo elogia a Demétrio.

O APOCALIPSE

O livro do Apocalipse, ou Livro das Revelações é um relato que fascina e perturba os leitores de todas as épocas pois trás uma mensagem sobre os últimos acontecimentos na terra e a vinda do Senhor Jesus recheada de imagens bizarras e seres extraordinários. João o escreveu já em idade avançada na Ilha de Patmos quando foi enviado para lá pelo imperador Domiciano entre 95 e 96 d.C. Agora o gentio Jesus descrito nas páginas dos Evangelhos dá lugar ao Poderoso Deus que exibirá sua majestade, poder e juízo sobre todos os moradores da terra. A visão geral nos dá um vislumbre de Jesus o Reis dos Reis, sendo o controlador de todos os acontecimentos e vencendo Satanás para sempre.

O FIM DE JOÃO

Como foi dito anteriormente, João morreu de morte natural na cidade de Éfeso, após regressar da Ilha de Patmos para onde tinha sido exilado. O sepulcro de João em Éfeso figura como uma das mais confiáveis tradições cristãs. Embora o túmulo seja uma realidade bem guardada, seus restos mortais sumiram em data desconhecida e é um dos maiores mistérios envolvendo o apóstolo em tela. Na Idade Média a Igreja Católica fomentou romarias e peregrinações ao local do túmulo alimentando todo tipo de superstição incluindo curas milagrosas ao se respirar o pó do túmulo.

FILIPE

Filipe é um nome grego, por isto se afirma que ele, assim como Natanael fossem filhos de pais gregos casados com judias, uma união comum nos tempos de Jesus. Há uma linha que aponta os dois como irmãos, mas isso é só uma possibilidade sem comprovação. Ele era natural de Betsaida, mesma cidade de Pedro e André. Filipe significa *aquele que ama cavalos*, pois é composto por *philos* (amigo) e *hippos* que significa cavalos.

CHAMADO APOSTÓLICO

Ele foi chamado por Jesus primeiramente para segui-lo, mas logo se mostrou ávido em ganhar almas para o reino e apresentou Natanael a Jesus. Com isto Jesus o separou para compor o seleto grupo dos Doze e figura na lista dos apóstolos sempre em quinto lugar. Não deve ser confundido com o diácono e evangelista Filipe do livro de Atos dos Apóstolos e que pregou para o eunuco Etíope, pois na verdade muitos cristãos confundem os dois e fundem suas histórias numa só. Mas essa confusão vem de longe e até alguns Pais da Igreja chegaram a confundir os *Filipes*, a exemplo de

Clemente de Alexandria e Eusébio de Cesaréia. A confusão aumenta porque os dois tiveram filhas consagradas que levavam uma vida casta e foram fonte de inspiração para mulheres cristãs, além de que as Escrituras deram pouca atenção ao “nosso” Tiago além do renove alcançado pelo outro.

A alegria demonstrada ao se dirigir a Natanael com a notícia de que tinha “encontrado” o Messias significa que ele já estava à procura do Rabi galileu. Depois podemos aferir que ele já conhecia a Jesus pois diz: *É Jesus, o nazareno filho de José e Maria.*

Devemos a João as poucas informações a respeito de Filipe. No evangelho de João capítulo 6, versos de 7 a 9, Jesus atravessou o Mar da Galiléia seguido de numerosa multidão que ansiava em presenciar seus milagres e ouvir seus ensinamentos ou vê-lo curar alguém. E, como o próprio Jesus denunciou; “fazer uma boquinha”. Eles estavam num lugar bastante amplo e aconchegante. As pessoas iam chegando e se acomodando como podiam. Logo o Messias em pessoa viria lhes cumprimentar. Por outro lado, junto ao mestre estavam os Doze, todos sentados em redor. Quando o número de pessoas já passava dos quatro mil indivíduos, Jesus olhou para Filipe e perguntou; *Filipe, onde compraremos pães para alimentar toda essa gente?*

Filipe lançou um olhar sobre a multidão e percebendo a quantidade de gente faminta, declarou: *Senhor, nem mesmo comprando duzentos denários daria para darmos um pedaço a cada um.*

Ele estava correto; o denário era uma pequena moeda de prata, a de maior circulação no mercado romano. Era o correspondente ao valor que um trabalhador recebia por uma diária de serviço e com ele se compraria oito quilos de pães, ou seja; Filipe julgou que nem se eles comprassem pouco mais de uma tonelada e meia de pão não daria para dar nem um pedaço para cada um. Mas o texto vai dizer que Jesus estava “testando” a fé de Filipe. Afinal, ele não tinha declarado a Natanael que tinha encontrado o Messias? Jesus perguntou quem tinha alguma coisa de comer e lhe trouxeram um menino que tinha cinco pães e dois peixinhos. Mas para que daria

isso diante de cinco mil pessoas? Jesus ordenou que o povo assentasse e fez que os discípulos os ordenassem em grupos de cinquenta. Em seguida orou agradecendo ao Pai e dando graças partiu em pedaços e entregou aos apóstolos para que alimentassem o povo. Ao final, todos comeram até fartar e ainda se recolheram doze cestos do que sobrou. Que grande sinal de poder e autoridade! Que lição Filipe aprendera naquele dia. Ele que havia se preocupado em como poderiam mandar aquela multidão para casa sem alimento. Morreriam no caminho, adoeceriam de fraqueza. Ver agora toda a multidão alimentada pelo pão que se multiplicou em suas mãos a cada vez que era repartido lhe conferiu um misto de fé e graça, se é que podemos separar estes dois termos no contexto em tela. Deus estava dizendo a ele que ainda podia ser chamado de Yaveh Jirhé, o Deus da provisão. O Deus que enviou codornizes ao deserto, e ordenou que corvos alimentassem ao profeta Elias ainda era o mesmo. Filipe não tinha dúvidas: “Ele era o Filho de Deus!” Algum tempo depois Jesus ensinou que Ele era o *pão da vida*.

Em outra ocasião, desta feita no tempo da festa da Páscoa, um grupo de homens gregos abordou Filipe querendo saber como fariam para ver Jesus. Pensa-se que escolheram a Filipe por causa do seu nome grego e de outros traços culturais como a fluência do idioma. O termo *gregos* empregado alí pode significar homens gentios, prosélitos do judaísmo ou simpatizantes do judaísmo os quais são designados como “tementes a Deus”.

Senhor, queremos ver Jesus.

Filipe, talvez se sentindo inseguro, foi procurar André e os dois foram até Jesus. Quando eles disseram sobre os gregos quererem vê-lo Jesus declarou que tinha chegado a hora do Filho ser glorificado. Neste momento os discípulos todos ouviram uma voz no céu dizer: *Eu já o glorifiquei, e o glorificarei novamente!*

A última vez que Filipe é citado no Evangelho de João, é no evento da Última Ceia. O Mestre tinha impactado a vida de todos eles ao lavar os pés, um por um aos apóstolos. Foi uma grande prova de amor e humildade. Depois que comeram e beberam Jesus começou a lhes falar sobre sua partida. Que iria lhes preparar lugar

e que depois voltaria para buscá-los. Era um assunto muito sério e Filipe ficou esperando que alguém como Tomé tomasse a iniciativa de perguntar mais sobre aquilo, mas o tempo foi passando e nem mesmo o impetuoso Pedro quis se manifestar. Então ele se adiantou: *Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta!*

O Mestre, sempre terno e tranquilo, fixou os olhos em Filipe com um sorriso ameno, depois falou: *Filipe, estou há tanto tempo com "vocês" e não me tendes conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai; e como dizes tu mostras-nos o Pai?*

Jesus prosseguiu, aproveitando aquele momento para ensinar mais uma vez a todos os doze sobre Ele, o Pai e o Espírito. Ele exortou que cressem nele ao menos pelas obras que ele já tinha realizado; a multiplicação dos pães por exemplo.

MINISTÉRIO PÓS BÍBLICO

Como dissemos anteriormente, a tradição cristã emaranhou as biografias deste discípulo com o seu homônimo diácono do livro de Atos. Uma das primeiras controvérsias se deu acerca da presença de qual dos Filipes na Frígia. Papias declarou ter colhido informações de certos indivíduos que teriam conhecido pessoalmente as filhas do apóstolo Filipe que viveu em Hierápolis. Algum tempo depois Proclus, um montanista refutou este argumento dizendo que não se tratava do apóstolo Filipe, mas do diácono evangelista que, segundo o relato bíblico possuía quatro filhas profetisas (Atos 21.8,9). Mas logo depois a ordem é retomada, quando Polícrates de Éfeso rearirma tratar-se de fato do apóstolo que morrera junto com uma de sua filhas em Hierápolis.

Quando passamos a invertigar o cenário e as circunstâncias que pudessem tornar a região citada atrente a atuação evangelísticas no século 1, nos deparamos com imensa positividade; em primeiro lugar, a Frígia está localizada na região da Ásia Menor, palco de intensas campanhas missionárias. Segundo, um número grande de arautos do Senhor pisaram aquele solo disceminando o evangelho, como Paulo, Silas, Timoteo, André e Marcos. Outro fato importante é que Filipe parece ter sido grande amigo de João, este, foi por

muito tempo pastor em Éfeso, cidade próxima a Hierápolis, onde Filipe estava. Alguns estudiosos justificam a ausência do ministério paulino nesta importante cidade devido a presença forte de um apóstolo como Filipe. Paulo, além de não passar por Hierápoles, não escreveu nem citou ela em suas cartas. Afinal, Paulo tinha cuidado em não semear em fundamento alheio (Rm 15.20): *Sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido, de forma que não estivesse edificando sobre alicerce alheio.*

Na biografia de Bartolomeu já falamos sobre o trabalho conjunto dos dois em Hierápolis, encontrado na obra apócrifa *Atos de Filipe* que, embora cheio de fantasias e lendas, servem para confirmar a presença de Filipe na referida cidade. Diz que quando Filipe começou a anunciar o evangelho naquela cidade, um certo Eustáquio, se converteu e o hospedou em sua casa. Logo uma multidão afluiu para aquele endereço, que veio a se tornar um ponto de pregação. Muitas pessoas eram curadas naqueles cultos e logo a notícia chegou aos ouvidos da casa do procônsul romano, cuja esposa padecia de uma enfermidade. Ao saber dos prodigiosos trabalhos espirituais da dupla de apóstolos, Nicanora saiu ao encontro dos dois sem o consentimento do esposo. Ao chegar em casa de Eustáquio foi recebida pela irmã de Filipe, por nome Mariane que lhe entregou uma mensagem profética, momento em que a nobre mulher ficara curada e regojijante aceitou o senhorio do Senhor. Instantes seguintes chega o odioso magistrado, que em ato violento segura a esposa pelos cabelos enquanto lança ameaças para os apóstolos e seus seguidores. Presos, os apóstolos e Mariane ficam aguardando decisão de sua acusação. Acusados pelo sacerdote do culto à serpente, os três foram conduzidos ao tribunal e alí despidos para alargar o vitupério. Diz a lenda que ao invés da vergonhosa nudez dos acusados, viu-se bolas de fogo em redor dos acusados, o que aumentou o número de convertidos ao Senhor. Ainda mais irados, os algozes decidem executar os três. No decorrer dos fatos seguintes, Bartolomeu recebe livramento com Mariane, mas Filipe sofre o martírio.

Se existem contradições acerca da presença de Filipe em Hierápolis, tradições antigas e confiáveis apontam o trabalho do apóstolo por regiões ainda mais distantes como a França, antiga Gália. Embora sejam muitas as tradições e lendas que aportem Filipe na Gália, alguns céticos discutem se *Gália* não seja um engano histórico com relação a *Galácia*. Outros alegam ainda que o Filipe que pregou por esta região seja o evangelista e não o apóstolo. Se é verdade ou não que Filipe evangelizou a Gália, é certo que seu nome é o que mais se associa ao trabalho apostólico na França.

Os Restor Mortais

Polícrates, líder da igreja de Éfeso e renomado escritor cristão, é apenas um entre muitos que atestam a morte e sepultamento de Filipe em Hierápolis. Uma tradição mais recente atesta o translado dos restos mortais do apóstolo de Hierápolis para Roma, a mando do papa João III (560-572 d. C.). Qualquer visitante à igreja dos Santos Apóstolos em Roma se deparará com um relicário atrás do altar em cujo interior repousam aquilo que a Igreja Católica Apostólica Romana alega ser os restos mortais de Filipe.

BARTOLOMEU

Bartolomeu é outro apóstolo cuja história e personalidade não transparece no relato bíblico. Seu ministério não é descrito nas Escrituras e não há informações anteriores àquelas citadas por Eusébio no século IV. Seu nome, só aparece nas listas dos apóstolos, em cada um dos evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos. Sua memória, cercada por lendas, está mais intimamente vinculada aos povos orientais. É curioso o fato de ele ser mencionado sempre ao lado de Filipe, dando a entender que este era o seu par nos serviços do ministério com Jesus. Bartolomeu, *Bartholomaios,* translitera o aramaico que significa literalmente *Filho de Talmai,* um termo patronímico aramaico muito encontrado nos escritos de Flávio Josefo e citado na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento). Em hebraico, *Tholmai* quer dizer, agricultor, ou aquele que trabalha no arado. Mas há divergências com aqueles que alegam que Natanael era filho de um homem grego e que o termo seria *Ptolomeu* (grego) e não *Tolmai* (aramaico). Esta não é uma alegação inusitada, visto que naquele tempo existiam muitos casais das duas culturas como por exemplo os pais de Marcos, de Timóteo e de Silas.

ORIGENS DO APÓSTOLO

Desde o século 9 que Bartolomeu é reconhecido como sendo o Natanael que aparece no Evangelho de João, este, parece ter sido

um amigo antes do chamado apostólico. Sabe-se que *Elias de Damasco* foi o primeiro escritor cristão a reconhecer Natanael e Bartolomeu como a mesma pessoa. A razão disto é que João cita Natanael no lugar onde os Sinóticos citam Bartolomeu. Daí, alegam alguns estudiosos que João, sendo amigo de Bartolomeu há muito tempo, chama-o pelo nome correto Natanael, ao invés do termo patronímico. Embora pareça óbvio, e pareça fácil estabelecer esta ligação, a evidência ainda não é conclusiva. Há insistentes tentativas de atribuir o nome Natanael a outros apóstolos como Mateus, João e até Matias, o que assumiu o lugar de Judas. Mas estas são especulações vencidas no entender deste autor, que compreende que Natanael é o nome legal de Bartolomeu. Vários escritores cristãos antigos descrevem Bartolomeu como um varão descendente da tribo de Naftali, outros, escudados no pensamento do historiador Jerônimo de Belém, apoiam a ideia de que ele seja da linhagem de Talmai, o rei de Gerur, este, pai de Maaca, uma das esposas do rei Davi e mãe de Absalão. Há ainda uma defesa ainda mais singular alinhando sua descendência com a família real egípcia dos *Ptolomeu.* Nenhuma dessas defesas são plenamente confiáveis, mas esta última é impossível. Não porque não tenha havido presença judia no Egito, mas por que associar a pessoa do apóstolo à dinastia egípcia seria arruinar suas origens, estas, tão bem atestadas em João 1.47; *Quando Jesus viu Natanael chegando, disse a respeito dele: - Aí está* ***um verdadeiro israelita****, um homem relamente sincero.*

O CHAMADO

Bartolomeu foi apresentado a Jesus por seu amigo Filipe que o encontrou e disse entusiasmado; “encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os profetas; é Jesus de Nazaré, o filho de José. Quando ficou sabendo que Jesus era de Nazaré, uma pequena cidade da Galileia, ele proferiu aquela famosa sentença carregada de preconceito: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (João 1.46). Acontece que ele era de uma vila ainda mais remota, a Caná do primeiro milagre de Jesus, distante apenas 14 quilômetros de Nazaré (João 21.2). Percebe-se que Natanael que significa *dom de Deus,* não conhecia bem as profecias que relacionavam o

Messias com aquela região, bem como a origem de alguns grandes profetas como Isaias e Naum, ambos da região da Galiléia ou, mais provavelmente, era daquele seguimento judaico que aguardava um Messias esplendoroso empunhando uma espada flamenjante e colocando seus adversários sob estrado dos pés. Filipe não desistiu e levou-o até Jesus que ao invés de descriminá-lo pela ofensa, declarou sorridente: *"Vejam, aí está um verdadeiro israelita em quem não há falsidade".* Este elogio recorda o Salmo 32.2 que diz; *"Feliz o homem a quem Javé não atribui iniquidade"* A Bíblia diz em Provérbios 1.15 que *"a resposta branda desvia o furor",* e foi assim que Jesus ganhou a confiança de Natanael. Jesus elogiou a sua sinceridade em dizer aquelas palavras sobre Nazaré.

O PERFIL

Natanael não era dissimulado nem adotava a postura do politicamente correto. Aquele tipo de gente que mente ou finge para agradar quando está diante da pessoa, mas por trás demonstra sua reprovação. Jesus então lhe falou que; *"antes que Filipe te chamasse eu te vi quando estavas sob a figueira."* Não sabemos o que aconteceu com Filipe debaixo dessa figueira, mas certamente foi um episódio significativo em sua vida, pois depois daí ele o seguiu. É recorrente na cultura judia que homens piedosos costumavam cultivar uma árvore frondosa, geralmente uma figueira em frente a sua casa, em cuja sombra meditava longamente na Lei e no ensinos da sinagoga. Talvez esse tenha sido o momento do qual Jesus falou. Este apóstolo, como os demais, esteve durante os três anos de ministério de Jesus, o tempo todo com ele. Esteve presente na multiplicação dos peixes, nas curas, na crucificação, na ressureição e na ascensão de Jesus. Nenhum dos Evangelhos fornece detalhes da vida deste apóstolo e seu nome figura apenas nas listas do chamado. Entretando podemos aferir que se tratava de um homem austero, e verdadeiro. Alguém que cultivava grande zelo pela Lei e pelos ritos judaicos e ensinos do Templo e da sinagoga. Isto pode ser deduzido a partir da afirmação do Mestre; *"Um verdadeiro israelita em quem não há dolo"* John D. Jones descreve assim o apóstolo (op. Cit.,p.77,82): *A Primeira coisa que eu diria acerca de Natanael é que era um homem entregue ao estudo, à*

meditação e à oração. Julgando pelo fato de seu nome ocorrer na lista daqueles que decidiram retornar, ao lado de Pedro, à pescaria, deduzo que Natanael, assim como seus irmãos e apóstolos, era pescador. Contudo, nunca se permitiu absorver por seus negócios. Praticava a pesca apenas como meio de subsistência, porém seu coração estava voltado para as coisas lá do alto. Cada momento que podia arrebatar de seus afazeres diários, ele os devotava à meditação e à oração silenciosa.

Havia naqueles tempos, um círculo de israelitas cujas almas estavam voltadas à oração [...] Natanael era um dos que compunham esse seleto e consagrado círculo.

No jardim que possuía, junto a sua humilde casa, havia uma figueira sob a sombra de cujas folhas Natanael passava horas a fio, em clamor a Deus ou absorvido em estudos sobre os legados de Moisés e dos profetas.

INCURSÕES EVANGELÍSTICAS E MARTÍRIO

Segundo algumas tradições bastante confiáveis, Bartolomeu teria atuado como arauto do Senhor Jesus na região da Ásia Menor, atual Turquia. Trata-se de uma informação que recebe endosso da obra apócrifa *Atos de Filipe* que descreve o ministério de Filipe ao lado de seu grande companheiro e amigo Bartolomeu nas cidades de Hierápoles, Laodiceia e Colosso. Ele pregou o evangelho na Índia e onde hoje é a Europa Oriental. Sobre a presença dele na Índia, há uma linha de pensamento de que o termo Índia usado pelos antigos escritores e historiadores não se trate da Índia que conhecemos nos dias de hoje, mas que seja um termo genérico para terras longínquas, porém bem mais próximas, como Etiópia, Arábia, Pérsia e Média. De fato, muitos geógrafos antigos usavam o termo Índia para se referirem a vários lugares distintos. Descreve a obra supracitada que Bartolomeu, Filipe e sua irmã Mariane anunciaram o evangelho para a esposa do procônsul de Hierápolis, Antípatos e tendo ela sido curada de certa enfermidade, converteu-se ao cristianismo. A conversão da eminente senhora suscitou o ódio da autoridade romana que em represália condenou os dois arautos à morte por crucifixão de cabeça para baixo em 54 d.C. A lenda relata

que a sentença foi levada a termo, e que Filipe de fato morreu neste episódio, enquanto Bartolomeu curiosamente escapou com vida tendo fugido para a Armênia. O episódio é tratado pelo historiador cristão Dorman Newman do século XVII da seguinte forma: *Em Hierápolis, na Frígia, o encontramos em companhia do apóstolo Filipe (como já fora antes observado em sua vida), diante de cujo martírio por crucificação, Bartolomeu acabou preso e também condenado à mesma pena capital. Entretanto, em razão de algo que desconhecemos, os magistrados interromperam seu suplício e o despediram. Dali, Bartolomeu dirigiu-se a Licaônia, onde João Crisóstomo afirma ter o apóstolo o iniciado na fé cristã.*

Fontes adicionais acresentam outros pontos ao episódio, afirmando que os pregadores não foram alvo do furor romano apenas pela conversão da ilustre mulher, mas também por terem repreendido um culto pagão em que se adorava uma deusa-serpente. Tal repremenda atiçou a ira dos sacerdotes do estranho culto contra os arautos de Jesus que, apoiados pelo procônsul e clamaram pela morte dos apóstolos. O relato antigo declara que, quando estavam levando a termo a execução, um terremoto sacudiu o lugar causando grande pavor nos expectantes. Ato contínuo, os apóstolos começaram a interceder pelos assustados moradores. Estes, por sua vez passaram imediatamente a pedir pela vida dos condenados. Diz esta fonte que como a execução já estava em andamento havia horas, Bartolomeu sobreviveu, mas Felipe não. É fato que escapar com vida, após horas pendurado numa cruz, com os tornozelos e pulsos transpassados por pregos de 20 cm já seria um milagre, dada a perda de sangue, o trauma emocional e o tétano causado pela ferrugem. Mas o milagre é ainda mais notório quando pensamos em uma pena radical imposta por um alto mandatário do império sendo cancelada quando já está em andamento.

Após tal livramento, a lenda localiza Bartolomeu nas cidades de Licaônia, Derbe e Icônio, tempos depois da passagem de Paulo por estas cidades, fatos estes registrados em Atos 14.6-23; 16.1-5 e 2 Timóteo 3.11.

Após esta rápida passagem pela Ásia Menor, outra fonte relata que Bartolomeu teria se dirigido para a Armênia onde teria se aliado

ao Apóstolo Judas Tadeu, o Lebeu , em 60 d. C. Ali, envolto numa cultura impregnada de idolatria religiosa, após desesseis anos de trabalho árduo e oração fervorosa, teria alcançado graça no Senhor e curado a filha de certo rei, expondo a inutilidade dos ídolos locais e de seus sacerdotes. Em consequência disto, o rei e muitos de seus súditos se converteram ao cristianismo, o que suscitou a ira dos sacerdotes, que, aliados ao irmão rival do soberano chamado Astíades, decidiram pela morte do apóstolo. Após escalpelarem (tirarem a pele) vivo o arauto do Senhor o crucificaram de cabeça para baixo. John Fox em O Livro dos Mártires diz que: *"Por último, foi cruelmente açoitado e crucificado pelos conturbados idólatras".* Somente a partir da Idade Média é que é aceito pela tradição da Igreja que ele foi esfolado vivo, (ato de tirar toda a pele).Com base nisto é que Michelangelo pintou Bartolomeu segurando a própria pele no quadro "Juízo Final", na Capela Cistina.

Embora outras tradições, como veremos adiante, apontem a Albânia como palco de seu martírio, não podemos reputar que tradições milenares afirmam que Bartolomeu e Judas Tadeu são os fundadores da Igreja Armênia. Assim diz o patriarcado armênio em Jerusalém: *O indiscutível e duradouro amor dos armênios e sua devoção pela Terra Santa têm seu início no século 1 da era cristã, quando o cristianismo foi trazido, diretamente daquele lugar, pelos apóstolos São Tadeu e São Bartolomeu.*

Aziz Atiya em *A Historia do Cristianismo Oriental* (p. 306), declara: *Os primeiros iluminados da Armênia foram São Tadeu e São Bartolomeu [...] Uma tradição popular entre eles atribui a primeira evangelização da Armênia ao apóstolo Judas Tadeu que, segundo sua cronologia, lá permaneceu entre os anos 43 e 66 d. C., sendo a partir de 60 d.c., acompanhado por Bartolomeu, cujo suplício deu-se em 68 d.C.*

PRESENÇA NA ÍNDIA Escritos da tradição confiável da Igreja, bem como o apócrifo *Evangelho de Bartolomeu*, apontam a presença do apóstolo na Índia, onde teria deixado uma cópia do Evangelho de Mateus. O antigo historiador Rufino escreveu o seguinte sobre Bartolomeu na Índia: *Panteno, filósofo de formação estoica,*

segundo as tradições Alexandrinas [...] descobriu que Bartolomeu, um dos doze Apóstolos, já havia anunciado o Senhor Jesus e difundiu o Evangelho de Mateus. Ao retornar à Alexandria, Panteno trouxe consigo esta obra, escrita em caracteres hebraicos.

Eusébio de Cesaréia, um historiador cristão do séc. 4 afirma que Pantemo, um filósofo e teólogo do séc. 2 encontrou na Índia os sinais da presença de Bartolomeu por lá (cf. História Eclesiástica, V 10,3).

Corroborando com Eusébio acerca do referido relato em hebraico produzido por Mateus, e de cuja cópia se valeu Bartolomeu, estão outros autores patrísticos como segue: **Papias de Hierápolis**, 170 d.C. afirma; *"Mateus copôs a Palavra na língua hebraica e cada um a traduziu como pode".*

Irineu de Lyon, 150 d.C. declarou; *"Mateus também produziu um evangelho entre os judeus, em seu próprio dialeto."*

A estes testemunhos acrescentem-se ainda, Cirilo de Jerusalém, Epifânio, Gregório e Agostinho de Hipona.

RESTOS MORTAIS

Sobre o local de repouso de seus ossos, a tradição e as lendas são ainda mais obscuras e díspares. Otto Hopham, em sua obra *The Apostoles* (p.167), apoia as lendas relacionadas: *A tradição Armênia sustenta que o corpo do apóstolo foi encontrado em Albanópolis (ou Urbanópolis), cidade da Armênia onde se acredita ter sido martirizado. Dali, seus restos mortais foram levados a Nefergerd-Mijafardin e, posteriormente, a Duras, na Mesopotâmia.*

Não é conclusiva a informação de que os restos mortais de Bartolomeu Natanael tenham sido transladados da Mesopotâmia para Roma como sugerem alguns autores católicos, mas a presença do apóstolo em terras Armênias é bastante provável dada a ênfase tradicional de várias fontes apontando tal possibilidade.

Não se pode deixar , entretanto, de observar que ao longo da idade Média a hegemônica Igreja Católica Romana incentivou o surgimento de várias lendas acerca de relíquias relacionadas aos apóstolos e seus restos mortais.

MATEUS

Apesar de Mateus ser um dos doze apóstolos e ter escrito um longo Evangelho que leva seu nome, não encontramos muita coisa sobre ele nas Escrituras nem fora da Bíblia. Segundo Eusébio de Cesareia, há uma única citação sobre ele feita por Papias de Hierápolis, do século II. Além das listas dos apóstolos, encontradas em todos os quatro Evangelhos, só iremos encontrar o nome de Mateus em mais duas passagens do Novo Testamento. Uma dessas passagens é justamente a do seu chamado para ser um apóstolo, e a outra é Atos 1.3 em que ele aparece como um dos membros da comunidade cristã que continuou perseverante após a morte de Jesus. Sua chamada foi a única em que Jesus chamou uma só pessoa. Os textos relacionados são: Mateus 9. 9, “E Jesus, passando adiante dali, viu assentado na alfândega um homem chamado Mateus, e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu.”

Marcos 2.15, “E passando, viu Levi, filho de Alfeu, sentado na alfândega, e disse-lhe: E disse: Segue-me. E, levantando-se, o seguiu.”

Lucas 5.27, “E depois disto, saiu e viu um publicano, chamado Levi, assentado na recebedoria, e disse-lhe: Segue-me. E ele deixando tudo, levantou-se e o seguiu.”

Mateus (heb. *Mattithyahu*) significa “dom de Deus. Sua origem é enigmática. Eusébio comete uma *gafe histórica*, inserindo a Síria como lugar de nascimento de Mateus. É muito provável que ele seja da cidade costeira de Cafarnaum, onde ocorreu seu chamado.

VEM E SEGUE-ME!

Como bem podemos deduzir dos textos em apreço, este homem foi grandemente impactado pelo chamado de Jesus para a sua vida.

Jesus estava vindo de um momento ímpar em que havia acalmado uma tempestade, curado uns leprosos, expulsado demônios, libertado o gadareno e curado um paralítico. Por causa disto, uma multidão eufórica e barulhenta o seguia dizendo: “Nunca vimos coisa igual!”

Mateus era um publicano, ou seja, um judeu coletor de impostos a serviço do Império Romano. Seu posto alfandegário ficava na cidade de Cafarnaum, cidade às margens do Lago de Genesaré ou Mar da Galiléia. Como coletor de impostos Mateus tinha como missão tributar os pescadores que cruzavam as águas do Mar da Galiléia e os comerciantes que transitavam pela estrada famosa estrada de Demasco. Os impostos coletados representavam um jugo por demais pesado sobre os ombros de um povo já bastante abatido. Tão grave era essa questão dos tributos romanos que a maioria das revoltas giravam sempre em torno de dois motivos: os impostos e a religião. Devido à grande e irredutível resistência do povo judeu em servir às forças armadas romanas, o império lhes impôs tributação pesada como forma de compensação desde o ano 6 d.C. As bancas alfanfegárias e mesas de tributos eram instaladas nas pontes, estradas, portões das cidades, praças, mercados e feiras; É assim que encontramos o apóstolo em tela: “sentado na coletoria” de Cafarnaum (Mt 9.9). Os coletores tinham liberdade para cobrar taxas extras que oneravam ainda mais as transações. Como não eram fiscalizados, os publicanos sobrevalorizavam as taxas. Dentre os impostos cobrados estavam; taxas para os barcos atracarem nos portos, imposto sobre o peixe pescado, taxas de pedágio nas estradas, e outros impostos e multas. Esse cenário favorecia a desonestidade e todo tipo de roubalheira. O próprio Jesus declarava que eles cobravam mais que o estipulado (Lc 3.13). Henri Daniel – Rops na obra *A Vida Diária nos Tempos de Jesus, p. 188* diz: *Esses homens eram os notórios publicanos tantas vezes encontrados nos evangelhos, cujo nome era sinônimo de pecador público, criatura desprezível réprobo da sociedade. Podiam ser vistos em toda parte com sua vara na mão e um prato de latão no peito, vasculhando os fardos e recipientes com seus modos suspeitos e rapaces.*

Quando a Judéia foi incorporada como província romana, os impostos do sistema fiscal romano foi imediatamente adotado como marca distintiva de servidão. Assim, os judeus receberam os coletores como uma maldição sobre o comércio e as famílias.

Mateus, tal qual a maioria dos moradores de Cafarnaum, tinha tido diversas oportunidades de presenciar tanto a pregação, quando os milagres feitos pelo rabi galileu. Milagres como a cura da sogra de Pedro e do criado de uma autoridade militar.

Mateus observou a multidão que o odiava se aproximando e em seu íntimo condoeu-se de não ser digno de segui-la. Não tinha a tranquilidade de escolher aonde ir, pois, era um homem odiado pelos seus compatriotas que o acusavam de ser injusto e ladrão do seu próprio sangue. Em geral toda a hierarquia da classe dos coletores era odiado pelos nativos judeus. Só podia sair às ruas sob escolta de soldados ou de homens contratados para a sua segurança. Era jurado de morte pelos mais acalorados, os chamados xiitas, ou extremistas que compunham a seita dos *cananeus,* ou *zelotas.* Ele sabia também que Jesus tinha recrutado ao menos dois deles; um tal Simão e um outro bem mais perigoso chamado Judas Iscariotes. Conhecia bem o mote revolucionário que dizia: “Nenhum outro rei senão o Messias, nenhum outro imposto senão o destinado ao templo.” Aramis DeBarros afirma (*op. cit.,* p.116): *Não sem razão, portanto, a segregação imposta pelos judeus aos “submagistri” e, mais comumente aos “portitores”chegava a duros extremos. Como funcionários nativos a serviço da dominação estrangeira, ambos eram considerados traidores nacionais, apóstatas, gentios e epítome de tudo que era aborrecível (Mt 18.17). A rapina insaciável que os caracterizava tornava-os afamados por toda Israel como uma espécie de “raça de criminosos”.*

Não, ele não tinha o perfil de um seguidor daquele Galileu que João Batista tinha dito não ser digno nem de desatar as correias das sandálias empoeiradas. Na verdade Mateus só manteve os olhos fixos em Jesus por uma decisão pessoal difícil. Ele tinha decidido que não perderia aquela oportunidade única em que o dito “Messias” passaria bem diante de sua mesa coletora. Afinal, ele não

podia fazer como os demais sem correr o risco de sofrer um atentado a faca.

Quando a multidão se aproximou, ele parou de trabalhar e dedicou sua atenção à passagem de Jesus. De repente seus olhos cruzaram com os do Rabi galileu. Um penetrante olhar isento de acusação. Há um sorriso no rosto de Jesus, seria um gesto irônico? Ele estava se aproximando perigosamente de olhos grudados no odiado cobrador de impostos. Iria ele aproveitar para acusá-lo diante daquela multidão? Usaria seu exemplo negativo para ensinar aos outros “o que não se deve fazer?” De repente ele para e aponta a mão na direção de Mateus. Ainda está sorrindo, mas seu dedo não está apontado para ele. A mão está espalmada e convidativa e seus lábios entreabertos anunciam palavras doces.

Vem, siga-me você também!

Eu também? Não pode ser verdade. Mateus dá uma olhada em derredor procurando quem Jesus chamou. Mas alguém da multidão grita aos da retaguarda: *Ele chamou o publicano Mateus!*

MEUS AMIGOS PARA JESUS

Mateus ainda hoje é símbolo daqueles que ganham seus amigos para Jesus, pois um de seus primeiros atos de fé foi fazer um banquete em sua casa e convidar muitos amigos para conhecerem Jesus (Mt 9.11,12): *E aconteceu que estando ele em casa sentado à mesa, chegaram muitos publicanos e pecadores e sentaram-se juntamente com Jesus e seus discípulos.*

Este tipo de banquete, comum na palestina dos tempos de Jesus, eram eventos restritos aos abonados, àqueles que eram ricos e influentes na sociedade. Mateus pelo jeito era um homem de muitas posses como o eram seus colegas de profissão. É interessante que Mateus não cite o nome do anfitrião do banquete, enquanto Lucas e Marcos o fazem (Lc 5.19; Mc 2.15). É o próprio Mateus que escreve dizendo que Jesus permitiu que muitos pecadores e cobradores de impostos como ele se sentassem ao lado dele. Logo alguns fariseus de plantão vociferavam acusando Jesus de não ser santo, pois comia e se misturava com aquele tipo de gente. Mas Jesus declarou

a célebre frase: *Os são não precisam de médicos, mas os doentes (Mateus 9.12).*

Como foi maravilhoso para Mateus ouvir Jesus dizer aos fariseus que não veio chamar os justos, os santos... mas os pecadores ao arrependimento. E *como* ele estava arrependido. Mas o discurso de acusação não parou nos fariseus não. A Bíblia diz que logo chegaram os discípulos de João Batista questionando porque Jesus e seus discípulos não jejuavam mas ao contrário estavam num banquete. Ao que Jesus respondeu no mesmo tom de que não era justo cobrar dos discípulos que jejuassem naquele momento de alegria em que uma alma se entrega ao reino de Deus.

Era também exigido que os cobradores fossem pessoas cultas e com formação. É possível que ele fosse o mais instruído dos apóstolos. Que soubessem fazer cálculos e anotações financeiras e fiscais. É no evangelho de Mateus que vamos encontrar mais referências ao dinheiro e a operações monetárias. Como por exemplo: A parábola do credor incompassivo (18.23-35).

Os dois senhores, Deus e *Mamon* (Mt 6.24).

Parábola dos trabalhadores contratados a um denário (Mt 20.1,2).

Os cobradores de impostos tinham a incrível habilidade de escrever *palavra por palavra* do que as pessoas falavam. Daí o que Mateus escreveu sobre o Sermão do Monte é um relato bem próximo de tudo o que aconteceu, a partir de uma testemunha ocular, hábil em descrever situações por meio da escrita.

Essa habilidade contribuiu consideravelmente para que ele escreve o Evangelho que leva seu nome entre os anos 40 e 60, ou seja; antes de partir para as missões estrangeiras. Isto recebe endosso de Clemente de Alexandria, autor patrístico que viveu entre 150 e 220 d.C. Outro que confirma tal fato é Eusébio de Cesareia em sua *História Eclesiástica*.

Jerônimo de Belém afirma: *Mateus também chamado Levi, apóstolo e ex-publicano, compôs um evangelho de Cristo, a princípio escrito na Judéia, em hebraico [aramaico], visando aos que creram, dentre os da circuncisão.*

Muitos eruditos combatem a possibilidade de Mateus ter escrito seu Evangelho primariamente em hebraico, visto que a obra em grego não dá sinal algum de que tenha sido traduzido de um original semítico. Entretanto, quanto a isto, os defensores da obra hebraica alegam que tal obra era na verdade um rascunho do futuro Evangelho em grego.

Seu nome significa *dom de Javeh*, ou *presente de Deus*. Ele é mencionado na Bíblia como Levi, filho de Alfeu (Mc 2.14). Como o apóstolo Tiago Menor tem pai homônimo ao de Mateus (Mt 10.3), alguns estudiosos acreditam que eles eram irmãos de sangue. Tal ideia é frágil em seus argumentos dado o silêncio das Escrituras a esse respeito. Dá-se o caso de que Alfeu (gr. *Alphaios*) ser um daqueles nomes helênicos muito comumente adotados por judeus no século 1. Diz-se que seu pai também era cobrador de impostos, mas não podemos afirmar biblicamente.

Os estudiosos apontam como o autógrafo de Mateus em seu Evangelho o fato de ele não dizer que “deixou tudo” para seguir Jesus, como fazem os outros escritores. Embora os textos simplifiquem dizendo que ele “imediatamente” o seguiu, não pode ser entendido como se ele tivesse abandonado deliberadamente seu posto, pois isto acarretaria um processo rápido, e à revelia, de condenação à pena de morte. Certamente que ele foi prestar contas aos seus superiores antes de se ver desimpedido para acompanhar Jesus. Fato é que ele se decidiu imediatamente, mas, precisou lidar com o processo burocrático que sua decisão requeria.

Após a morte de Jesus Mateus fez de sua própria terra o campo missionário do seu ministério. Como judeu nato ele escreveu seu evangelho em hebraico, visando o público israelita e só depois foi traduzido para o grego por Tiago[1]. Por isto começa por descrever uma minuciosa genealogia a partir de Abraão. Como sabemos Abraão é o número um da formação do povo judeu. Mateus quer mostrar que a ascendência de Jesus faz jus ao Messias prometido. Pois, é judeu, da tribo de Judá, da descendência de Davi. Ao falar sobre os atos de Jesus, Mateus termina dizendo: “Para que se cumprisse” determinada profecia acerca do Messias. Ele usou o título “Filho de Davi” ao se referir a Jesus com o mesmo propósito

de o situar como o Messias prometido no Antigo Testamento. Traça uma linhagem de Jesus a partir de Abraão, passando por Judá e Davi, para demonstrar o direito que Jesus tem de ser rei de Israel. Seu evangelho é inédito em cerca de 40% do material e seu tema é o estabelecimento do Reino de Deus. Há um paralelo entre Moisés e Jesus no Evangelho de Mateus, onde ambos escaparam da fúria de reis enquanto crianças, que ambos vieram do Egito para libertar o seu povo, que ambos jejuaram 40 dias, que ambos entregaram a lei ao povo de cima de um monte.

Seu Ministério

Segundo o testemunho de autores patrísticos com Eusébio de Cesareia e Clemente de Alexandria, Mateus permaneceu em Jerusalém por quinze anos aproximadamente após a ascenção de Jesus. Alí, cprajosamente testemunhou do Senhor para seus compatriotas que outrora o odiavam.

Numerosos escritos associam o trabalho evangelístico do apóstolo a regiões como Pérsia (atual Irâ), Macedônia, Síria, Egito e a Etiópia. Uma das narrativas afirmam que Mateus alcançou a Etiópia e foi recebido em casa do eunuco patizado por Filipe (At 8.27-39). Encontrou alí uma comunidade aprisionada pelos feitiços e encantamentos de um guru local e seus feiticeiros. Diz esta tradição que Mateus entrou em confronto com estas forças malignas que mantinham as pessoas sob perverso domínio vendendo-os pelo poder do Espírito e libertando a população daqueles terríveis grilhões fazendo a fé cristã florescer naquela região. Após desmascarar vários bruxos locais ganhou popularidade de tal forma que queriam adorá-lo como um deus ao que ele esclareceu ser um simples enviado do Senhor. Também passou a gozar da amizade do soberano local vindo a curar sua filha Efigênia que depois de se converter e ser discipulada por Mateus, teria assumido a liderança da comunidade cristã local.

Seu Martírio

A tradição da Igreja Cristã aponta seu martírio na Etiópia, onde teria por um tempo se associado com a rainha etíope Candance na

cidade de Nadaba, no ano 60 d. C. amarrado em um tronco onde foi decapitado. Já o Talmude judaico indica uma tradição menos confiável que diz que ele foi julgado e condenado pelo Sinédrio em Jerusalém. Sobre esta fonte, alguns eruditos declaram haver um equívoco, e que um outro líder chamado *Mathai* é que fora julgado e condenado tendo seu nome confundido com o de Mateus.

Um antigo escrito chamado de *Lenda dourada* muito citada por eruditos, afirma que o soberano que tinha amizade com Mateus veio a morrer e ser substituído por um perverso irmão. Este, no anseio de angariar garantias para seu reinado, desejou unir-se em matrimônio com a sobrinha que agora levava uma vida reclusa em um monastério. Para isto esperava contar com a ajuda de Mateus, o que não aconteceu. Conta a lenda que Mateus o convidou para participar de um culto onde uma resposta do céu lhe seria dada. O rei aceitou e no meio da homília, tendo Efigênia do seu lado e grande multidão presente declarou: *Estais ciente de que Efigênia tornou-se esposa do Rei Eterno,tendo sido a Ele dedicada com o sagrado véu. Como podeis tomar para si a esposa daquele que é mais poderoso que vós, fazendo dela a vossa mulher?*

A narrativa prossegue dizendo que o soberano saiu muito irritado dalí, deixando ordens para que um de seus seguranças permanecesse esperando momento oportuno para matar o apostólo. Quando este estava orando frente ao altar foi apunhalado pelas costas e veio a morrer alí mesmo.

Mateus é o exemplo daqueles que abandonaram a corrida do ouro para seguir a Jesus de Nazaré. Como ele mesmo escreveu: *Não ajunteis para vós tesouros na terra; onde a traça e a ferrugem destro e onde os ladrões arrombam e roubam. Ajuntai, porém, tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem destroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam. Pois onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.*

Ele é a antítese de seu maior rival, o zelote Judas, que tanto odiava os publicanos cobradores de impostos, mas ao seguir Jesus continuou com o coração no movimento rebelde. O seu tesouro era

o próprio movimento e o seu coração lá estava. Mateus, ao contrário, abriu mão de tudo.

A Igreja Católica afirma que os restos mortais de Mateus repousam na cidade italiana de Salerno desde 1054 d.C. Uma bela catedral foi construída para abrigar a relíquia e em 1084 foi consagrada a tumba do apóstolo.

TOMÉ

Tomé era um pescador natural da Galiléia e seu primeiro encontro com Jesus se deu às margens do Mar de Tiberíades conforme o Evangelho de João. Sua biografia é uma das mais exíguas da Bíblia. Tomé, em *grego* ou Dídimo em *hebraico.* Ambos os termos significam “gêmeo”. João acrescentou a forma grega ao nome do discípulo, possivelmente porque estava escrevendo para um público grego.

SINÔNIMO DE INCREDULIDADE

Tomé figura na galeria dos homens dúbios na fé e é lembrado sempre em episódios e atitudes que denotam ceticismo e incredulidade pelo fato de ele ter se recusado a crer na ressurreição de Jesus sem que visse com seus próprios olhos e tocasse com as suas mãos: *Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei (João 20.25).*

Era uma exigência plausível diante do fato de que todos os outros já haviam visto Jesus ressuscitado. Fato é, que Jesus correspondeu ao pedido de Tomé e permitiu que ele conferisse de perto e saciasse sua dúvida, sem perder, contudo, a oportunidade de lhe dar uma lição: *Porque me viste creste? Bem-aventurado os que não viram e creram (João 20.29).*

O texto não deixa claro se Tomé chegou a tocar para crer ou se apenas o convite de Jesus já tenha bastado. Mas é certo que dali para frente Tomé se tornou outro homem.

Mas se analisarmos com isenção, descobriremos que não é bem assim. Em primeiro lugar devemos reconhecer que as condições em que os fatos se deram eram dificílimos e de crise extrema. Os nervos estavam aflorados pelo espetáculo horrendo da crucificação do seu líder. Ele assistiu a tudo. Acompanhou as ocorrências desde a prisão até o Calvário. O espancamento, as acusações, a fuga no meio da noite, as ameaças de morte e linchamento, o julgamento em várias instâncias e o terrível desfecho do Calvário que culminou com a morte de Jesus seriam capazes de desconstruir qualquer convicção, por mais firme que fosse o homem. As fortes ameaças pairavam sobre suas cabeças preanunciando o mesmo fim que teve Jesus e estava deixando todos em extrema pressão psicológica. Continuar crendo em Jesus, confessar o seu nome era algo perigosíssimo. Quando Jesus apareceu, primeiramente para as mulheres, depois para Pedro, João e Tiago e finalmente para os demais apóstolos, Tomé nunca esteve presente: O texto de João diz que os outros discípulos estavam trancafiados num lugar secreto morrendo de medo (João 20.19), quando Jesus pôs-se no meio deles. O texto diz também que Jesus *mostrou-lhes as mãos e o lado*, e que diante desta verificação se *alegraram*. Ora, Tomé pede apenas o direito de também ver o que os outros viram.

Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhes, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor (João 20.24).

Alguns dos apóstolos teriam mais facilidade em crer pelo testemunho de outro apóstolo *mais velho*; mas ele *é* um dos mais velhos. Quando vieram lhe contar ele recusou-se a crer, declarando a célebre frase que ecoa no mundo até hoje: “Só acredito vendo!”.

Segundo alguns estudiosos outro fato que depõe em favor de Tomé é uma passagem em João 11.16-18 onde o vemos tomar a dianteira entre os demais para convocá-los ousadamente a acompanharem Jesus até Betânia “para morrermos com ele”. Este é

o episódio da ressurreição de Lázaro. Ele disse isto porque pouco tempo atrás Jesus tinha sido ameaçado de morte por apedrejamento pelos moradores daquela região. Jesus e seus discípulos tinham saído a bem pouco tempo daquele território sob forte ameaça de morte. Considerando a grande ameaça de morte por apedrejamento que pairava sobre eles caso retornassem para lá. Diante disto é que Tomé declara; “Vamos todos também para morrermos com ele.” Assim, o convite de Tomé é para que todos os discípulos acompanhem Jesus até a Judeia e se for preciso morram com ele. Tomé coloca-se ao lado de Jesus, ama-o ao extremo da morte. É nas situações de risco que descobrimos os verdadeiros heróis. Tomé se posiciona como um futuro mártir ao dizer: *Vamos nós também para morrermos com ele* No entender deste autor, Tomé assumiu o claro desejo de ir e morrer com Jesus, caso atentassem contra a vida do Mestre. Contudo, há brecha para pensarmos em ironia nesta frase. Se assim for, Tomé está novamente agindo com ceticismo quando diz que todos desçam para “morrer como Lázaro”.

Na noite da prisão de Jesus, os discípulos estavam aterrorizados com a possibilidade da sua prisão e morte. Eles fizeram muitas perguntas que mostravam a grande ansiedade que lhes corroía os ossos: Filipe pediu para ver Deus Pai e isso bastaria para que cresse (João 14.8). Mas Jesus já havia dito que de várias maneiras que Ele e o Pai eram um só. Judas Tadeu perguntou-lhe de onde Ele vinha e porque haveria de se manifestar a eles somente e não ao mundo também. Tomé por sua vez pergunta: *Senhor, não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?, (João 14.5).*

Não é justo que se atribua a Tomé o título de campeão demérito da incredulidade sem considerar o fato de que tal ceticismo acerca da ressurreição do Mestre invariavelmente permeava o coração de todos os discípulos, inclusive os quinhentos que o viram na praia tempos depois. O momento que viviam era de extrema pressão, emocional, espiritual e psicológica. Quando analisamos o contexto descobrimos que naquela manhã, os discípulos estavam atordoados e confusos. O medo imperava entre eles. Um deles tinha se

enforcado após trair o Mestre. Pedro tinha negado Jesus. Algumas mulheres haviam ficado sob a responsabilidades deles. O assunto predominante nas conversas das ruas era, onde estavam os discípulos do nazareno agora? Mergulhados neste mar de incertezas, todos eles, em várias oportunidades, manifestaram disposição em não crer.

Observemos*, à priori,* a reação dos demais apóstolos diante do relato de Maria Madalena e suas amigas, quando estas diziam ter visto o Mestre ressuscitado: *E ouvindo eles que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o creram (Mc 16.11).*

Lucas enfatiza: *E pareceram-lhes como um delírio as palavras das mulheres e não lhes deram crédito (Lc 24.11).*

Poderia se conjecturar que este posicionamento cético por parte dos discípulos se dera pelo fato cultural dos judeus não levarem em consideração o testemunho de mulheres. Entretanto, o Evangelho de Marcos acrescenta outro episódio, no qual Jesus apareceu para dois discípulos na estrada de Emaús. Neste caso, ao menos uma das testemunhas era masculina. Mesmo assim a disposição em não crer prevaleceu: *Os quais foram anuncia-los aos outros; mas nem a estes deram crédito (Mc 16.13).*

Não bastassem estas passagens para atestar a incredulidade geral, o evangelista Marcos registra o momento em que o próprio Jesus lhes repreende o ceticismo.

Mais tarde Jesus apareceu aos Onze, estando eles à mesa; e lançou-lhes em rosto a incredulidade e dureza de coração, porque não acreditaram nos que o tinham visto depois já ressuscitado (Mc 16.14).

O termo *onze* é empregado de forma genérica em Marcos 16.14, de forma que embora diga *onze,* é certo que ao menos Tomé não estava presente.

Sobre o pavor coletivo que imperava entre os discípulos Aramis C. DeBarros diz (*op. cit.,* p. 207): *Na atmosfera desoladora que varria o refúgio dos discípulos, imperava tanto a incerteza quanto o medo, e*

a descrença de Tomé certamente não se destacava da descrença de seus condiscípulos..

Bem, já sabemos que o apóstolo em voga neste capítulo não esteve presente em várias oportunidades em que a ressurreição de Jesus fora testemunhada. Não ouviu a voz emocionada e cheia de júbilo de Maria Madalena declarando ter visto o Mestre. Não pôde aferir o brilho de seus olhos. Não presenciou a maravilhosa aparição de Jesus aos seus companheiros, nem ouviu a longa explanação das profecias feitas por ele. Não ouviu a voz meiga e inconfundível de Jesus.

Agora contudo, resta a pergunta que não quer calar: Onde estaria Tomé num momento tão delicado? Estaria buscando momentos de isolamento para refrescar a mente e tentar suportar o peso emocional causado pela ruptura das suas esperanças? Entretado, por onde andaria, visto que vagar pelas ruas de Jerusalém era correr sério risco de ser identificado como um seguidor do galileu crucificado há três dias atrás, como aconteceu com Pedro. Estaria na casa de algum parente? O silêncio das Escrituras sobre tal ausência suscita entre outras possibilidades a de que Tomé estivesse agora imbuído da responsabilidade de fazer as compras necessárias para a subsistência do grupo, visto que Judas havia se suicidado e o cargo de tesoureiro estava em vacância. Isto, isentaria Tomé da suspeita de que ele estivesse mais afetado que os outros, colocando-o de imediato numa posição de sobriedade e coragem acima dos demais.

SENHOR MEU, E DEUS MEU!

Passados oito dias, o bondoso Mestre reaparece aos discípulos. Desta vez, Tomé está presente. Ele estão reunidos às portas trancadas quando Jesus surge no meio deles. Jesus agora se dirije a Tomé para atender-lhe a condição estabelecida para crer; pôr o dedo nos buracos dos pregos e a mão no ferimento à lança.

Põe aqui o teu dedo: vê as minhas mãos. Estenda a tua mão e coloque-a no meu lado. Não sejas incrédulo, mas crente.

Ato contínuo, Tomé se prostra aos pés do Mestre clamando; “Senhor meu, e Deus meu!”

A frase de Tomé é tão curta quanto incisiva e cheia de significado teológico. Demonstra o quanto aquele encontro foi arrebatador na vida do apóstolo. Nenhum outro discípulo foi capaz de expressar tão contundentemente a fé no Filho de Deus do Tomé com esta frase memorável, que virou tema de pregações e louvores através dos séculos: Senhor meu, e Deus meu!

Os termos Tomé (*hebraico*)*,* e Dídimo (*grego*),significam *gêmeo*, e com base nisto alguns historiadores propõem que algum outro apóstolo seja o seu irmão gêmeo. Alimentadas por essa informação, muitas tradições, tentam identificar o irmão gêmeo de Tomé entre os doze. Assim, indicam primeiramente Mateus, pelo simples fato de seu nome aparecer ao lado do de Tomé. Uma lenda em particular chega a citar o nome da irmã gêmea do apóstolo, uma mulher chamada Lídia. Outra ainda mais pitoresca alega que Tomé é irmão de Jesus e que seu nome de fato é Judas e ele seria então o autor da diminuta carta de Judas. Estaconjectura, entretando, encontra resposta no fato bíblico de que nenhum dos irmãos de Jesus creram nele antes da ressurreição. Outra alega que ele se parecia tanto com Jesus que o chamavam de gêmeo.

TRADIÇÕES GENEROSAS

Não obstante ser a Bíblia exígua acerca do ministério de Tomé, a história nos reservou sobre ele e sua atuação missionária no século 1, mais informações que sobre qualquer outro apóstolo. Regiões como Etiópia asiática, a Média, a Persia,(atual Irã), e Babilônia (atual Iraque), são endereços vinculados pelas tradições como palco de sua atuação. Seu gicantesco esforço evangelístico alcançou o exótico solo indiano onde ele figura como o desbravador daquelas cercanias.

Documentos muito antigos datados do fim do segundo século atestam a presença de certo Judas Tomé na Índia. Esses manuscritos declaram que a índia e suas regiões receberam o

ensino apostólico por meio de Judas Tomé que se tornou o líder maior da igreja alí estabelecida. Essas tradições concordam entre si que o apóstolo além de ganhar inúmeras almas para o Reino na distante Índia, ainda fundou igrejas locais por onde passou. Tomé teria alcançado a região pelo porto de Malabar, em 52 d.C. Em seguida teria desencadeado incursões missionárias de onde surgiram diversas igrejas por todo o sul da Índia. A grande maioria dos historiadores concordam em que a região sul da Índia foi evangelizada em tempos apostólicos, corroborando assim com as tradições.

Uma lenda muito antiga mostra o apóstolo Tomé envolvido em um conflito com o rei indiano Gondorafes. Diz a tal lenda que o rei enviou um emissário chamado Albanes à Síria, com o objetivo de encontrar um arquiteto capaz de construir um belo palácio por ele idealizado. Conta ainda que Albanes retornou à India trazendo consigo a Tomé, que se dispôs a assumir a difícil tarefa. Ele teria convencido o rei a lhe confiar os fundos destinados à obra e em seguida teria distribuído toda a soma aos pobres e necessitados, alegando que vislumbrava um palácio espiritual e não terreno. Sabendo-o o rei mandou prendê-lo. Conta então que um irmão do rei morreu e que durante o velório despertou da morte declarando ter contemplado toda a glória do palácio idealizado por Tomé. Assim o rei, agradecido mandou soltar Tomé e por ele foi batizado. Por mais estranho que pareça tal relato, pelos traços fantasiosos que o envolvem, recebeu recentemente status de historicidade. Isto porque recentemente pesquisadores desenterraram informações que endossam o relato, ao menos em parte. Primeiramente a data requerida pela lenda recebe endosso na descoberta. Em segundo lugar, a autenticidade de dois personagens que até então eram tidos como imaginários; o rei Gondorafes e seu irmão Gad. Então, sabendo que a data concorda com a chegada de Tomé na Índia e que os personagens existiram, resta saber se a historia do palácio é verdadeira.

A Morte de Tomé

As fontes que tratam do martírio de Tomé são tantas quanto as que transcrevem o seu extenso ministério. Por conseguinte as variações são muitas também. Todavia, se tivermos o devido cuidado, encontraremos o “lugar comum”, entre essas variações. Há consenso em que sua morte se deu em decorrência da pregação do evangelho e que tal fato se deu na Índia. Fontes históricas declaram que ele combateu os “brahmins” ou brâmanes uma alta casta do hinduísmo vigente. Esse confronto teria acontecido diante do rei, o que teria gerado uma grande disputa que culminou na sua morte. A tradição diz que seus opositores o capturaram enquanto ele se consagrava num lugar isolado dentro de uma caverna situada nas proximidades de uma montanha à época conhecida como Antenodur. Depois de o espancarem transpassaram-no com uma lança. Ali ele agonizou até a morte. Outra fonte diz que os seus opositores o feriram com uma lança atirada por uma bracha da caverna, quando este orava profundamente. A lança teria penetrado o corpo do apóstolo por meio palmo, mas o suficiente para matá-lo. Quando ouviram o gemido do arauto ferido, fugiram. Ele ainda teve forças para sair da caverna mas morreu logo depois.

Algumas tradições atribuem a ele a autoria do apócrifo *Evangelho de Tomé*, entretanto o referido escrito data do século 2 e é carregado de influências gnósticas muito aquém da pureza esperada de um apóstolo do grupo dos doze. Como este apócrifo tem origem justamente na Índia onde existem fartas tradições sobre o apóstolo é provável que o autor se aproveitou disso para usar o nome de Tomé para que seus escritos fossem mais aceitos; uma jogada de *marketing.*

O lugar tradicionalmente admitido como o túmulo de Tomé situa-se em Milapora, um povoado da grande cidade de Madrata, ao sul da Índia.

TIAGO MENOR

Se existem embaraços no trabalho de quem se dedica acompor uma obra sobre a vida e ministério dos apóstolos, não resta dúvida que escrever sobre os dois Tiagos apóstolos é o maior deles. As informações sobre este apóstolo são cheias de controvérsias, principalmente porque a Bíblia não cita absolutamente nada sobre seu ministério, e como sabemos; quanto menos a Bíblia fala sobre um personagem, tanto mais existem especulações sobre ele.

BIOGRAFIA CONFUSA A tradição eclesiástica vem confundindo a obra de Tiago, o filho de Alfeu, com um terceiro Tiago, o irmão do Senhor, autor da carta que leva seu nome e líderda igreja de Jerusalém ao tempo do primeiro Concílio da Igreja, ainda nos tempos bíblicos. Pra agravar o problema alguns seguimentos do cristianismo tentam a séculos o dogma da virgindade perpétua de Maria, a mãe de Jesus, afirmando que ela não manteve relação carnal com o esposo José, e consequentemente não teve filhos além de Jesus, concebido pelo Espírito Santo. E esta é justamente a defesa que mais contribui para que a confusão em torno dos dois Tiagos permaneça até aos dias de hoje. Pois, na necessidade de provê uma blindagem para Maria, como aquela que não praticou sexo nem teve filhos além de Jesus, semeia confusão na biografia de Tiago Menor de forma a concordar que ele é o mesmo Tiago irmão do Senhor, codnominado *o Justo*.

Assim, para amenizar a confusão vamos demonstrar que no relato neotestametário existem quatro Tiagos; São eles: —**Tiago Maior**, pescador, apóstolo, filho de Zebedeu, irmão mais velho de João que foi decapitado por Herodes (Mt 4.21; Mc 1.19; Lc 5.10; At 1.13).

—**Tiago Menor**, filho de Alfeu (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13).

—**Tiago, o Justo**, meio irmão de Jesus, autor da carta universal que leva seu nome e primeiro líder cristão da Igreja de Jerusalém (At 12.17; Gl 2.9; Tg 1.1).

—**Tiago**, pai de Judas Tadeu (Lc 6.16).

Não obstante haver quatro personagens com o mesmo nome, a nós, interessa apenas dois; Tiago Maior, filho de Zebedeu e Tiago Menor, filho de Alfeu, por serem apóstolos e representarem o foco desta obra, embora todos os outros tenham excenlentes biografias. E, claro, este capítulo em particular dedicamos a Tiago Menor.

Alguns estudiosos declaram que seu pai também era chamado de Cleofas, uma variação do grego para o hebraico e era um seguidor de Jesus juntamente com a esposa Maria. O casal é mencionado em Lucas 24.13-35 retornando entristecido após a morte de Jesus pelo caminho de Emaús. Declaram ainda que seu pai é o mesmo Clopas de João 19.25. Essa defesa se baseia no fato de que esse personagem aparece como marido de Maria, a provável mãe de Tiago Menor e de um certo José.

Outros estudiosos chamam nossa atenção para a distinção entre estes dois personagens secundários, Cleopas e Clopas. William Smith, em seu *Dicionário bíblico*, (p. 119-20), diz que Clopas tem seu nome derivado do aramaico, enquanto Cleopas é uma forma abreviada do grego *Cleopater.*

Salvaguardadas as ressalvas teológicas, é fato que se a mãe de Tiago for uma das mulheres ao pé da cruz, ele era filho de uma das mulheres de maior destaque no ministério do Mestre.

Tiago Menor, filho de Alfeu, muitas vezes é confundido com Tiago Maior, o irmão de João e filho de Zebedeu. Alguns afirmam que ele é meio-irmão de Jesus, filho de José com outra mulher que ele teve antes de Maria. Entretanto, esta versão, é por demais duvidosa e só resiste pelo fato de concordar com a superstição católica de que Maria não teve outros filhos além de Jesus. Os teólogos católicos sabem disto, mas insistem no erro por pura trincheira ideológica. Na sede de confundir as mentes, a Igreja Católica atribui todas as informações a respeito de Tiago o irmão do Senhor como se fosse

Tiago Menor, incluindo a sua participação no Concílio de Jerusalém e a carta de Tiago. Eles se utilizam de escritos de Flávio Josefo, distorcendo-os e fazendo parecer que o que alegam tem aceitação.

A Bíblia nos permite dizer que seu pai se chamava Alfeu, (Mateus 10.3),e sua mãe se chamava Maria e que ele tinha um irmão chamado José (Marcos 15.40). Embora as semelhanças sejam graúdas no que tange aos nomes da mãe e dos irmãos, com relação a Jesus, isso se dá porque nos tempos neotestamentários esses nomes eram muitíssimos comuns.

Há ainda, alguma confusão em meio ao silêncio das Escrituras acerca deste discípulo amado e amável e de Mateus, também chamado de Levi filho de Alfeu (Marcos 2.14), fazendo-os parecer irmãos, filhos do mesmo pai. Entretanto, são pais diferentes com o mesmo nome. Mesmo quando aparecem citados no mesmo contexto, a Bíblia não faz menção de parentesco entre os dois. Se fosse o caso a Bíblia certamente deixaria claro como faz com outros dois pares de irmãos; Pedro e André e Tiago e João. Portanto é quase certo que tenha havido dois Alfeus, um pai de Mateus e outro pai de Tiago.

Ele não é chamado de menor por que tenha papel inrrelevante ou por que tenha menos importância que outros Tiagos bíblicos, mas para diferenciá-lo apartir de sua idade mais jovem. Assim, muitas traduções o chamam de Tiago, o mais moço, ou Tiago, o jovem. Alguns autores atribuem a alcunha à estatura do apóstolo, o que recebe endosso no evangelho de Marcos como veremos adiante.

PEQUENO OU MAIS NOVO?

Uma das mais curiosas e instigantes afirmações encontradas nas lendas é a que menciona a semelhança física e comportamental entre Tiago Menor e Jesus. Justamente por isso há um claro exagero nas representações artísticas do apóstolo, apresentando-o como o mais belo dos doze, com cabelos cacheados caídos à altura dos ombros, rosto bem delineado e olhos claros. Tal descrição repousa sobre o peso da paixão e não retrata aspectos verdadeiros de Tiago.

Afinal, a expressão *menor*, retrata, mui provavelmente um homem, cuja altura não condiz com a idade. O evangelista Marcos lança luz neste aspecto físico de Tiago ao acrescentar ao seu nome o termo grego *mikros*, que sugere justamente um homem de pequeno porte. Outra tradição preservada nas *Lendas Douradas,* uma compilação da vida e ministério dos santos, elaborada por Voragine, bispo de Gênova, em 1275, destaca esta grande semelhança entre Tiago Menor e Jesus, no corpo e semblante, de tal forma que era difícil distinguir um do outro. Outras fontes arriscam afirmar que o verdadeiro motivo de Judas beijar Jesus foi para distinguí-lo de Tiago.

Mas, embelezar um apóstolo a título de dizê-lo semelhante a Jesus não condiz com a descrição bíblica do Mestre, pois Isaias o declara sem formosura alguma: *Foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca, não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele não havia nele boa aparência para que o desejássemos (Isaias 53.2).*

O maior interesse em assemelhar Tiago a Jesus tem base em apoiar a afirmação de que suas mães eram primas.

UM ZELOTE?

Muitos escritores eruditos empenhados em pesquisas sobre a vida dos apóstolos costumam apontar o envolvimento de Tiago Menor com a seita ultranacionalista dos zelotes. William Barclay por exemplo diz que o agrupamento de quatro apóstolos no fim da lista de nomes dos doze, revela um traço de suas origens; o movimento revolucionário judeu. Nestas listas aparecem agrupados no final, os apóstolos Tiago Menor, Judas Tadeu, Simão Zelote e Judas Iscariotes. Ora, que Simão era zelote, sua alcunha já o denuncia. Judas Iscariotes tem o caráter e comportamento condigno com tal associação. Sobre Judas Tadeu, o autor apresenta manuscritos antigos como as *Constituições apostólicas* em que Tadeu é assim mencionado; *“Tadeu, também chamado Lebeu, que tinha por sobrenome Judas, o Zelote”.* Sobre Tiago Menor, entretanto, o autor não é tão convincente, pois apresenta apenas fracas deduções. É saliente frisar que existem algumas lendas muito antigas que

apontam Tiago Maior como um envolvido com tal movimento e não Tiago Menor. Talvez Barclay tenha se confundido aí. Mesmo as lendas que envolvem Tiago Maior com os zelotes não condizem com nenhuma outra fonte confiável.

Eusébio de Cesareia por exemplo apresenta uma informação de que Tiago Menor tinha voto de Nazireu desde antes de seguir Jesus. Que ele não podia fazer a barba nem banhar-se. Que suas roupas nunca eram lavadas e que ele orava tanto que seus joelhos eram grossos como os de um camelo. Exageros à parte, estas descrições não coadunam com o relato bíblico que apresenta os discípulos como homens comuns em busca de correção e treinamento, longe do zelo extremado de um nazireu.

Seu Martírio

Há dois relatos distintos a respeito da morte de Tiago Menor: A primeira, oriunda da igreja grega, o distingue de Tiago, o irmão do Senhor e diz que ele pregou inicialmente na parte sudoeste da Palestina e depois rumou para o Egito onde foi crucificado em 62 d.C. na cidade de Ostracine. Outra tradição declara que ele foi martirizado em Jerusalém a mando do sumo sacerdote Ananias aos 99 anos. Primeiramente apredejado e depois tendo sua cabeça aberta com um garrote. Esta segunda possibilidade assemelha-se por demais ao modo como morreu Tiago, o Justo, de modo que muitos estudiosos ao relatar a morte de um e de outro acabam por mesclar os relatos.

Os Restos Mortais

Se o ministério e morte dos dois Tiagos se misturam na história e nas tradições, não poderia ser diferente com relação ao destino de seus restos mortais. A confusão é tanta que alguns autores preferem unir os dois discípulos em um só capítulo como fez Aramis De Barros em seu *Doze Homens, Uma Missão.*

É confortável dizer que Tiago de fato foi martirizado em Jerusalém sob a ferrenha opsição dos fariseus, tendo seu corpo sido enterrado no vale de Cedrom nas proximidades do Monte das Oliveiras.

Sabe-se que o imperador romano Justiniano, mandou trazer de Jerusalém os restos mortais creditados ao apóstolo com o objetivo de somar esta relíquia a outras para reconstruir a Igreja dos Santos Apóstolos, erguida por Constatino ainda em 332 d. C.

Por mais que este autor tenha se empenhado, nada mais que refletisse a verdade ou que se sustentasse em alguma possibilidade real acerca da vida do apóstolo pôde ser verificada. Quanto mais avançamos em busca de novos fatos, mais nos vemos envolvidos numa confusão biográfica envolvento os dois Tiagos.

Podemos ter certeza, contudo que ele não renunciou ao seu ministério e como os demais partiu mundo afora anunciando o evangelho de seu mestre. Muitas vezes o silêncio que paira sobre a história de alguns santos refletem a vida moderada, o espírito manso e humilde que possuíam.

SIMÃO

As origens de Simão, o zelote, ou *cananeu,* é tão obscura quanto seu ministério dentre os doze apóstlos. Podemos dizer que este seja o mais desconhecido dos doze apóstolos. Segundo o historiador Nicéforo, Patriaca da igreja de Constatinopla entre 806 e 815 d.C. Simão era natural da humilde Caná da Galiléia, uma pequena aldeia que subsistia da pesca, da uva e do cultivo de alguns grãos e que

foi palco do primeiro milagre de Jesus (Jo 2.11). Sua localização é tão incerta quanto o perfil do zelote em tela. Bem podemos dizer que este seja o mais incógnito dos apóstolos.

PERFIL OBSCURO DE UM ZELOTE

Pouco, quase nada mesmo, é dito sobre ele na Bíblia. O evangelista Mateus o chama de Simão *cananeu*, enquanto o evangelista gentio, Lucas o chama de Simão, *Zelote*, provavelmente com o intuito de distingui-lo de outro Simão, o Pedro (Lc 6.15). Ambos os termos significam *zeloso,* porém não o zelo comum encontrado em muitas pessoas, mas aquele zelo extremado que a sociedade chama de *xiitismo.* Ele é citado em Mt 10:4, Mc 3: 18, Lc 6:15 e At 1.13. O termo cananeu não tem relação com Caná, como sugeriu Jerônimo, mas deriva do aramaico *Qannâ,* que significa *zelo extremado.* É possível que Simão fosse um dos convidados da festa de casamento (bodas de Caná), em que Jesus transformou água em vinho. Tradições antigas. Este ponto de vista é amplamente confirmado pelas mais antigas lendas gregas, coptas e etíopes sobre o ministério de Simão *canaanita.*

O texto apócrifo do século 2, conhecido como O *Evangelho dos doze apóstolos*, sugere que Simão recebeu o chamado em Cafarnaum, ao lado dos apóstolos pescadores, Pedro, André, Tiago e João aumentando assim o rol de discípulos cuja profissão era a pesca. Este silêncio das Escrituras acerca do momento do chamado de Simão é um daqueles detalhes incômodos da biografia apostólica. Todavia, em respeito às tradições mais antigas e aos intérpretes bíblicos pesquisados, adotarei com ênfase a ideia de que este apóstolo fora, em tempos passados um fervoroso nacionalista judeu, egresso dos zelotes.

QUEM FORAM OS ZELOTES?

Reconhecendo que ele fizesse parte da seita judaica dos zelotes, um grupo ultranacionalista que fazia frente às tropas romanas passamos agora a descrever quem eram esses revoltosos, o que defendiam e até que ponto influenciaram a carreira apostólica de

Simão. Esse grupo surgira no ano 6.d.C. e fora liderado por Judas, o Galileu, este, o grande herói do movimento. Judas, o Galileu, um pseudomessias, liderou uma revolta contra Quirino, o legado romano da Síria que havia ordenado um senso na Palestina. Ele se uniu a Zadoque, o fariseu, e juntos lideraram uma grande e violenta batalha contra o domínio romano. As tropas de Quirino conseguiram dispersar o movimento e Judas foi assassinado (Atos 5.37). O Dr. W. A. Lindsay declarou; "Desde essa época até a destruição de Jerusalém e a dispersão da raça judaica, a história externa dos judeus é, principalmente, um registro das lutas travadas pelos que zelavam pela Lei contra a invasão do poder romano e da cultura helenista". Os filhos de Judas deram continuidade à causa defendida pelo pai. Um procurador chamado Alexandre crucificou dois deles; Jacó e Simão. Um terceiro que dizia ser o Messias sofreu linchamento público. É muito provável que Barrabás e os dois ladrões que foram crucificados ao lado de Jesus fizessem parte dos zelotes da época. A versão Revista e Corrigida emprega acertadamente o termo "*salteadores*", para diferenciá-los de ladrões comuns em Mateus 27.44. A princípio os zelotes intentaram defender os judeus que estavam tendo seus bens confiscados pelos ocupantes romanos. Mas depois espiritualizaram o movimento e criam que tinham sidos chamados por Deus para exterminar os soldados romanos e os ímpios. Os zelotes tinham como missão punir todo aquele que profanasse ou desrespeitasse o Templo, a Lei e outros lugares e instituições judaicas. Eram, pois conservadores radicais, das tradições hebraicas, que lutavam contra a dominação romana. Tornaram-se uma seita a partir do momento em que criaram um código de honra para os integrantes. No pensamento deles eram escolhidos por Deus para executarem sumariamente a qualquer um que considerassem dignos de morte, pois contavam com o aval dos sacerdotes para praticarem linchamentos como no caso de Estevão em Atos 6. Flávio Josefo carimbava-os de "bandidos e salteadores."Aramis DeBarros relata (*op. cit.,* 136): *Um dos combustíveis que, vez por outra, reascendia as flamas zelotas era, de certo, a notória corrupção e a incompetência dos procuradores romanos da Judeia. Muitos deles pareciam se entreter*

com medidas desnecessárias e provocativas contra a já extenuada população judaica. A apropriação das vestes sacerdotais, a queima pública de rolos sagrados, a pilhagem de ofertas destinadas ao templo, os atentados diversos ao pudor, as repressões violentas contra a população civil, entre outras ações, só faziam aumentar o ódio reacionistas zelotes.

Foram muitos os violentos combates entre tropas romadas e as forças revolucionárias zelotas, comandadas em diferentes épocas por homens aguerridos como Eleazar bem Ananias, Mennahen bem Judá, Simão Bar-Giora e João Giscala só para citar alguns. Flavio Josefo narra essas gloriosas batalhas em seus escritos (*A guerra dos Judeus 2 e Antiguidades judaicas,XVIII).* O próprio Josefo era um líder na revota de 70 d. C., rendendo-se e sendo considerado até hoje um traidor da causa zelota.

DEPONDO AS ARMAS AOS PÉS DO MESTRE

Tendo conhecimento da brutal realidade do mundo zelota, é difícil entender como um partícipe de tais eventos sanguinários possa ter se tornado um fiel seguidor do Rabi Galileu; mas foi exatamente isso que aconteceu. Mesmo com um passado manchado de sangue, Simão rendeu-se por completo ao senhorio do amoroso Galileu. Quando se rendeu ao Rabi da Galiléia tornou-se o exemplo ideal do homem que abandonou suas convicções radicais e se entregou por completo ao senhorio de Cristo. Era de se esperar que um *xiita* como ele fosse criar caso com alguns do grupo como Mateus por exemplo, que era cobrador de impostos e considerado pelos zelotes como traidor. Ou com Bartolomeu que ao que parece era de origem nobre com raiz grega. Entretanto ele se mantém na penumbra acolhendo os ensinamentos de seu mestre acerca do perdão e da renúncia. Jamais se opôs a nenhum de seus colegas nem aos ensinamentos ultra pacíficos de Jesus, como ter que carregar o dobro de milhas a carga de um romano, ou entregar a outra face em caso de agressão. Que dizer de alguém disposto a derramar sangue diante da afronta romana ouvir de Jesus; “Se ti obrigarem a andar uma milha, anda duas”. Ou “se o teu inimigo te esbofetear numa

face, entrega-lhe a outra face.” Embora não encontremos escrito na Bíblia é certo que Jesus dedicou tempo especial para ter longas conversas com este homem, no sentido de preparar-lhe o caráter. Afinal, Simão podia estar alimentando a esperança de que Jesus era o Messias libertador, que logo manifestaria o seu grande poder, depondo o governo romano e assumindo gloriosamente o controle de tudo. Muitos estudiosos atribuem a ele a pergunta de Atos 1.6: *Senhor, é nesse tempo que restauras o reino a Israel?.*

Embora não se possa afirmar, minha convicção é que um zelote do grupo dos doze fez esta pergunta, sendo, por grau de importância os seguintes candidatos; Judas Iscariotes, Simão, o Zelote e Tiago Menor.

ATIVIDADE MINISTERIAL

Simão é acolhido na fé cristã como tantos outros anônimos como o santo homem que lutou nas trincheiras do evangelho sem deixar um histórico saliente. As tradições que discorrem sobre ele são, muitas vezes, discordantes com respeito à extenção da sua contribuição para as missões do século 1. Entretando é notório o fato de que há ênfase na historicidade de suas atividades em diferentes regiões da África e Europa. Essas tradições apontam a Líbia, o Egito e Mauritânia como palco de suas atividades apostólicas. Uma tradição revela que ele, em companhia de Judas Tadeu, percorreu as doze províncias da Pérsia anunciando o evangelho. Por fim, diversas fontes registram a presença de Simão nas Ihas Britânicas. Sobre isto escreveu Nicéforo, historiador do século 2: *Simão, nascido em Caná da Galiléia e apelidado zelote, graças à fervorosa afeição que demonstrou para com o seu Mestre e grande zelo pelo evangelho, sendo revestido do alto com o Espírito Santo, viajou pelo Egito e pela África, atravessando a Mauritânia e toda a extensão da Líbia com a mensagem do evangelho. Essa mesma doutrina ele ensinou no mar ocidental e nas “ilhas Britânicas”.*

Nicéforo apresenta o ex-zelote na Britânia quando esta estava imersa numa aguerrida luta contra a dominação romana e os nativos revoltosos. Muitos historiadores acham dificílimo que alguém pudesse pregar uma nova doutrina num ambiente assim, pois poderia facilmente ser confundido com um colaborador de Roma. Entretanto, quem poderia ser mais indicado para circular num ambiente de guerra senão um homem formado nas trincheiras dos zelotes? Acostumado a circular entre os inimigos romanos sem chamar a atenção. Sobre isto, o escritor George Jowett, em *O drama dos discípulos perdidos,* p. 159: *Nesse perigoso território, Simão estava imerso no que lhe era peculiar.*

Sua pregação era permeada por um convite à abstinência às coisas prazerosas e não satisfação de necessidades básicas. É bem possível tal determinação se levarmos em conta o zelo de um homem acostumado a extremos por causa da lei.

SUA MORTE

Muitos relatos associam o apóstolo ao colega Judas Tadeu. Relatam que juntos os apóstolos desbravaram regiões além da fronteira romana como Mesopotâmia e Pérsia. E que neste último endereço sofreram martírio, sendo Tadeu morto ao ser atingido por uma alabarda enquanto Simão serrado ao meio.

Segundo Hegésipo, um cronista do cristianismo primitivo, o apóstolo teria sofrido martírio durante o governo de Trajano em 107 d. C. com 120 anos de idade. Esta possibilidade, no entanto é desprezada por muitos estudiosos, visto que a data apontada alude ao tempo da terceira perseguição em que somente João ainda estava vivo.

Doroteo, autor do final do século 3 e início do século 4, portanto escrevendo com base em fontes históricas de sua época, afirma: *A missão evangelística de Simão foi de curta duração. O apóstolo viu-se por fim, preso sob ordens de Gatus Decianus. Como de costume,*

seu julgamento foi um ato de escárnio. Assim, Simão foi condenado à morte e crucificado pelos romanos em Caistor, Lincolnshire, e lá mesmo enterrado em 10 de maio de 61 d. C.

Como pudemos ver, são inúmeras tradições apontando cada uma um fim diferente para o apóstolo Simão, cabendo a nós escritores expor de forma ordenada e isenta as possibilidades para que o caro leitor acomode-se como queira.

A Igreja Católica garante que os restos mortais tanto de Simão quanto de Tadeu, repousam em uma das tumbas da Igreja de São Pedro e São Paulo em Roma.

TADEU

Na narrativa da Bíblia Tadeu é um personagem de bastidores e aparece apenas nas listas dos apóstolos. João, ao citá-lo como Judas cuida em esclarecer; ”não *o Iscariotes”.* Marcos o chama de Tadeu, enquanto Mateus vai chama-lo de Lebeu. Tadeu significa, entre outras coisas, *magnânimo,* enquanto que Judas significa *“Deus seja louvado”.* Acredita-se que o motivo de os escritores canônicos o chamarem por outros nomes é pelo fato de Iscariotes ter *sujado* o nome Judas. Lebeu (*Lebbaeus, hebraico*), seu sobrenome significa corajoso, segundo o Dicionário Bíblico de Easton, 1893.

UM NOME HONRADO

Esse é o apóstolo dos vários nomes; Tadeu, Judas, Lebeu. Jerônimo, um dos mais eminentes pensadores cristãos do século V,

chama-o de *Triônius,* ou seja, “aquele que possui três nomes”. Seu nome de nascença é Judas, um nome bastante comum no primeiro século, e é uma variante grega do nome hebreu Judá, cujo significado é “render graças”. A Bíblia descreve que quando Judá, o filho de Jacó nasceu sua mãe exclamou jubilosa; “Agora renderei graças ao Senhor,”chamando-o assim por tal nome. Judá, embora não fosse o primogênito de Jacó, destacou-se entre os doze patriarcas pelo seu caráter muito bem demonstrado no episódio que envolveu a conspiração contra José na qual ele se portou contrário à demanda sanguinária propondo estrategicamente “vender” o irmão quando a intenção velada era “poupá-lo” da morte certa. Esse nome gozava de grande respeito entre os hebreus. Lemos nas Escrituras um moribundo Jacó lançando uma profecia e uma bênção ao filho Judá: *Judá, teus irmãos te louvarão, as tuas mãos estarão sobre o pescoso dos teus inimigos; os filhos de teu pai se prostrarão a ti. Judá é um filhote de leão; para a presa meu filho, tu subiste. Descansa tu como leoa. Quem deve despertá-lo? O cetro não será tirado de Judá, nem um regente de sua coxa, até que venha para o que é enviado; e ele será as expectativas das nações.*

São palavras que fazem menção do Messias que seria chamado *Leão da tribo de Judá*. Todas as mães que colocavam esse nome em seus filhos o faziam por considerá-lo um nome digno e respeitado.

Que diremos do grande Judas Macabeus, o terceiro filho de Matatias, que em batalhas magníficas derrotou o exército de Antioco IV, no segundo século antes de Cristo? Macabeus foi um apelido que lhe atribuíram por causa do grande impacto de suas batalhas, pois tem origem na palavra aramaica *maqqaba* que significa martelo. Seus oponentes eram cinco generais, comandantes de numerosas tropas, porém ele venceu a todos eles e entrou vitorioso em Jerusalém. Sua memória está marcada na história dos judeus para sempre.

Certamente que os pais de Judas Tadeu colocaram-lhe esse nome pensando nestas coisas positivas. Judas Tadeu ouviu seu pai contar essas histórias dezenas de vezes, quando este tencionava marcar a vida do filho com histórias de heroísmo. Por outro lado,

Tadeu tem origem no aramaico e tem relação com “afeição materna”. Por fim, Lebeu significa “coração”. Por causa desses nomes existe muita controvérsia em torno dele.

Judas Tadeu era natural de Caná da Galiléia e chamado de irmão de Tiago, o menor. Na Vulgata, a versão da Bíblia em latin escrita por Jerônimo, ele é chamado *Iundam Iacobi et Iundam Scarioth qui fuit proditor, “*Judas, filho de Tiago e Judas Iscariotes que foi o traidor”.

QUEM ERA SEU PAI?

A Igreja católica faz uma grande confusão com o nome desse Tiago com o fim de creditar a ele a carta de outro Tiago, o meio irmão de Jesus. É que a frase Judas de Tiago tando pode signicar que os dois são irmãos como pai e filho. Sendo que a possibilidade é muito maior para que eles sejam pai e filho, visto que o grego original nesse caso, simplesmente diz “Judas de Tiago”. O fato é que a Igreja Católica força ao máximo o primeiro entendimento para corroborar com a alegação de que este é o Tiago irmão de Jesus, autor da carta universal que leva seu nome e aquele que presidiu o Concílio de Jerusalém, acomodando-o na caixinha dogmática que apresenta Maria de Nazaré imaculada e eternamente virgem. Entretanto a grande maioria dos eruditos entendem que a expressão Judas de Tiago sugere muito claramente uma partenidade em detrimento de irmandade.

O autor Aramis DeBarros refuta assim tal argumento católico em seu livro Doze Homens, Uma Missão, (p. 277).

A impropriedade dessa alternativa repousa, basicamente, sobre duas constatações: primeiramente, porque sendo Jesus o primogênito de Maria, segue-se que Tiago foi um de seus irmãos mais novos; portanto, ainda que tivesse contraído matrimônio em tenra idade, dificilmente poderia ser pai de alguém maduro o suficiente para tomar sobre si a responsabilidade do discipulado cristão.

Outro obstáculo para o argumento católico é que as tradições primitivas destacam em Tiago, o Justo um homem extremado no

zelo e dedicado ao celibato.

Refutada essa hipótese, resta-nos os dois Tiagos apóstolos como possível pai de Judas Tadeu. Alguns autores defedem Tiago, o Maior como genitor de Tadeu. McBirnie comenta (*op. Cit.,p.205*): *Judas era filho de Tiago Maior e neto de Zebedeu [...] Seguiu, provavelmente os passos de seu pai até o círculo dos doze, desde as adjacências de Cafarnaum, onde ambos, em tempos anteriores, trabalharam como pescadores.*

Se essa informação for correta, Judas seria, com certeza um dos mais jovens entre os discípulos, juntamente com seu tio, João. De certo é que a arte sacra medieval retratou um Judas Tadeu relativamente jovem na cena do martírio, o que acentua a ideia de precosidade apostólica. Neste caso, Tadeu seria neto de Zebedeu e Salomé, umas das mais dedicadas mulheres do Novo Testamento. A proximidade e parentesco com dois dos três apóstolos mais íntimos de Jesus explicaria por exemplo o porquê do apóstolo ser apagado nos relatos bíblicos, mas ter se destacado no relato histórico da igreja, ocupando espaço proeminente no palco ministerial pós bíblico.

TADEU NA ARMÊNIA A relação da igreja Armênia com o trabalho dos apóstolos é uma das mais reconhecidas de toda a tradição histórica. Dentre os inúmeros registros de trabalho missionário cristão na Armênia do século 1, os realizados por Tadeu são os mais relevantes em relação a outros quatro apóstolos que ali estiveram desenvolvendo o ministério de ploclamação do evangelho.

Assadour Antreassian, no livro *Jerusalém e os armênios (p.20),* admite a atuação missionária dos apóstolos em tempos remotos: *[...] O cristianismo foi levado à Armênia pelos apóstolos Tadeu e Bartolomeu, na peimeira metade do século 1. [...] Uma cronologia popularmente aceita registra um período missionário de oito anos para São Tadeu (35-43 d. C.) e dezesseis para Bartolomeu (44-60 d.C.). Ambos sofreram martírio naquelas terras, sendo o de Tadeu em Ardaze, em 50 d.C., e o de Bartolomeu em Derdent, em 68 d. C.*

O consagrado Eusébio de Cesaréia que viveu entre 260 e 340 d.C. registrou em sua obra *História Eclesiástica,* fatos marcantes da fé cristã na Armênia primitiva.

A relação aguda do apóstolo em tela com a Armênia é incontestável, dada a punjante tradição a respeito e o endosso patrístico. Entretanto, durante o longo trajeto da palestina até lá , muitas regiões foram alcançadas, o que certamente permitiu ao apóstolo, ávido em cumprir o Ide do Senhor, pregar para essas nações, notadamente carentes de ouvir a mensagem de salvação.

SEU MARTÍRIO

Existem muitas lendas relacionadas à passagem do apóstolo pela Pérsia, atual Irã e pela Síria. A tradição persa expõe Tadeu como um devotado missionário ao lado de Simão, o zelote, onde, segundo consta das lendas relacionadas, ambos sofreram martírio.

Segundo as lendas, as mais relevantes ações do apóstolo na Armênia se deram no governo de Abgar, porém, o seu martírio está relacionado ao filho deste, seu sucessor Severus. Textos siríacos apresentam a ação de um certo *Adeu apóstolo*, que segundo os historiadores vem a ser Tadeu: ***Adeu*** *pregou em Edesa e na Mesopotâmia nos dias do rei Abgar. Estando ele com os zofenianos, Severus, filho de Abgar, mandou busca-lo e feriu-o, assim como a um jovem discípulo seu, em Agel Hasna.*

Na Bíblia ele é um personagem de bastidores e aparece apenas nas listas dos apóstolos. João, ao citá-lo como Judas cuida em esclarecer; ”não *o Iscariotes”.* Marcos o chama de Tadeu, enquanto Mateus vai chama-lo de Lebeu. Tadeu significa, entre outras coisas, *magnânimo,* enquanto que Judas significa *“Deus seja louvado”.* Acredita-se que o motivo de os escritores canônicos o chamarem por outros nomes é pelo fato de Iscariotes ter *sujado* o nome Judas. Lebeu (*Lebbaeus, hebraico*), seu sobrenome significa corajoso, segundo o Dicionário Bíblico de Easton, 1893.

Por fim, há uma linha não muito confortável de que Tadeu e Judas não sejam a mesma pessoa. Para tanto alegam que teria acontecido de um dos apóstolos ter morrido durante os três anos de ministério de Jesus e que os evangelistas “evitaram” escrever sobre isto. Assim o apóstolo morto teria sido substituído por outro. Já outros alegam que a igreja não tenha preservado os nomes corretos dos apóstolos escolhidos por Jesus que poderiam ter sido confundidos um com o outro. Mas estas são especulações sem procedência, vindo de quem quer mais confundir do que esclarecer. Afinal, muitos fatos negativos ocorreram entre eles sem que nenhum tenha “evitado” escrever sobre eles.

O único episódio em que Judas Tadeu é mencionado é em João 14.22 em que ele pergunta para Jesus: —Donde procede, Senhor; que estás para manifestar-Te a nós e não ao mundo?

Algumas tradições bastante confusas relacionam o apóstolo a missões evangelísticas e ao seu martírio, sem contudo fornecer elementos que ratifiquem as afirmações, lançando tais informações no âmbito da especulação. Uma dessas tradições declaram que ele foi evangelizar na Pérsia e na Mesopotâmia onde teria sido martirizado por pregar o evangelho do Senhor Jesus. As mesmas fontes declaram que ele trabalhou a causa do seu Senhor na Judeia, Samaria, Idumeia, Síria e na Líbia antiga, uma região situada a Oeste do vale do Nilo, onde hoje é conhecido como Noroeste da África.

Por mais que este autor tenha se empenhado em busca de mais informações sobre este santo homem de Deus, nada mais que fosse relevante e confiável encontrou.

JUDAS

A definição mais curta para Judas, no mundo inteiro é, *traidor*. Seu nome está associado à ingratidão, infidelidade, desprezo e outros sentimentos correlatos. Judas provém de *yehudhah,* em hebraico transliterado, de onde se originou os termos *judeu* e *Judéia*. No grego bíblico, *louda.* Judas é a forma grega para o nome hebraico Judá, um nome coberto de honras na cultura judia, visto pertencer ao quarto filho do patriarca Jacó com sua esposa Lea.

Poucas pessoas escolheriam este nome bíblico para seus filhos. No Brasil, e em outros países latino-americanos, os devotos católicos celebram o Sábado de Aleluia "*malhando o Judas",* uma manifestação anual do asco e desprezo que as pessoas nutrem até os dias de hoje pelo ignominioso personagem neotestamentário. O ritual macabro consiste em dependurar em postes ou estacas, bonecos simbolizando Judas Iscariotes para em seguida ataca-lo com porretes ou atear fogo. Não obstante o nome ter sido estigmatizado no decorrer dos séculos, Judas já foi um nome coroado de glórias. A esse respeito Aramis DeBarros declara (*op. cit.,* p. 174): *Ao contrário do que ocorre na cultura cristã, o nome Judas, entre os judeus, rememora episódios de fidelidade e de devoção. Na história de Israel, o nome foi coroado de glória em função do fervor revolucionário de um dos mais ilustres membros da casa dos Macabeus. Personagem destacado do período interbíblico, Judas Macabeu sagrou-se – ao lado do pai e dos irmãos – pela bravura ne luta pela libertação de Israel das mãos opressoras do rei sírio Antíoco Epífanes, tornando-se assim um dos grandes heróis daquela nação.*

Não há tarefa mais isalubre para um escritor cristão que se empenha em escrever sobre os apóstolos do que esta de escrever sobre Judas Iscariotes. Ele passou para a história como o discípulo que traiu seu Mestre com um beijo. Judas foi escolhido por Jesus para compor o círculo dos doze homens que acompanhariam Jesus por todos os lugares e receberiam instrução e autoridade para levar o evangelho pelo mundo afora até aos confins da terra. Seu chamado está registrado em Lucas 6.13-16. Seu nome aparece na lista dos apóstolos sempre em último lugar, seguido da imformação de que ele é o traidor. O médico historiador que escreveu o terceiro Evangelho termina a lista dos apóstolos dizendo; *"e Judas Iscariotes que veio a ser o traidor."* Mateus conclui dizendo; *"e Judas Iscariotes, aquele que o traiu."* Marcos diz; *"e Judas Iscariotes, que o entregou".*

Seu pai chamava-se Simão, conforme João 6.71. Judas acompanhou Jesus durante todo o seu ministério, presenciou os milagres, as manifestações de poder, os ensinamentos. Entretanto, era um homem de coração dividido. Fisicamente ele estava com Jesus, mas seu coração estava sempre distante e agitado. A Bíblia diz, através dos ensinamentos do próprio Jesus que é impossível alguém servir a dois senhores. Pois, sempre haverá de negligenciar a um e privilegiar a outro.

O Polêmico "Sobrenome"

Judas tem por sobrenome, Iscariotes, que segundo estudiosos pode ser uma referência ao seu ingresso nas forças revolucionárias ultranacionalistas dos zelotas. Iscariotes então proviria de *sica,* uma adaga ou punhal que eles usavam para cometer atentados contra seus inimigos. Esses atentados, geralmente praticados contra pessoas ligadas ao Império como os soldados e os publicanos. Eles atacavam quase sempre na surdina ou em meio a uma gritaria. Da palavra surgiu o termo latino *sicarius* (assassino). Iscariotes seria a transliteração de *Ish sicaris*, que significa "homem do punhal." Alguns biblicistas afirmam que ele é o único dos doze não natural da Galileia, mas sim da região de Kerioth, na Judéia. Jerônimo de

Belém já interpretava que se tratava do nome simplificado de um grupo de aldeias chamadas Queriote-Erzom (Josué 15.21) localizadas na província da Judéia no território da tribo de Judá, onde hoje está localizada Qirbet-et-Qaryatein, há 20 Km de Hebrom. Embora a interpretação de Jerônimo atribua a Judas uma característica distintiva dos demais apóstolos tornando-o o único dos doze a não ser oriundo da Galiléia, tal qual outras suposições alista-se no obscuro rol das especulações.

O mais provável, porém, é que de fato ele era um xiita zelota e que por isto mesmo vivia um constante conflito interior. Ansiava que Jesus fosse o libertador prometido, que através da espada quebraria o jugo e libertaria Israel do domínio romano.

No começo ele vivia de idas e vindas ao covil de seus correligionários. Hora estava com o pensamento em Jesus, hora na sua facção política. Vivia perguntando a Jesus quando se daria a instalação do seu reino. Ele sonhava com as armas e com o momento em que Jesus se revelasse como o grande Messias que resolveria tudo num passe de mágica. Apresentava a estes o Messias que estava prestes a se revelar. Tinha seus ouvidos emprestados também aos sacerdotes e aos saduceus. Tirava proveito da situação de ser amigo do Rabi da Galiléia. Ele não traiu Jesus em um ato único e isolado, mas levou uma vida de duas e as vezes de três caras. Era um mascarado.

Embora, desde o princípio, Jesus soubesse que Judas o trairia, lhe deu poder e autoridade juntamente com os demais discípulos. Em Mateus 10.5 diz que Jesus "*enviou os doze"* com poder sobre os demônios e enfermidades. Em João 6.70-71 diz; *Então Jesus respondeu; Não fui eu que escolhi os doze? Todavia, um de vós é um diabo. E isto dizia ele de Judas Iscariotes, filho de Simão; porque este o havia de entregar, sendo um dos doze.*

O texto de João dá ênfase ao fato de que, ele sendo um dos doze, se deixou influenciar pelo Diabo, ao invés de pelo Espírito Santo. E o Diabo só influencia aquele que dá lugar, ou em outras palavras; dá legalidade. Nas profecias não constam o nome do traidor, portanto,

Judas não foi irresistivelmente escolhido para trair a Jesus. Sua identidade só foi revelada na última ceia quando seus planos diabólicos e gananciosos já estavam inexoravelmente em andamento. Existem muitos Judas no nosso meio. Às vezes, grupos de Judas tentando cooptar a membresia da igreja e jogá-la contra o líder. Em meu livro, *O Espírito de Jezabel,* deixo claro como eles operam.

O motivo pelo qual Judas foi escolhido era idêntico ao dos outros apóstolos; ser enviado após Jesus para estabelecer a Igreja. Judas não estava fadado a ser traidor. Ele agiu assim por livre arbítrio. A Bíblia diz que se uma semente não se entregar ao seu ofício de morrer para gerar uma árvore, jamais poderá se tornar como tal. Judas não se entregou ao senhorio de Cristo.

Quando Jesus enviou os discípulos de dois em dois com poder e autoridade, Judas estava lá e era um dos que expulsavam demônios e curaram enfermos. Quando Jesus multiplicou o pão e alimentou cinco mil pessoas, Judas foi um dos que distribuiu o pão que se refazia a cada vez que era partido. Ele ouviu o mais belo sermão já proferido neste mundo: O Sermão da Montanha.

O TESOUREIRO

Além do ativismo radical que agitava o coração dele, ainda consta o fato de que ele era um mal caráter ladrão e ambicioso. Jesus havia lhe confiado o cargo mais relevante do grupo; o de tesoureiro. Sabemos que à medida que Jeus ia chamando os discípulos para si, incluindo aí os setente, eles largavam suas atividades e labores, dedicando´se exclusivamente ao ministério com Jesus. Claro que isto representava uma responsabilidade financeira. Afinal, eles agora dependiam, para as despesas cotidianas, das ofertas que eram entregues por aqueles que bem de perto acompanhavam o séquito. É fato que as ofertas não eram minguadas visto que pessoas de posse colaboravam com o grupo Ele cuidava da bolsa do dinheiro. Era ele quem comprava o alimento, alugava barcos, alugava casas e pagava a hospedagem dos doze. Esse era um

cargo que bem poderia ter sido confiado a Pedro, o mais velho. Ou a Mateus, um exímio conhecedor de cálculos monetários. Mas Jesus o confiou a Judas, como prova de sua confiança, fidelidade e amor para com aquele que o haveria de trair. Porém as referências dele na função de tesoureiro são as piores possíveis. Desde o princípio até o fim ele foi honrado por Jesus. Jesus lavou seus pés como fez com os demais.

Certo dia, quando a Páscoa judaica estava se aproximando, uma mulher se achegou a Jesus e prostrada a seus pés derramou um frasco de perfume caríssimo sobre sua cabeça como ato de extrema devoção. Todos os apóstolos estavam presentes além de outras pessoas. Mas somente Judas fez objeção ao ato daquela mulher. Ele disse em tom de grave reprovação que aquilo era um tremendo desperdício, pois um perfume tão caro poderia ter sido vendido e o dinheiro distribuído aos pobres. Ora, como tesoureiro, ele seria o responsável por vender o tal perfume e por distribuir a *grana* aos pobres. Digo grana para acentuar a ganância deste homem, pois ele não tinha nenhum interesse nos pobres e com esta atitude demonstrou não ter respeito nem pela devoção alheia, nem pelo restante do séquito dos apóstolos nem pelo próprio Jesus que era o alvo da honraria. O autor do quarto evangelho dá o seu veredito dizendo: *Ele não falou isto por se interessar pelos pobres, mas porque era LADRÃO; sendo responsável pela bolsa do dinheiro, costumava tirar para si do que era ali colocado.*

Esse era o grande desvio do caráter de Judas; ladrão desde o princípio! Foi por aí que o Diabo começou a trabalhar.

Judas, como sabemos, não era o único Zelote do grupo. A Bíblia apresenta na lista dos doze um Simão Zelote. Este, como se percebe, comportou-se totalmente diferente do seu colega e tornou-se um cristão íntegro e fiel. Judas vivia pressionando Jesus sobre o dia em que ele finalmente destituiria Herodes do trono e assumiria o governo. Em Atos 1.6 lemos que alguém do grupo pergunta para Jesus; “Senhor, será este o tempo em que restaurarás o reino a Israel?” Este era o sentimento dominante entre os Judeus, mas em

especial aos ativistas como Judas, Simão e seu séquito, os Zelotes. As respostas de Jesus a essas perguntas foram minando a esperança de Judas que se apegava ao presente e temporal e não ao futuro e eterno. Jesus dizia que seu reino era futuro e pacífico. Que os inimigos deveriam não somente ser perdoados, mas amados pelos seus seguidores. Judas começou a calcular o prejuízo de ter seguido aquele homem e buscava agora uma maneira de compensar aquela frustração; com dinheiro, sua grande paixão. Ele percebeu com o passar do tempo que as intenções de Jesus eram outras e que sua mensagem destoava do *modus operandi* do seu bando.

O Beijo Maldito

Depois destes fatos, Judas procurava uma maneira de lucrar com o cargo que tinha junto ao grupo. Sempre que permitimos que outros valores concorram com o nosso chamado, corremos o risco de cair no laço do passarinheiro, o Diabo, nosso arqui-inimigo que tão de perto nos rodeia: *Então Satanás "entrou" em Judas, chamado Iscariotes, um dos doze"(Lucas 22.3).*

Satanás adentrou pela grande brecha no caráter deste homem. O Espírito Santo não dominava mais aquela vida. Ele tinha se colocado a serviço do inimigo.

Jesus costumava se reunir no Monte das Oliveiras, num lugar escolhido por ele e pelo que parece, de difícil localização. Judas conhecia bem o lugar. Também sabia que os inimigos de Jesus queriam prendê-lo em um local como este; longe da multidão de seguidores. Era a grande oportunidade que ele esperava.

Judas dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes e aos oficiais da guarda do templo e tratou com eles como lhes poderia entregar Jesus. A proposta muito os alegrou e eles lhes ofereceu dinheiro." (Lucas 22. 4-5).

Judas estava vendendo uma informação e um serviço aos inimigos da causa cristã. O texto conclui este lamentável e triste

episódio dizendo que Judas *“retornou para perto de Jesus e ficou esperando a melhor ocasião de o entregar”.*

Eu invejo a criatividade de alguns colegas pregadores que conseguem defender Judas como alguém muito bem-intencionado e digno de honras.

A ocasião que ele esperava chegou na noite de sexta-feira que antecede o domingo de Páscoa, quando Jesus reuniu-se com os doze em um cenáculo da família de Marcos. Judas, como tesoureiro, fez os preparativos e comprou as coisas necessárias para o evento. Pela orientação de Jesus, não contratou o servo que deveria recepcionar os chegantes com uma toalha e uma bacia para lavar-lhes os pés. Naquele dia, o próprio Jesus era o servo que lavaria um por um os pés de todos. Após o impacto daquela ação, Jesus passou a convidar os discípulos para se assentarem pela ordem de honraria do momento. O lugar imediatamente à direita do anfitrião era o de maior honra e sempre foi ocupado pelo mais moço dos discípulos, João. Mas, naquela noite, os olhos de Jesus encontraram-se com os de Judas e o lugar lhe foi oferecido pelo Mestre. Judas teve ainda a honra de molhar o seu pão no mesmo prato de Jesus.

É um dos doze, alguém que come comigo no mesmo prato (Marcos 14.20).

Judas, literalmente, cuspiu no prato que comeu. Não, não foi por falta de amor, nem de atenção, nem de honra que Judas traiu Jesus... Foi por falta de caráter! Não há como defender salvação para Judas. O próprio Jesus declarou que ser entregue por alguém aos inimigos era um fato que passava pela soberana vontade de Deus. *“Porém, ai daquele por intermédio de quem ele fosse entregue”*. E continua dizendo; “*melhor lhe fora não ter nascido”.*

Judas saiu dali direto e apressado para os sacerdotes. Ele queria assegurar o prêmio do seu serviço; trinta moedas! Dinheiro! O preço de um escravo, conforme Êxodo 21.32. Isto cumpriu a profecia de Zacarias ! Um valor dez vezes menor que a avaliação que ele fez do

unguento de nardo dias antes na casa de Lázaro. Ele prontificou-se a conduzir os soldados do templo ao escoderijo de Jesus.

Lucas vai nos dizer que Jesus estava sobre o Monte das Oliveiras, num lugar chamado *Getsêmani,* em tão intensa agonia que chegou a suar sangue. Enquanto isso, o traidor estava subindo o Monte com um grupo de sacerdotes, saduceus e guardas do Templo munidos de porretes para prender Jesus e seu grupo de seguidores. Ao chegar no lugar onde Jesus estava, Judas o beijou no rosto como sinal para os soldados. Um beijo no rosto; esta era a senha combinada. Lucas 22.47-48 diz: *Enquanto ele ainda falava, apareceu uma multidão conduzida por Judas, um dos Doze. Ele se aproximou de Jesus para cumprimenta-lo com um beijo. Mas Jesus lhe perguntou: "Judas, com um beijo você está traindo o Filho do homem?"*

Dali para a frente Jesus passou a sofrer as mais aviltantes agressões. Pela manhã, já bastante castigado e ferido, foi levado a Pôncio Pilatos. Quando Jesus foi encaminhado ao Sinédrio e apresentado as autoridades romanas, Judas percebeu seu erro, mas não se arrependeu do que fez. Pois o arrependimento conduz ao perdão e salvação. Ao contrário; ele sentiu um profundo remorso, que é quando a pessoa se arrepende não do mau que praticou, mas das consequências de seus atos. Ao invés de procurar se consertar com Deus e seu Filho, foi se confessar com os seus amiguinhos do Templo. Os que lhe deram uns trocados. Queria devolver a grana. Tinha atentado contra *sangue inocente*. Tarde demais! Seu clamor não foi ouvido, antes, os sacerdotes riam dele. Desesperado e cheio de remorso, ele atirou as malditas moedas do prêmio da traição no interior do Templo.

O Suicídio

A Bíblia vai nos dizer que Judas, em sua desgraça, busca uma corda e dirigindo-se a um lugar ermo cometeu suicídio enforcando-se. Sua morte está relatada apenas no Evangelho de Mateus e no livro de Atos onde lemos: "Ele precipitou-se de cabeça para baixo,

arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram.”É provável que Judas tenha se enforcado lançando-se de um precipício, e que a corda usada para tal tenha si rompido e ele, batendo o corpo contra a parede rochosa tenha tido seu corpo aberto e os órgãos internos expostos. Um triste fim para aquele que foi escolhido entre todos da humanidade para compor o seleto grupo de doze homens de Jesus. Judas não se permitiu a conversão, mas tão somente buscava o convencimento. Suas atitudes diante do cargo, desviando para si o que entrava de oferta para a manutenção do ministério, as palavras cheias de ciúme e avareza, a maneira como procurou negociar com os poderosos, mostraram que ele jamais nasceu de novo. Alguém me perguntou um dia se Judas tinha outra alternativa senão a de “cumprir” aquilo para o qual fora designado. A este, redargui com o seguinte: Se Deus precisasse hoje de mil Judas, Ele teria alguma dificuldade para encontrar? Teria Ele que condenar alguém a esta triste missão por falta de pessoas gabaritadas para isto? Claro que não! Não podemos de forma alguma imputar à vontade de Deus a conduta reprovável deste ou de outros homens. Ele em sua concumpiscência e maldade é que se deixou desviar para o mau. Sempre digo que o Diabo só usa quem lhe dá legalidade, e este foi claramente o erro de Judas; um erro de consequências eternas.

A Lei do templo condenava o uso de dinheiro envolvido em atos ilícitos, por isto não puderam recolher o dinheiro devolvido aos cofres do templo. Decidiram então empregar o dinheiro numa ação social: *E os principais dos sacerdotes, tomando as moedas de prata, disseram: Não é lícito metê-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. E tendo deliberado em conselho compraram com elas o campo de um oleiro para sepultura dos estrangeiros” (Mateus 27.6-7).*

Os sacerdotes sabiam que Jesus seria morto, mas Judas, na sua cegueira ambiciosa só percebeu depois. É fato que o dinheiro, verdadeiramente cega as pessoas.

O Substituto

Com o infeliz desfecho do curto ministério de Judas, abre-se uma lacuna no meio dos doze. Uma vaga que, segundo o olhar criterioso do mais velho dos apóstolos, Simão Pedro, deveria ser preenchida. Isto significa que eles atribuíam grande significado ao número doze, com referência às doze tribos de Israel. A vaga deveria ser preenchida por alguém idôneo que tivesse sido testemunha dos fatos desde o batismo de João Batista até sua ascenção ao céu. Para provar que está agindo de acordo com as Escrituras Pedro cita os Salmos 69 e 109 declarado que estes Salmos prediziam pelo Espírito Santo a traição de Judas: *Porque no livro dos Salmos está escrito; Fique deserta a sua habitação. E não haja quem nela habite. Tome outro o seu bispado* (Salmo 69.25).

Sejam poucos os seus dias e tome outro o seu ofício (Salmo 109.8).

Embora os Salmos em questão sejam de autoria de Davi, Pedro reconhece neles a voz do Espírito. Pedro declara que Judas havia alcançado lugar entre os apóstolos, mas que, desviando-se, foi para o lugar que lhe fora designado. Em seguida, Pedro substitui o termo ofício, por bispado que corresponde ao termo grego *epíscope.*

A priori, dois homens foram qualificados para assumirem tal encargo; José e Matias, que tendo seus nomes lançado em sorte por sorteio, foi definido que Matias seria o substituto de Judas. Com relação a este episódio, nenhum escritor responsável se esquivaria de lembrar que alguns críticos alimentam a ideia de que tal escolha foi uma precipitação por parte dos apóstolos. Citam como endosso a ausência de qualquer registro sobre o ministério de Matias no livro de Atos, bem como a pálida associação do apóstolo nas tradições da Igreja.

Por outro lado apresentam o surgimento do grande Saulo de Tarso como a provável indicação divina para tal ofício.

Conjecturas à parte, a de se dizer que os apóstolos estavam em oração, e que Pedro menciona a ação direta do Espírito Santo na escolha de um substituto.

Neste episódio fica claro uma coisa; Judas tinha vendido a informação da localização de Jesus e guiado seus inimigos ao local, ambicionando comprar o terreno onde se enforcou. Quando os sacerdotes souberam do seu suicídio, decidiram realizar o sonho de Judas comprando aquele terreno e destinando-o a uma obra social que atenderia ao sepultamento de estrangeiros. Uma herança maldita!

A insólita memória deste apóstolo tornou-se terra fértil para as mais bizarras especulações. Tanto dos zombadores do evangelho que tentam se aproveitar do contexto dramático de seu suicídio para afirmar as mais absurdas conjecturas, como os bem intencionados que inventaram acréscimos à narrativa bíblica para fantasiar acerca do destino eterno de Judas.

Há ainda que se destacar a versão filosófica, apoiada por céticos e agnósticos que que buscam harmonizar a onipotência de Deus com a maldade existente no mundo. Alegam que Judas era um predestinado, não tendo controle sobre suas ações. Alegam ainda outros que se o ato de traição de Judas culminou na morte redentora do Cordeiro, resta que Judas foi instrumento indispensável para a consumação da Salvação oferecida no calvário, e que puni-lo com o inferno seria uma grande injustiça.

BIBLIOGRAFIA

CESARÉIA, Eusébio de. História Eclesiástica. CPAD, 2003.

CASTRO, Abdias. A História da Igreja. Clube de Autores, 2018.

FOX, John. O Livro dos Mártires. CPAD, 2003.

LOHSE, Eduard, Contexto e Ambiente do Novo Testamento. 2 ed. São Paulo: Paulinas **Bíblia de Referência Thompson,** Editora Vida. 2. Edição, 2015

Bíblia Almeida Século 21, Editora Vida Nova **LADD**, George Eldon, Teologia do Novo Testamento, JUERP

SAULNIER Christiane **e ROLLAND** Bernard, A Palestina nos Tempos de Jesus, Edições Paulinas **JOSEFO** Flávio, A História dos Hebreus, CPAD, 14ª Ed. 2008

BAXTER J. Sidlow, Edições Vida Nova, 1985.

MUNCASTER O. Ralfh, Examine as Evidências, CPAD, 2007

Bíblia de Estudos da Mulher de Fé, **NVI**, Editora Vida, 2014

ARAÚJO, Carlos Alberto R. de, A Igreja dos Apóstolos, CPAD, 1ªEd. 2012.

DUNNETT, Walter M., Panorama do Novo Testamento, Vida Nova, 2005.

RICHARDS, Lawrence O., Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento, CPAD, 2008.

DeBARROS C. Aramis., Doze Homens, Uma Missão, Hagnos, 2006.

NEWMAM, Dorman. The Lives and Deaths of the Holy Apostles. Londres: Kings Arms in the Poultry, 1685.

CHAMPLIN, Russell N. Novo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo, Hagnos, 2008

[1] Cf. John Fox, O Livro dos Mártires, Ed CPAD, 2001, pg. 3